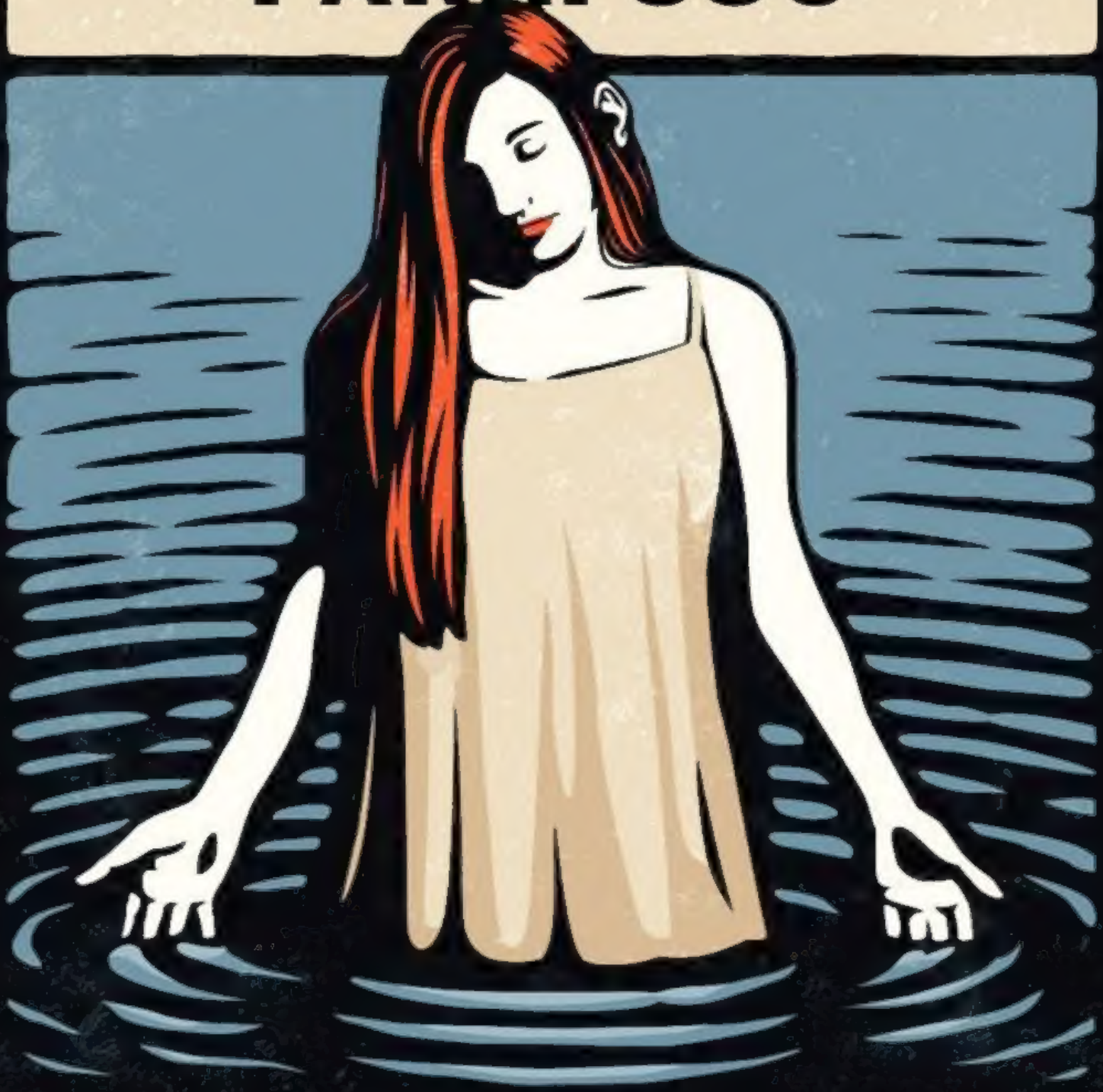
OUTRA VOLTA DO PARAFUSO



Henry James

HENRY JAMES

OUTRA VOLTA DO PARAFUSO

Tradução de Brenno Silveira

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Do original inglês:

THE TURN OF THE SCREW

OUTRA VOLTA DO PARAFUSO

A história nos mantivera em suspenso, em torno do fogo, mas, à parte a óbvia reflexão de que era horrível, como essencialmente deve ser toda história estranha contada, numa véspera de Natal, em uma velha casa, não me lembro que sobre ela se fizesse qualquer comentário, até que alguém se aventurou a dizer que era o único caso em que tal coisa acontecia a uma criança. Tratava-se, posso dizê-lo, de uma aparição ocorrida numa casa tão velha como aquela em que nos achávamos reunidos — aparição, de horrível espécie, a um menino de pouca idade que dormia no aposento de sua mãe. Aterrorizado, o pequeno despertou, e a mãe, antes de ter-lhe dissipado o terror, fazendo com que o filho dormisse novamente, também se viu, de repente, diante do mesmo espetáculo que o havia transtornado. Esta observação despertou em Douglas — não imediatamente, mas um pouco mais tarde, naquela mesma noite — uma réplica que teve a interessante consequência para a qual chamo a atenção do leitor. Outra pessoa contou uma história sem qualquer interesse particular, e eu notei que Douglas não a escutava. Interpretei tal fato como sinal de que ele tinha algo a dizer-nos, e de que tínhamos apenas de esperar. Na verdade, tivemos de esperar dois dias; mas, naquela mesma noite, antes que nos recolhêssemos, revelou-nos aquilo que o preocupava.

— Concordo inteiramente, quanto ao que diz respeito ao fantasma de Griffin, ou o que quer que seja, que o fato de haver aparecido, em primeiro lugar, a um menino de tão tenra idade, lhe confere uma característica particular. Mas não é a primeira ocorrência de tão encantadora espécie a acontecer a um menino, segundo sei. Se uma única criança aumenta a emoção da história e dá outra volta ao parafuso, que diriam os senhores de duas crianças?

— Diríamos, por certo — exclamou alguém — que dariam duas voltas! E, também, que gostaríamos de saber o que aconteceu.

Posso ainda ver Douglas diante do fogo, ao qual já agora dera as costas, para encarar, de alto a baixo, com as mãos metidas nos bolsos, o seu interlocutor.

— Até hoje ninguém, exceto eu, ouviu falar de coisa semelhante. É por demais horrível!

Muitas vozes se ergueram, naturalmente, para declarar que isso dava à história um valor supremo. Nosso amigo, preparando o seu triunfo com tranquila arte, fitou-nos a todos e prosseguiu:

— Ultrapassa tudo o que se possa imaginar. Não sei de nada que se lhe compare.

— Como terror absoluto? — lembro-me de haver perguntado.

Pareceu dizer-me que o caso não era tão simples assim — que não sabia, realmente, como qualificá-lo. Passou a mão pelos olhos e contraiu o rosto:

— Como coisa horrorosa. . . Espantosa!

— Oh, que maravilha! — exclamou uma das senhoras.

Ele não lhe deu atenção. Olhou-me, mas como se, em lugar de minha pessoa, visse aquilo de que estava falando:

— Como um misto pavoroso de fealdade, horror e dor.

— Então — disse-lhe eu — sente-se e comece logo a sua história.

Douglas voltou-se para o fogo, empurrou com o pé um pedaço de lenha e ficou a fitá-la um instante. Depois, encarou-nos novamente:

— Não posso. Preciso antes enviar um recado à cidade.

Estas palavras motivaram uma exclamação unânime de protesto, acompanhada de muitas censuras, após o que ele, com o seu ar preocupado, explicou:

— A história já foi escrita. Acha-se fechada numa gaveta. . . de onde não sai há muitos anos. Poderia escrever ao meu criado, enviando-lhe a chave; e ele me remeteria o pacote incontinenti.

Era a mim, em particular, que ele parecia fazer aquela proposta; parecia mesmo implorar a minha ajuda, para acabar com as suas hesitações. Havia quebrado, assim, uma camada de gelo que se formara durante muitos anos; naturalmente, tivera lá suas razões para aquele longo silêncio. Aos outros não agradou o adiamento, mas foram justamente os seus escrúpulos que me encantaram. Instei para que escrevesse pelo primeiro correio e combinasse conosco uma reunião para uma pronta leitura; depois, perguntei-lhe se fora ele que passara por tal experiência. Sua resposta não se fez esperar:

— Não, graças a Deus!

— E o relato é seu? Foi você quem o anotou?

— Anotei apenas a impressão que me causou. O resto guardo aqui — acrescentou, tocando o coração. — Jamais o perdi.

— E o seu manuscrito, então?

— Está escrito com uma tinta antiga, quase delida, numa letra belíssima. — Vacilou ainda um instante. — Uma letra de mulher. De uma mulher que morreu há vinte anos. Antes de morrer, enviou-me as páginas em questão.

Todos estavam agora a escutá-lo e, naturalmente, não faltou quem dissesse algo malicioso ou, ao menos, quem não fizesse a inevitável inferência. Mas se Douglas pôs de lado a inferência sem um sorriso, também o fez sem nenhuma irritação.

— Era uma criatura sumamente encantadora, mas dez anos mais velha do que eu. Era a preceptora de minha irmã — disse suavemente. — Em sua posição, foi a mulher mais agradável que conheci; era digna de qualquer ocupação infinitamente superior. Isso aconteceu há muito tempo, e o episódio havia ocorrido muito tempo antes. Eu estava em Trinity e, a encontrei. Esse ano, passei em casa muito tempo. Foi um ano magnífico. Durante as horas em que ela estava de folga, passeávamos pelo jardim e conversávamos — e, ao ouvi-la falar, causou-me surpresa notar que ela era extraordinariamente inteligente e agradável. Sim, não riam: eu gostava muitíssimo dela e, ainda hoje, me alegra pensar que ela também gostava de mim. Se não gostasse, não me teria contado a história. Não a havia contado nunca a ninguém. Não que ela me houvesse dito isso; é que eu sabia que ela não a havia contado. Tinha certeza. Sentia-o. Os senhores facilmente compreenderão porque, depois de ouvir a história.

— Por que a história tinha sido por demais alarmante?

Ele continuou a fitar-me.

— Você logo compreenderá — repetiu. — Você compreenderá.

Eu também o fitei.

— Percebo. Estava apaixonada.

Riu, pela primeira vez.

— Você é perspicaz. Sim, estava apaixonada. Isto é, tinha estado. Isso se tornou claro no

decorrer de sua história. . . Ela não poderia tê la contado sem que tal fato transparecesse. Eu o percebi, e ela compreendeu que eu o percebera. Mas nenhum de nós disse nada a respeito. Lembro-me do momento e do lugar — o canto do gramado, a sombra das grandes faias e a longa, quente tarde de verão. Não era um cenário sinistro, que causasse arrepios — e, não obstante. . .

Afastou-se do fogo e deixou-se cair de novo em sua poltrona.

— Você receberá o pacote quinta-feira pela manhã? — perguntei.

— Talvez não o receba antes do segundo correio.

— Então, depois do jantar. . .

— Estaremos todos aqui reunidos? — inquiriu ele, detendo o olhar em cada um de nós. — Ninguém partirá?

Proferiu estas palavras num tom quase de esperança.

— Ficaremos todos aqui!

— Eu ficarei! Eu ficarei! — exclamaram as senhoras, que estavam de partida marcada. A Senhora Griffin, porém, afirmou que precisava de alguns esclarecimentos:

— De quem estava ela apaixonada?

— A história o dirá — ousei responder.

— Oh, mas eu não posso esperar a história!

— A história *não* o dirá — disse Douglas. — Pelo menos não o fará de uma maneira literal, vulgar.

— Tanto pior, então. É a única maneira que sou capaz de entender.

— Mas você, Douglas, não nos dirá? — inquiriu alguém.

Douglas ergueu-se de novo:

— Sim, direi amanhã. Agora, preciso recolher-me. Boa noite.

Tomou rapidamente de um castiçal e se foi, deixando-nos ligeiramente perplexos. Da extremidade do salão, revestido de lambris escuros, em que nos achávamos, ouvimos os seus passos na escada. Então, a Senhora Griffin falou:

— Bem, se não sei de quem estava ela apaixonada, sei pelo menos de quem ele estava apaixonado.

— Ela era dez anos mais velha — observou o marido.

— *Raison de plus*... naquela idade! Mas um tão longo silêncio é deveras encantador.

— Quarenta anos! — ajuntou Griffin.

— Com esta explosão final!

— A explosão — tornei — fará da noite de sexta-feira uma ocasião memorável.

E todos concordaram tão decididamente comigo que, diante do que havia sido dito, perdemos todo interesse por qualquer outra coisa. A última história, embora incompleta e como um mero prólogo de uma narração em série, havia sido contada. Despedimo-nos com apertos de mão e "apertos de castiçais", como alguém disse, e fomos dormir.

No dia seguinte, eu soube que uma carta, contendo a chave, seguira pelo primeiro correio, para o seu apartamento de Londres; mas apesar — ou, talvez por causa — da eventual dificuldade desse fato, deixamos Douglas completamente tranquilo até depois do jantar — até uma hora da noite, com efeito, que pudesse melhor condizer com a espécie de emoção que esperávamos. Douglas, então, tornou-se tão comunicativo quanto poderíamos desejar, chegando,

mesmo, a dar-nos as suas razões para isso. Escutamo-lo novamente no salão do hall, ali onde, na noite anterior, havia despertado o nosso moderado assombro. Parecia que a narrativa que ele nos prometera ler requeria, realmente, algumas palavras de introdução, para que pudesse ser compreendida. Permitam-me dizer aqui, de uma vez por todas, que o seu relato, segundo uma transcrição fiel eu próprio fiz muito tempo depois, é o que se lerá neste livro. O pobre Douglas, antes de morrer, e já em seus últimos momentos, me entregou o manuscrito que lhe chegara às mãos três dias depois e que imediatamente começou a ler, na noite do quarto dia, com grande efeito e no mesmo lugar, ante o nosso pequeno e silencioso grupo de amigos. As senhoras que estavam de partida e que haviam dito que ficariam para a leitura naturalmente — graças a Deus! — não ficaram. Partiram, devido a arranjos que já haviam feito, morrendo de curiosidade — curiosidade motivada, segundo confessaram, pela habilidade com que Douglas nos preparara o espírito. Mas isso apenas contribuiu para tornar o seu pequeno auditório final mais íntimo e seleto, mantendo-o, em torno da lareira, sujeito a uma profunda emoção comum.

O primeiro pormenor nos dava a entender que a declaração escrita tomava a história num ponto em que ela, de certo modo, havia começado. O fato que se devia ter em mente era, por conseguinte, o de que a sua velha amiga, a mais moça de várias filhas de um pobre pároco rural, havia, aos vinte anos de idade, iniciado a sua carreira de preceptora, quando resolveu, apressadamente, seguir para Londres, a fim de responder pessoalmente a um anúncio que já a havia posto em breve contato epistolar com o anunciante. Este, tal como se apresentou aos olhos da candidata, numa vasta e imponente mansão de Harley Street, lhe pareceu um perfeito cavalheiro, um homem solteiro ainda no vigor dos anos, uma figura, enfim, como jamais surgiu, salvo em sonhos ou numa velha novela, diante de uma trêmula e ansiosa jovem recém-chegada de uma pequena localidade de Hampshire. Pode-se facilmente fixar o seu tipo, já que, por sorte, ele jamais se extingue. Era elegante, ousado, sedutor, cheio de entusiasmo, alegria e bondade. Como bem se pode imaginar ele a impressionou pela elegância de suas maneiras e pelo seu aspecto físico, mas o que nele mais a seduziu, inspirando-lhe a coragem que revelou mais tarde, foi a sua maneira de referir-se ao trabalho que ela iria executar, como se fosse uma espécie de favor que ela lhe faria, uma coisa que ele lhe agradeceria sempre com reconhecimento. Ela o imaginou rico, mas tremendamente pródigo: via-o cercado por uma auréola de mundanismo, de beleza física, de hábitos dispendiosos, de maneiras encantadoras com as mulheres. Sua mansão de Londres estava repleta de lembranças de viagem e troféus de caça; mas era para a sua residência rural, uma antiga casa em Essex, que desejava que ela seguisse imediatamente.

Era tutor de dois sobrinhos, um menino e uma menina, filhos de seu irmão mais moço, militar, depois que os pais das crianças morreram na Índia, dois anos antes. Essas crianças, pela mais estranha das casualidades que poderiam ocorrer a um homem em sua situação — homem sozinho, sem experiência do assunto e sem a mínima dose de paciência — eram uma carga muito pesada em suas mãos. Haviam-lhe causado muitas preocupações e, sem dúvida, dado lugar, quanto ao que dizia respeito à sua pessoa, a uma série de erros, mas inspiravam-lhe imensa piedade, e ele fazia por elas tudo o que estava ao seu alcance. Em particular, tinha-as enviado para a sua outra casa, convencido de que o lugar mais apropriado para elas era, naturalmente, o campo. Confiou-as, desde o princípio, ao pessoal mais qualificado que pudera encontrar, privando-se, mesmo, em parte, de seus próprios servidores, para que cuidassem delas. Ele próprio, sempre que podia, ia em pessoa ver como estavam passando. O pior de tudo era que,

praticamente, essas crianças não tinham outro parente senão ele e ele tinha todo o tempo tomado pelos seus assuntos particulares. Havia instalado as crianças em Bly, lugar seguro e saudável, colocando à testa da casa — mas apenas para cuidar dos afazeres domésticos — uma excelente mulher, Mrs. Grose, antiga criada de sua mãe, com que, sem dúvida alguma, a sua visitante simpatizaria. Mrs. Grose, além de governanta, estava encarregada de tratar da menina, de que, não tendo filhos, gostava, felizmente, muitíssimo. A criadagem era numerosa, mas, naturalmente a pessoa que desempenhasse as funções de preceptora teria autoridade suprema sobre os demais servidores. Durante as férias, parte de seu trabalho consistia também em vigiar o menino, que, apesar de sua pouca idade — pois quem poderia cuidar dele? — estava num colégio havia já meio ano. Findo o período letivo, o menino deveria, agora, voltar para casa a qualquer momento. A princípio, uma outra jovem, que tiveram o infortúnio de perder, havia se ocupado das crianças. Desempenhou admiravelmente suas funções até o dia de sua morte, grave contratempo que, justamente, não deixara para o pequeno Miles outra alternativa senão ir para o colégio. Desde então, Mrs. Grose tratava o melhor que podia de Flora. Havia, ainda, na casa, uma cozinheira, uma criada, uma mulher que se ocupava da granja, um velho pônei, um velho empregado de estrebaria e um velho jardineiro, todos eles absolutamente respeitáveis.

Douglas havia chegado a esta altura de seu relato, quando alguém perguntou:

— De que morreu a antiga preceptora? De tanta respeitabilidade?

Nosso amigo respondeu prontamente:

— Vocês saberão. Não quero antecipar nada.

— Peço-lhe que me perdoe. . . Julguei que era isso, justamente, o que você está fazendo.

— Em lugar de sua sucessora — comentei — eu teria desejado saber se as funções implicavam. . .

— Perigo de morte? — completou Douglas a minha frase. — Ela quis saber, e o soube. Vocês ouvirão amanhã o que foi que ela soube. Entrementes, é verdade, tal perspectiva lhe pareceu ligeiramente sombria. Era jovem, inexperiente, nervosa: era uma perspectiva de deveres sérios e de pouca companhia. . . de uma solidão realmente grande. Hesitou. Pediu dois dias de prazo para refletir e dar uma resposta. Mas o salário oferecido superava em muito aquilo que modestamente esperava e, na segunda entrevista, enfrentou a situação e aceitou o emprego.

Douglas, nessa altura, fez uma pausa, que aproveitei para fazer um comentário, recebido com agrado pelos presentes:

— Moral da história: o formoso jovem exerceu, naturalmente, os seus dons de sedução. E ela sucumbiu.

Douglas levantou-se e, como na noite anterior, aproximou-se do fogo e empurrou com o pé um toro de lenha, permanecendo um momento de costas voltadas para nós.

— Vira-o apenas duas vezes.

— Sim, mas é nisso que consiste, precisamente, a beleza da sua paixão.

Ao ouvir isto, Douglas voltou-se para mim, surpreendendo-me um pouco:

— Sim. Nisso consistia a beleza de sua paixão. Outras não teriam sucumbido. Ele lhe contou francamente todas as suas dificuldades. . . Disse-lhe que várias outras candidatas haviam considerado as condições proibitivas. Mostravam-se, de certo modo, assustadas. Aquilo lhes parecia não só monótono, como estranho. Principalmente devido à condição principal.

— Que era.. . ?

— Que a preceptora jamais deveria incomodá-lo. . . nunca, em caso algum. Não deveria chamá-lo, queixar-se, nem escrever-lhe sobre coisa alguma. Devia resolver por si mesma as dificuldades com que deparasse, receber todo o dinheiro de que precisasse das mãos de seu procurador, encarregar-se de tudo e deixá-lo em paz. Ela prometeu que assim o faria, e confessou-me que, quando ele, por um momento, reteve a sua mão, aliviado, encantado, agradecendo-lhe aquele sacrifício, ela já se sentira recompensada.

— Mas essa foi toda a sua recompensa? — perguntou uma senhora.

— Ela jamais o viu novamente.

— Oh! — exclamou a senhora.

E foi essa a última palavra que se ouviu sobre o assunto, pois o nosso amigo nos deixou até a noite seguinte, em que, sentado, junto à lareira, em sua melhor poltrona, aluiu um álbum vermelho e fino, de capa desbotada, com os cantos dourados, à moda antiga. A leitura tomou mais do que uma noite, mas, naquela primeira ocasião, a mesma senhora fez uma outra pergunta:

— Que título escolheu?

— Ainda não tenho título.

— Oh, mas eu tenho! — exclamei.

Mas Douglas, sem dar-me atenção, já havia começado a ler, com uma dicção tão nítida que era como se estivesse levando aos nossos ouvidos a elegância da letra do autor.

1

Lembro-me de todo esse princípio como uma sucessão de altos e baixos, uma gangorra de emoções diversas, umas naturais, outras injustificadas. Depois do meu entusiasmo, na cidade, para atender ao seu apelo, passei dois dias, sob todos os aspectos, muito maus: senti-me de novo hesitante, certa de que cometera um erro. Nesse estado de espírito, passei as longas horas da viagem, sofrendo os solavancos e o desconforto de uma velha diligência que me conduziu ao lugar em que deveria encontrar um veículo da casa. Com efeito, ao entardecer de um dia de junho, encontrei à minha espera um confortável carro. Viajando a essa hora, num dia belíssimo, por uma região cuja doçura estival parecia oferecer -me uma recepção cordial, senti-me de novo reanimada e, ao entrarmos numa alameda, se apoderou de mim um bem-estar que talvez não fosse uma reação do desalento em que eu mergulhara. Creio que eu esperava ou temia algo tão melancólico, que o espetáculo com que deparei constituiu agradável surpresa. Recordo a excelente impressão que me causou a fachada ampla e clara, com sua janelas abertas, suas claras cortinas e duas criadas que observavam a minha chegada; recordo o verde relvado e as flores brilhantes, o ruído das rodas do carro sobre o caminho de cascalho e as árvores copadas cujas ramagens se uniam no alto, e sobre as quais revoluteavam, ruidosas, as gralhas, no céu dourado. O cenário tinha uma grandeza que contrastava grandemente com a modesta casa onde eu até então vivera e, mal se deteve o carro, surgiu à entrada da casa, dando a mão a uma menininha, uma pessoa de aspecto cortês, que fez uma reve rência tão cerimoniosa como se eu fosse a dona da casa ou uma visitante ilustre. Em Harley Street, eu ouvira uma descrição pouco favorável do lugar, e ao relembrá-la, não pude deixar de julgar o proprietário ainda mais cavalheiresco, o que me levou a pensar que o prazer que me assegurava talvez estivesse muito além de suas palavras.

Não tive nenhuma decepção até o dia seguinte, pois as horas que se seguiram eu as empreguei, com êxito, em estreitar relações com a minha aluna mais jovem. A garotinha que acompanhava Mrs. Grose me pareceu, desde o primeiro momento, uma criatura tão encantadora, que considerei uma grande sorte tê-la sob os meus cuidados. Era a criança mais bela que eu encontrara em minha vida e, depois, perguntei a mim mesma porque seria que meu patrão não me falara mais a respeito dela. Dormi pouco aquela noite, pois que estava por demais excitada; e isso também me surpreendeu — lembro-me agora — chegando a preocupar me, ao pensar na generosidade com que fora recebida. O aposento grande e imponente que me destinaram, um dos melhores da casa, a ampla cama de cerimônia — pelo menos assim a considerei — as ricas cortinas floridas, os altos espelhos nos quais, pela primeira vez, eu podia ver-me da cabeça aos pés, e, ainda, o extraordinário encanto de minha pequena discípula — tudo isso me impressionou, parecendo-me excessivo. Também me pareceu, desde o primeiro momento, que as minhas relações com Mrs. Grose seriam satisfatórias, ao contrário do que eu pensava, um tanto atemorizada, durante a viagem. A única coisa, com efeito, que, naquele primeiro encontro, poderia ter feito renascer os meus receios, foi o fato de ela ter-se mostrado excessivamente alegre ao ver-me. Percebi, dentro de meia hora, que ela — mulher corpulenta, simples, franca, asseada, saudável — estava tão contente, que tinha, positivamente, de esforçar-

se por não o demonstrar demasiado. Chegou mesmo a causar-me um pouco de estranheza que ela procurasse ocultá-lo e isso, com um pouco de reflexão e suspeita, poderia ter feito com que me sentisse inquieta.

Mas era um conforto para mim pensar que não poderia haver qualquer inquietude quanto à imagem radiante da pequena confiada aos meus cuidados, cuja angélica beleza influiu, provavelmente, mais do que qualquer outra coisa na inquietude que, antes do amanhecer, me fez levantar várias vezes do leito e andar pelo quarto, para compenetrar-me mais do ambiente, observar, da janela, a pálida aurora estival, examinar as outras partes da casa que os meus olhos podiam distinguir, e escutar, enquanto as últimas sombras da noite se desvaneciam, os primeiros trinados dos pássaros, a possível repetição de um ou dois sons menos naturais que vinham não de fora, mas de dentro, e que eu supunha ter ouvido. Houve um momento em que julguei reconhecer, fraco e distante, um grito de criança; outro em que estremeci, quase conscientemente, ante o que me pareceu um ruído de passos leves atrás da porta. Mas tais imaginações não eram bastante nítidas para que eu não pudesse afastá las — e foi somente à luz, ou, talvez o dissesse melhor, somente devido à obscuridade dos acontecimentos subsequentes, que isso agora me acode à memória. Vigiar, ensinar, "formar" a pequena Flora, seria, evidentemente, um motivo para uma vida feliz e útil. Ficava combinado que, depois daquela primeira noite, ela passaria a dormir em meu quarto e, para isso, a sua caminha branca já havia sido colocada junto à minha. Competia-me cuidar inteiramente dela, e se havia ficado aquela noite, pela última vez, em companhia de Mrs. Grose, aquilo se devia apenas a uma deferência em vista a minha estranheza inevitável e a natural timidez de Flora. Apesar de sua timidez — a que a própria criança, de maneira mais estranha possível, se referira com a mais perfeita franqueza e coragem, permitindo, sem nenhum sinal de acanhamento e com a profunda e doce serenidade de um anjo de Rafael, que o assunto fosse discutido, comentado e que nos submetessemos a ele — eu tinha a certeza de que ela, dentro de pouco tempo, gostaria de mim. Em parte, a simpatia que eu já sentia por Mrs. Grose provinha do prazer que eu via que ela experimentava ante minha admiração e deslumbramento, quando eu me sentava à mesa de quatro altos candelabros e de minha pequena discípula, instalada, com um guardanapo em torno do pescoço, numa cadeira alta, a observar-me, atentamente, por cima do leite e do pão. Havia, naturalmente, muita coisa que, em presença de Flora, só podíamos comunicar uma à outra por meio de olhares significativos e surpresos ou alusões indiretas e obscuras.

— E o menino, parece-se com ela? É também assim extraordinário?

Não se devia elogiar uma criança, em presença da mesma.

— Oh, senhorita, *bastante ex*traordinário! Se é que esta lhe parece tal!

E Mrs. Grose continuava de pé, com um prato na mão, a olhar, radiante, a nossa pequena companheira, cujos olhos ora fitavam uma, ora outra de nós, sem que nada houvesse, em sua placidez celestial, que nos levasse a conter as nossas palavras.

— Sim, e então?

— A senhorita se sentirá arrebatada pelo jovenzinho!

— Bem, creio que foi para isso que vim para cá. . . Para deixar-me arrebatar. Mas receio — senti, lembro-me, necessidade de acrescentar — ser uma pessoa que se deixa arrebatar facilmente. Em Londres também me senti arrebatada!

Posso ainda ver o amplo rosto de Mrs. Grose, ao interpretar o sentido dessas minhas palavras.

— Em Harley Street?

— Em Harley Street.

— Bem, a senhorita não foi a primeira. . . e não será a última.

— Oh, não tenho a pretensão de ser a única — consegui dizer, rindo. — De qualquer modo, segundo entendo, o meu outro discípulo chegará amanhã, não é verdade?

— Amanhã não, senhorita: sexta-feira. Chegará, como a senhorita, pela diligência, sob a vigilância do condutor. Depois, o carro estará à sua espera. O mesmo em que a senhorita veio.

Manifestei logo a opinião de que seria não só conveniente, mas, também, cordial e amistoso, que eu fosse esperar, em companhia de sua irmãzinha, a chegada da diligência — idéia que Mrs. Grose acolheu de tão bom grado que eu, de certo modo, encarei a sua atitude como uma promessa confortante jamais desmentida, graças a Deus! — de que estaríamos sempre, em todas as questões, inteiramente de acordo. Oh, ela estava contente por eu me encontrar lá!

O que senti no dia seguinte não pode, creio eu, ser interpretado como uma reação ao júbilo que experimentei à chegada; era, provavelmente, no máximo, uma ligeira opressão produzida pelo exame mais completo e preciso das novas circunstâncias, quando as contemplei em conjunto, analisando-as, depois, uma por uma. Eram, por assim dizer, de uma extensão e volume para os quais eu não estava preparada, e em presença dos quais me senti, de novo, não só um pouco assustada, como, também, um tanto orgulhosa. As lições, dada a minha agitação, sofreram alguma demora. Refleti que o meu dever era, antes de mais nada, conquistar a confiança da pequena, lançando mão de toda a habilidade que me fosse possível. Passei o dia, em sua companhia, ao ar livre; combinei com ela, para sua grande satisfação, que seria ela, somente ela, quem deveria mostrar-me a casa. Ela o fez passo a passo, aposento por aposento, segredo por segredo, entretendo-me com a sua deliciosa loquacidade infantil, o que teve como resultado fazer com que, dentro de meia hora, nos tornássemos amigas íntimas. Pequena como era, impressionou-me, durante a nossa volta pela casa, pela confiança e coragem que revelou nos aposentos vazios e nos sombrios corredores, nas escadas em caracol, que me obrigavam, às vezes, a deter-me, e, mesmo no alto de uma torre quadrada provida de balestreiros, que me causava tonturas. Aquela sua loquacidade matinal, aquela sua disposição para dizer-me muito mais coisas do que as que me perguntava, me aturdiam e arrastavam. Não voltei mais a Bly desde o dia em que de lá saí, e ousaria dizer que agora, para os meus olhos mais velhos e experientes, o lugar teria uma importância muito reduzida. Mas, enquanto a minha pequena cicerone, com os seus cabelos de ouro e o seu vestido azul, pulava diante de mim nos cantos dos velhos muros e ao longo dos corredores, eu tinha a impressão de estar num castelo de romance, habitado por um duende de faces rosadas, num lugar que, de certo modo, fazia empalidecer os livros de histórias infantis e os contos de fadas. Acaso não seria tudo aquilo um conto que me fizera adormecer e sonhar? Não. Era uma casa grande, feia, antiga, mas confortável, que conservava restos de uma construção ainda mais antiga, em parte substituídos, em parte utilizados, na qual eu tinha a impressão de que estávamos quase tão perdidos como um punhado de passageiros num grande navio navegando à deriva. Um navio em que eu estivesse, estranhamente, manejando o leme!

Essa idéia me assaltou quando, dois dias depois, fomos, Flora e eu, esperar, como dizia Mrs. Grose, o pequeno gentleman, tanto mais que, na segunda noite, ocorreu um incidente que me desconcertou profundamente. O primeiro dia havia sido, de um modo geral, como afirmei, tranquilizador, mas eu o veria transformar-se e dar lugar a uma viva apreensão. O correio — que chegou com atraso — trouxe-me uma carta de meu patrão. Continha poucas palavras e encerrava outra carta, que não fora aberta, embora lhe houvesse sido endereçada. "Reconheço a letra do diretor do colégio — dizia-me o meu patrão — e ele é uma pessoa enfadonha. Leia-a, por favor, e entenda-se com ele. Mas não me diga nada. Nem uma palavra. Estou de viagem!" Abri com dificuldade o envelope lacrado, tão grande era ele, não me decidindo a ler imediatamente o seu conteúdo; levei, por fim, a missiva ainda fechada para o meu quarto e só a li pouco antes de ir para a cama. Teria sido melhor se a houvesse deixado para a manhã seguinte, pois sua leitura fez com que eu passasse uma segunda noite em claro. Não tendo ninguém que pudesse me aconselhar, o dia seguinte foi, para mim, cheio de ansiedade — ansiedade que chegou a tal ponto que resolvi, finalmente, abrir-me com Mrs. Grose.

— Que significa isto? O pequeno foi expulso da escola.

Lançou-me um olhar que me intrigou, no momento; depois, rapidamente, procurando parecer casual, tentou conter-se:

— Mas então eles todos não voltam?. . .

— Às suas casas? Voltam. Mas apenas durante as férias. E Miles talvez não possa voltar nunca mais ao colégio.

Diante do meu olhar, Mrs. Grose enrubesceu:

— Não o querem de volta? .

— Negam-se de forma absoluta.

Mrs. Grose, que havia desviado o olhar, ergueu de novo os olhos para mim — e vi que se inundavam de bondosas lágrimas.

— Mas o que foi que ele fez?

Hesitei. Depois, pensei que o melhor seria simplesmente estender lhe a carta, o que fez com que ela, sem apanhá-la, pusesse as mãos atrás das costas. Abanou tristemente a cabeça·

— Essas coisas não são para mim, senhorita.

Minha conselheira não sabia ler! Surpresa, tratei de atenuar o meu erro o melhor que pude e, abrindo de novo a carta, ia lê-la para ela; depois, arrependida, tornei a dobrá-la e guardei-a no bolso.

— Ele é realmente mau?

Ainda havia lágrimas em seus olhos:

— Esses senhores dizem isso?

— Não entram em pormenores. Expressam apenas o seu pesar por não lhes ser possível conservá-lo no colégio. Isso só pode significar uma coisa. . .

Mrs. Grose escutava-me, tomada de muda emoção. Absteve-se de perguntar-me o que aquilo poderia significar, de modo que prossegui, ajudada apenas pela sua presença, procurando formular mentalmente a coisa de maneira coerente:

— Significa que ele prejudicaria os colegas.

Diante de minhas palavras, inflamou-se subitamente, com um desses sobressaltos comuns nas criaturas simples:

— O pequeno Miles! Ele, prejudicar alguém?

Havia tal boa-fé em suas palavras, que eu — embora ainda não houvesse visto o menino — fui levada, imediatamente, a considerar absurda aquela minha idéia. Vi-me, para concordar com a minha amiga, acrescentando sarcasticamente:

— Os meus pobres e inocentes companheiros!

— É demasiado horrível — exclamou Mrs. Grose — dizer semelhante crueldade! Se ele não tem ainda nem dez anos!

— Tem razão. É incrível.

Ela, evidentemente, sentiu-se grata ante tal declaração:

— Veja-o primeiro, senhorita; depois acredite.

Senti-me, novamente, impaciente por vê-lo. Era o começo de uma curiosidade que, nas horas seguintes, deveria aumentar quase a ponto de me fazer sofrer. Mrs. Grose percebeu, tenho a certeza, a impressão que me causara, pois insistiu, com segurança ·

— Poder-se-ia dizer o mesmo da menininha — que Deus a abençoe! Olhe para ela!

Voltei-me e vi Flora, que nos observava pela porta aberta; dez minutos antes, eu a havia deixado instalada na sala de estudos, com uma folha de papel branco, um lápis e uma porção de "O" bem redondos para copiar. Demonstrava, à sua maneira, um desapego extraordinário às obrigações desagradáveis; olhava-me, no entanto, com essa grande irradiação luminosa da infância, como se quisesse explicar a sua conduta como sendo um simples resultado do afeto que eu lhe inspirara, e que a obrigava a seguir-me. Não precisei de outra coisa para sentir, em toda a sua força, a comparação de Mrs. Grose e, tomando nos braços a minha discípula, cobri-a de beijos, nos quais havia um soluço de arrependimento.

Não obstante, durante o resto do dia, procurei uma nova oportunidade para me aproximar de Mrs. Grose, principalmente quando, ao entardecer, me pareceu que ela evitava a minha presença. Alcancei-a, lembro me, na escada; descemos juntas e, embaixo, eu a detive, pousando a mão em seu braço.

— Pelo que me disse esta manhã, entendo que a senhora não o viu nunca conduzir-se mal.

Lançou a cabeça para trás; não havia dúvida de que, àquela altura, já havia, muito honestamente, tomado uma atitude:

— Oh, não vi?... . Não pretendo dizer *isso!*

Senti-me de novo perturbada.

— Então a senhora viu?

— Claro, senhorita. Graças a Deus!

Depois de um momento de reflexão, aceitei suas palavras.

— A senhora quer dizer que um menino que nunca. . .

— Para *mim*, ele não é um menino!

— Gosta de meninos peraltas, travessos?

E, antecipando sua resposta, afirmei, com ênfase:

— Eu também! Mas não a ponto que possam contaminar. . .

— Contaminar? — perguntou ela, sem entender a palavra.

E eu expliquei:

— Corromper.

Fitou-me, compreendendo, por fim, o que eu queria dizer. Mas aquilo lhe causou um estranho riso:

— Tem medo de que ele corrompa a *senhorita?*

Fez a pergunta com um bom humor tão ousado, que eu, para acompanhá-la, também me pus a rir um tanto tolamente, mas com um certo receio de cair no ridículo.

No dia seguinte, porém, ao aproximar-se a hora em que devíamos tomar o carro, apanhei-a em outro canto da casa:

— Quem era a senhora que esteve aqui antes?

— A outra preceptora? Era também jovem e bonita... quase tão jovem e bonita como a senhorita.

— Espero que a sua juventude e a sua beleza lhe tenham servido para alguma coisa! — lembro-me de que deixei escapar. — Parece que ele prefere preceptoras jovens e bonitas!

— Oh, *preferia*! — assentiu Mrs. Grose. — Era assim que gostava de todas as pessoas.

Mal proferiu essas palavras, procurou emendar-se:

— Quero dizer, ele é assim... o patrão.

Fiquei perplexa:

— Mas de quem falava a senhora primeiro?

— Ora essa! Falava *dele*.

— Do patrão?

— De quem mais podia ser?

Era tão óbvio que não existia outra pessoa, que, decorrido um momento, se dissipou em mim a impressão de que ela, acidentalmente, dissera mais do que pretendera. E perguntei simplesmente o que desejava saber:

— Ela viu alguma coisa no menino?

— Alguma coisa que não estivesse certo? Nunca me disse nada.

Dominei um certo escrúpulo e prossegui:

— Era particularmente cuidadosa?

Tive a impressão de que Mrs. Grose procurou responder conscienciosamente:

— Em algumas coisas, sim. . .

— Mas não em tudo?

Refletiu novamente:

— Bem, senhorita. . . ela morreu. Não me agrada contar histórias.

— Compreendo perfeitamente os seus sentimentos — apressei-me em responder. Mas, logo depois, não pensei que desmentia essa concessão, ao perguntar-lhe: — Ela morreu aqui?

— Não. Já tinha ido embora.

Não sei por que razão me pareceu que havia algo de ambíguo na maneira lacônica de Mrs. Grose.

— Saiu daqui para morrer?

Mrs. Grose olhou para além da janela, mas achei que eu tinha o direito de saber o que se esperava que as jovens preceptoras de Bly fizessem.

— A senhora quer dizer que ela ficou doente e voltou para casa?

— Que eu saiba, ela não ficou doente nesta casa. Saiu daqui, no fim do ano, para passar, segundo me disse, um breve período de férias em sua casa, coisa a que, aliás, tinha todo o direito, depois do tempo que aqui permaneceu. Tínhamos, naquela ocasião, uma empregada ainda moça, boa e inteligente, que se encarregou das crianças no intervalo. Mas a nossa jovem preceptora jamais voltou: no momento em que eu a esperava, o patrão me comunicou que ela havia morrido.

Pus-me a pensar naquilo.

— Mas de que morreu?

— Ele nunca me disse. Mas, por favor, senhorita — ajuntou Mrs. Grose. — Preciso continuar o meu trabalho.

Sua descortesia, ao voltar-me as costas, não impediu, felizmente, apesar de minhas justas preocupações, que a nossa estima recíproca continuasse a aumentar. Encontramo-nos, depois que eu trouxe para casa o pequeno Miles, numa atmosfera de maior intimidade do que nunca, devido à minha estupefação e emoção — pois não vacilei em declarar que era uma monstruosidade expulsar-se de um colégio uma criança como aquela. Cheguei um pouco atrasada ao lugar do encontro e senti imediatamente, ao vê-lo pensativamente à minha espera, junto à porta da estalagem em que a diligência o deixara, que o envolvia e penetrava a mesma frescura deslumbrante, a mesma indiscutível fragrância de pureza que eu encontrara, desde o primeiro momento, em sua irmã. Era incrivelmente belo, e Mrs. Grose tinha razão: em sua presença, todos os outros sentimentos se dissipavam, para dar lugar apenas a uma espécie de profunda ternura. O que, em certas ocasiões, o aproximava de meu coração, era algo de divino que havia nele e que jamais encontrei, no mesmo grau, em qualquer outra criança: seu ar, indescritível, de não conhecer nada no mundo que não fosse amor. Teria sido impossível a alguém carregar uma má reputação com mais doce inocência e, quando cheguei a Bly em sua companhia, sentia-me inteiramente perplexa — para não dizer indignada — ao pensar na horrível carta que eu tinha fechada numa gaveta, em meu quarto. Logo que pude trocar uma palavra com Mrs. Grose, disse-lhe que tudo aquilo era grotesco.

Compreendeu-me prontamente:

— A senhorita se refere a essa acusação cruel?

— Não resiste ao mais leve exame! Olhe, minha amiga, essa criança!

Sorriu ante a minha pretensão de haver descoberto o encanto de Miles.

— Asseguro-lhe, senhorita, que não faço outra coisa! Que é que irá dizer-lhes, então?

— Em resposta à carta?

Eu já tinha tomado uma decisão:

— Nada.

— E ao tio dele?

— Nada — respondi, incisiva.

— E ao próprio menino?

Fui estupenda:

— Nada.

Passou o avental pela cara, enxugando os lábios.

— Então, ficarei do seu lado. Veremos o que acontecerá.

— Veremos! — repeti, com ardor, estendendo-lhe a mão, para selar o nosso pacto.

Deteve-se um momento; depois ergueu de novo a ponta do avental, com a mão que estava livre:

— A senhorita se importaria, se eu tomasse a liberdade. . .

— De beijar-me? Não, certamente!

Tomei a boa criatura em meus braços e, depois que nos abraçamos, como irmãs, me senti mais encorajada e indignada.

Assim permaneceram as coisas durante algum tempo — um tempo tão cheio de

acontecimentos que, ao lembrar-me do que ocorreu, necessito recorrer a toda a minha habilidade para descrever as coisas com certa clareza. O que agora me causa espanto é ter aceito uma tal situação. Havia decidido, com minha companheira, fazer frente à situação, e estava sob o influxo de uma espécie de encantamento, que me parecia aplainar o caminho e impedir-me de ver as dificuldades e as consequências distantes de um tal esforço. Deixava-me empolgar por uma imensa onda de piedade e emoção. Parecia-me fácil, em minha ignorância, em minha cegueira e, talvez, em minha presunção, dirigir a educação de um menino que apenas começava a viver. Não consigo lembrar-me, hoje, de qual o plano que elaborei para o fim de suas férias e o reinicio de seus estudos. Teoricamente, todos estavam de acordo em que eu, durante aquele verão encantador, deveria ministrar-lhe lições; mas, hoje, sinto que, durante todas aquelas semanas, quem recebeu lições fui eu. Aprendi algo — pela primeira vez, sem dúvida — que a minha vida modesta e apagada não me havia ensinado: aprendi a divertir-me e, até mesmo, a ser divertida — e não pensar no dia de amanhã. De certo modo, era aquela a primeira vez que eu gozava de espaço, de ar livre e de liberdade, de toda a música do verão e de todo o mistério da natureza. Ademais, gozava de consideração — e aquela consideração me era doce e agradável. Oh, aquilo era uma armadilha — não intencional, mas profunda — à minha imaginação, à minha delicadeza e, talvez, à minha vaidade: a tudo o que havia em mim de mais sugestionável. A melhor maneira de descrever o que me ocorreu, é dizer que me deixei apanhar desprevenida. As crianças me davam tão pouco trabalho!... Eram de uma doçura extraordinária! Eu costumava pensar — mas mesmo isso de uma maneira um tanto vaga e incoerente — de que forma o futuro áspero (pois todos os futuros são ásperos) iria tratar aquelas criaturas. . . Talvez, mesmo, as ferisse. Irradiavam, ambos, saúde e felicidade; no entanto, como se tivesse a meu cargo dois grandes do Reino, dois pequenos príncipes de sangue real, que devessem ser protegidos e tratados de modo excepcional, a única forma de vida que, a meu ver, os anos futuros poderiam ter para eles seria uma prolongação romântica e verdadeiramente regia de seus jardins e de seu parque. Pode ser, sem dúvida, que o encanto e a tranquilidade com que agora encaro aquele primeiro período sejam devidos à súbita transformação que os rompeu. . . Aquela quietude de algo que se contrai e espera. . . A mudança que se operou foi, realmente, como o salto de uma fera.

Nas primeiras semanas os dias eram longos; a miúdo, em seus melhores momentos, proporcionavam-me o que eu chamava a "minha hora" — a hora em que, depois de tomar o chá, os meus discípulos iam para a cama, e em que eu podia dispor, antes de recolher-me, de alguns momentos para ficar a sós comigo mesma. Por muito que amasse os meus companheiros, aquela era a hora do dia de que eu mais gostava — e gostava, sobretudo, do momento em que, enquanto a luz se dissipava — ou, melhor dito, enquanto a luz do dia ainda permanecia e o derradeiro canto dos últimos pássaros, sob um céu avermelhado, chegava até mim, vindo das velhas árvores — eu podia dar uma volta pelos jardins e desfrutar, quase com um sentimento de propriedade, que me divertia e lisonjeava, da beleza e da dignidade daqueles lugares. Era um prazer, naqueles momentos, sentir-me tranquila e justificada; era um prazer, sem dúvida, pensar que minha discrição, meu tranquilo bom senso e, de um modo geral, as qualidades de meu caráter, estavam causando prazer — se é que alguma vez ele pensou nisso! — à pessoa cujo apelo eu atendera. Estava fazendo o que ele desejara ardentemente e me pedira fizesse, e o fato de que eu, afinal de contas, *pudesse fazê-lo*, me causava um prazer ainda maior do que havia

esperado. Ouso dizer, em suma, que me via como uma jovem notável, e encontrava conforto em pensar que isso acabaria por se tornar evidente. Bem, era preciso que eu fosse notável para enfrentar os notáveis acontecimentos que logo se manifestaram.

Ocorreram abruptamente, uma tarde, em meio da "minha hora": as crianças tinham-se recolhido e eu saíra para o meu passeio habitual. Um dos pensamentos que me acompanhavam nessas caminhadas — e que não me abstenho, agora, de anotar — era que seria tão encantador como um conto encantador se eu me encontrasse subitamente com alguém. Alguém aparecia, de repente, na volta do caminho e ficaria parado a fitar-me, sorrindo, com ar de aprovação. Não pedia mais do que isso: pedia apenas que ele *soubesse*, e a única maneira de estar certa de que ele o sabia, teria sido lê-lo na bondosa expressão de seu belo rosto. Isso estava claramente presente em minha imaginação — isto é, o rosto — quando, na primeira dessas ocasiões, no fim de um longo dia de junho, me detive subitamente, ao sair de trás de uns arbustos e deparar com a casa à minha frente. O que me pregou no chão — chocando-me muito mais do que qualquer outra visão o poderia ter feito — foi a sensação de que a minha fantasia, num abrir e fechar de olhos, se tornara real. Lá estava ele!. . . mas muito alto, além do relvado, no próprio topo da torre a que a pequena Flora me conduzira na manhã em que cheguei. Essa torre formava par com outra semelhante — duas construções quadradas, ameadas, sem nenhuma relação com o resto do edifício; por alguma razão que eu não conseguia apreender, pois quase não havia diferença entre elas, eram chamadas, respectivamente, a velha e a nova. Estavam situadas em flancos opostos da casa e constituíam, provavelmente, absurdos arquitetônicos, apenas redimidos, de certo modo, por não se acharem, inteiramente isoladas nem serem de uma altura demasiado pretensiosa, datando, em sua falsa antiguidade, de uma época romântica que já se havia transformado num passado respeitável. Eu as admirava, entregando-me a certas fantasias, pois não deixavam de impressionar, sobretudo quando surgiam em meio da obscuridade, pela imponência de suas ameias. Contudo, em tal altura, a figura que tantas vezes invoquei não me parecia estar num lugar adequado.

Lembro-me de que essa figura produziu em mim, no claro crepúsculo, dois assomos distintos de emoção, que foram nitidamente, o sobres salto da minha primeira e, depois, da minha segunda surpresa. A segunda foi a violenta percepção do erro da primeira: o homem que surgia ante os meus olhos não era a pessoa que eu, precipitadamente, supusera. Isso me deixou tão perplexa e confusa que ainda hoje, depois de todos estes anos, não posso encontrar uma surpresa que se lhe compare. Um homem desconhecido, num lugar solitário, é coisa que, facilmente se admitirá, pode assustar uma jovem tímida que até então não se afastara jamais do seio de sua família, e a figura que se erguia diante de mim (bastaram poucos segundos para convencer-me disso) era tão diferente de qualquer pessoa minha conhecida como da imagem que eu tinha em mente. Não a vira em Harley Street; não a vira em parte alguma. Além disso, o próprio lugar, da maneira mais estranha do mundo, se transformara, no mesmo instante, devido à sua aparição, numa profunda solidão. Ao menos para mim, que me esforço por narrar este episódio com a máxima determinação, como jamais o fiz, a sensação que então experimentei torna a apoderar-se, vivamente, de meus sentidos. Enquanto penetrava em mim tudo o que os meus nervos podiam apreender, era como se o resto do cenário houvesse sido ferido de morte. Posso ouvir de novo, enquanto escrevo, a intensa quietude em que mergulharam todos os ruídos da tarde. As gralhas calaram-se no céu de ouro e, durante um minuto, a hora suave perdeu a sua voz. Mas não houve

qualquer outra mudança na natureza, a não ser, com efeito, que fosse uma mudança que eu via com estranha nitidez. O ouro permanecia ainda no céu, a transparência na atmosfera, e o homem que me fitava do alto das ameias podia ser visto tão claramente como um retrato numa moldura. Foi então que pensei, com extraordinária rapidez, em cada uma das pessoas que podia ser e que não era. Através da distância, defrontamo-nos durante um espaço de tempo bastante longo para que eu me perguntasse, com intensa lucidez, quem podia ser, e para que sentisse, ante a incapacidade de encontrar uma resposta, um assombro cada vez maior.

O grande problema ou, ao menos, um dos problemas que tive de enfrentar depois, com respeito a certos fatos, foi saber quanto tempo tais fatos haviam durado. Bem, o fato em questão, pensem os senhores o que quiserem, durou o bastante para que eu fizesse uma dúzia de suposições, nenhuma delas, a meu juízo, mais sensata que as outras, concernentes à existência na casa — e, sobretudo, desde quando? — de uma pessoa cuja presença eu ignorava. Durou o bastante para que eu me irritasse um pouco, ao pensar que, em minha situação, tal ignorância, assim como tal presença, eram inadmissíveis. Durou o bastante, em todo caso, para que o visitante, que não usava chapéu — estranho sinal de familiaridade — pudesse observar-me, de onde se achava, exatamente com o ar inquiridor, perscrutador, que a sua própria presença ali, à hora do crepúsculo, sugeria. Estávamos demasiado apartados para que pudéssemos falar-nos, mas houve um momento em que, se estivéssemos mais perto, uma interpelação qualquer, rompendo o silêncio, teria sido o resultado lógico da maneira direta pela qual nos fitávamos. Ele se encontrava num dos ângulos mais afastados da casa, muito ereto, pormenor que me chamou a atenção, e tinha as mãos apoiadas no parapeito. Foi assim que eu o vi, como vejo as palavras que traço nesta página; depois, exatamente após um minuto, como para aumentar o efeito da cena, mudou lentamente de lugar, passando, sem deixar de olhar-me fixamente durante todo tempo, para o lado oposto da plataforma. Sim, tive a mais viva impressão de que, durante aquela mudança de lugar, não tirou jamais os olhos de mim — e, ainda agora, neste momento em que escrevo, posso ver o movimento de sua mão, pousando, sucessivamente, nas ameias. Deteve-se na outra extremidade, mas o fez durante menos tempo, continuando a fitar-me com insistência até desaparecer. E desapareceu. Isso foi tudo que percebi.

Não esperava naquela ocasião, que as coisas ficassem assim, pois que me sentia tão abalada quanto resoluta. Havia em Bly um "segredo" — um mistério de Udolfo ou algum insano, um parente a que ninguém se referia e que era mantido em insuspeitado confinamento? Não posso dizer quanto tempo fiquei a pensar sobre isso, ou quanto tempo estive imóvel, num estado de confusa curiosidade e temor, no lugar em que recebi tal impacto. Posso apenas lembrar-me de que, quando entrei na casa, a noite já a havia envolvido por completo. No intervalo, fui presa de uma agitação que, certamente, deve ter-me arrastado, pois devo ter caminhado, dando voltas pelo parque, umas três milhas; mais tarde, porém, eu haveria de conhecer angústias tão mais vivas, que aquele simples raiar de alarme era, comparativamente, um estremecido de emoção humano. A parte mais estranha do fato — estranha como havia sido tudo o mais — me foi revelada quando entrei no hall e encontrei Mrs. Grose. Esse quadro me acode ao espírito em meio de todas as outras emoções: a impressão que me causou, à minha volta, o amplo espaço iluminado, com os seus brancos lambris, o seu candelabro, os seus retratos e o seu tapete vermelho, bem como o olhar bondoso e surpreso de minha amiga, que me disse, imediatamente, haver sentido a minha ausência. Percebi incontinenti, em presença de Mrs. Grose, que ela ficara, muito naturalmente preocupada, mas que sua inquietude se dissipara com a minha chegada — e que ela não sabia absolutamente nada que tivesse relação com o incidente que eu estava pronta a contar-lhe. Eu não supusera que seu rosto bondoso me animaria e, ao hesitar em referir-lhe o que vira, pude, de certo modo, medir a gravidade do que havia presenciado. Poucas coisas, em toda a história, me parecem tão estranhas como o fato de o começo do meu verdadeiro temor estar ligado, por assim dizer, ao instinto de poupar a minha companheira. Assim, ali naquele agradável hall, enquanto ela me fitava, eu, por uma razão que não poderia ter convertido em palavras, passei por uma revolução interior: arranjei um vago pretexto para explicar a minha demora e, invocando a beleza da noite, o orvalho abundante e os meus pés molhados, retirei-me, logo que pude, para o meu quarto.

Lá, a coisa mudou de aspecto; lá, durante muitos dias, aconteceu algo bastante singular. Havia horas, todos os dias — ou, pelo menos, alguns momentos, roubados aos meus deveres mais elementares — em que eu precisava isolar-me para pensar. Não que eu estivesse mais nervosa do que poderia suportar, mas sim porque me assustava terrivelmente pensar que poderia chegar a tal ponto — pois a verdade que eu tinha agora de enfrentar era, clara e simplesmente, a de que, de forma alguma, eu poderia identificar o visitante com quem havia entrado em contato de modo tão inexplicável e, no entanto, parecia-me, tão íntimo. Não tardei em perceber que não seria difícil descobrir alguma trama doméstica, sem necessidade de despertar suspeitas ou causar complicações. O choque pelo qual passei deve ter aguçado todos os meus sentidos: ao cabo de três dias, depois de observar as coisas mais atentamente, convenci-me de que a criadagem não me havia enganado nem me feito algo de qualquer "aposta". Fosse o que fosse que estivesse acontecendo, ninguém sabia nada a respeito. Não restava senão uma única inferência razoável: alguém havia tomado uma liberdade um tanto abusiva. Era o que eu dizia a mim mesma, repetidamente, quando entrava em meu quarto e me fechava a chave. Tínhamos sofrido, todos, a

invasão de um intruso. Algum viajante inescrupuloso, interessado em velhas casas, subira, sem que ninguém o pressentisse, ao ponto mais cômodo, para observar a paisagem, afastando-se depois furtivamente, tal qual chegara. Se me havia fitado de maneira tão ousada, é que isso fazia parte, sem dúvida, da sua indiscrição. O que havia de bom em tudo isso, afinal de contas, era que não tornaríamos a vê-lo.

Mas isso não era suficiente bom, sem dúvida, para impedir-me de refletir que o que, no fundo, fazia com que tudo o mais não tivesse grande importância, era a minha encantadora tarefa. Minha encantadora tarefa consistia em viver com Flora e Miles, e nada me consolava mais do que pensar que encontraria nela um refúgio para as minhas preocupações. O atrativo de meus pequenos discípulos era uma alegria constante, e despertava em mim uma surpresa sempre nova recordar os vãos temores que me haviam assaltado, o desagrado que experimentara a princípio, ante a perspectiva de um trabalho prosaico e insípido. Mas não haveria nele, ao que tudo indicava, nada de prosaico ou monótono. Como poderia deixar de ser encantador um trabalho que se apresentava como uma obra de cotidiana beleza? Tinha tudo o que há de novelesco nos quartos onde as crianças brincam, tudo o que há de poético nas salas onde estudam. Não quero dizer com isso, por certo, que estudássemos apenas ficção e poesia; quero dizer que não encontro outra maneira de exprimir a espécie de interesse que os meus companheiros me inspiravam. Como descrevê-lo, senão dizendo que, em lugar de cair na monotonia do hábito (invoco aqui o testemunho de minhas colegas, pois que isto é uma maravilha para uma preceptora!) eu fazia novas e constantes descobertas? Havia uma direção, contudo, em que tais descobertas se detinham: uma profunda obscuridade continuava a envolver a conduta do menino na escola. Fora-me concedida prontamente, desde o princípio, a graça de contemplar esse mistério sem que me causasse angústia. Talvez seja mesmo mais exato dizer que, sem proferir uma palavra, o próprio Miles esclarecera tudo. Tornara absurda aquela acusação. Minha conclusão florescia com o rubor da sua inocência: era demasiado delicado e justo para o mesquinho e sórdido mundo estudantil — e tivera de pagar por isso. Refleti, com amargura, que sempre, por parte da maioria — que pode mesmo incluir diretores estúpidos e sórdidos — a percepção de tais diferenças, de tais superioridades, redunda infalivelmente em vingança.

Tanto Miles como Flora possuíam uma doçura (era o seu único defeito, mas isso jamais tornou Miles apoucado) que os tornava — como poderei dizê-lo? — quase impessoais e, certamente, criaturas que a gente não podia castigar. Eram como os querubins da anedota, que não tinham — pelo menos moralmente — lugar algum em que pudessem receber umas palmadas! Lembro-me de que Miles, particularmente, me dava a impressão de não haver tido história. Neste sentido, pouco se pode esperar de um menino, mas havia, naquele lindo rapazinho, algo extraordinariamente sensível e, não obstante, extraordinariamente feliz, que me assombrava — mais do que em qualquer outra criatura de sua idade que eu haja visto — como se ele renascesse todos os dias. Não sofrera jamais um segundo que fosse. Encarei tal fato como uma prova flagrante de que ele não havia sido realmente castigado. Se houvesse procedido mal, eles o teriam "apanhado" — e eu, de minha parte, teria recebido sinais disso. Mas não descobri absolutamente nada; era, pois, um anjo. Jamais falava de seu colégio, nem se referia a qualquer colega ou professor, e eu estava muito desgostosa com o que acontecera para aludir a isso. Achava-me, está claro, debaixo de seu fascínio, e o mais maravilhoso é que, mesmo então, eu o sabia. Mas abandonava-me àquele encantamento; era um antídoto para o sofrimento, e mais de

um sofrimento me afligia. Naqueles dias, eu vinha recebendo cartas inquietantes de minha família, cujos assuntos não andavam bem. Em companhia, porém, das minhas crianças, que importância podia ter o que acontecia no mundo? Eis como se me apresentava a questão, em meus breves momentos de recolhimento. Eu estava aturdida pela sua beleza.

Um domingo — devo prosseguir — choveu tanto e tão ininterruptamente que não pudemos ir à igreja. Em vista disso, como as horas iam passando, combinei com Mrs. Grose que, se o tempo melhorasse, iríamos juntas ao ofício da tarde. Felizmente a chuva cessou e preparei-me para a nossa caminhada, que, através do parque e, depois, seguindo-se pela estrada, seria questão de uns vinte minutos. Ao descer para encontrar minha amiga no hall, lembrei-me de um par de luvas que tivera necessidade de alguns pontos e que as recebera — com uma publicidade pouco edificante, talvez — enquanto fazia companhia às crianças, que tomavam chá, servido, aos domingos, por exceção, naquele frio e claro templo de mogno e bronze — a sala de jantar das pessoas "grandes". Havia deixado lá as minhas luvas, e desci para apanhá-las. O dia estava bastante cinzento, mas ainda não havia cessado a luz da tarde, o que me permitiu, ao transpor a porta, não apenas reconhecer as minhas luvas, que estavam sobre uma cadeira, junto a uma grande janela, como, também, notar a presença de uma pessoa do outro lado da janela, a olhar para dentro através da vidraça. Bastou que eu desse apenas um passo na sala: a visão foi clara e instantânea. A pessoa que olhava, fixamente, para dentro, era a pessoa que já me havia aparecido. Surgiu, assim, de novo, não digo com maior nitidez, pois isso seria impossível, mas com uma proximidade que revelava um progresso em nossas relações e que me fez, logo que a vi, perder o fôlego e ficar gelada da cabeça aos pés. Era o mesmo, era o mesmo, e eu podia vê-lo, essa vez, como o vira antes, da cintura para cima, pois, embora a sala de jantar estivesse situada no andar térreo, a janela não descia até o terraço em que ele estava de pé. Tinha o rosto muito perto da vidraça, mas essa segunda e mais próxima visão teve sobre mim, por estranho que pareça, o único efeito de mostrar-me quão intensa havia sido a primeira. Não permaneceu ali senão alguns segundos — mas o bas tante para convencer-me de que também me havia visto e reconhecido. Quanto a mim, era como se eu o houvesse estado olhando durante anos e o houvesse conhecido sempre. Essa vez, no entanto, aconteceu algo que não havia acontecido antes. Seu olhar, fixo em mim através da vidraça e ao longo do aposento, era profundo e duro como da primeira vez, mas afastou-se de minha pessoa por um momento, durante o qual pude segui -lo e ver que se fixava, sucessivamente, em vários objetos. Incontinenti, tive um duplo e instantâneo choque: a certeza de que ele não viera por minha causa. Viera em busca de outra pessoa.

Tal certeza súbita — pois que era uma certeza em meio do terror — produziu em mim uma reação extraordinária. Despertou, enquanto eu me mantinha ali de pé, uma súbita vibração de coragem e dever. Digo coragem porque estava, sem dúvida, completamente fora de mim. Saí precipitadamente da sala, alcancei a porta de casa, corri pelo terraço com a maior velocidade possível e, dando a volta, observei o lugar junto à janela. Mas nada pude ver: o visitante desaparecera. Detive-me, e quase caí diante do alívio que isso me causou. Contudo, dei-lhe tempo para que reaparecesse. Digo tempo — mas quanto tempo? Não é possível dizer, hoje, quanto tempo duraram essas coisas. Sem dúvida, perdera a noção de sua medida: não podiam ter durado tanto quanto me pareceu. O terraço, o espaço em torno, o relvado e o jardim que havia além dele, bem como a parte que eu podia ver do parque, estavam vazios, imensamente vazios.

Havia arbustos e grandes árvores, mas lembro-me de que eu tinha plena certeza de que ele não se ocultara atrás deles. Estava ou não estava ali: não estava, se não podia vê-lo. Aferrei-me a esta idéia; depois, instintivamente, ao invés de voltar como havia chegado, aproximei-me da janela. Sentia, confusamente, que deveria colocar-me no lugar em que ele estivera. Assim o fiz e, colocando o rosto à vidraça, olhei, como ele, o aposento. Naquele mesmo instante, como se quisesse mostrar-me exatamente o alcance do olhar do visitante, Mrs. Grose, como eu própria o fizera pouco antes, entrou na sala. Desse modo, tive a plena imagem, repetida, do que já havia ocorrido. Viu-me como eu vira o estranho visitante; deteve-se súbito, como eu havia feito· eu lhe transmitira algo do choque que experimentara. Empalideceu, o que fez com que eu me perguntasse se também havia empalidecido tanto. Em suma: fitou-me fixamente e se retirou, exatamente como eu o fizera; e eu sabia que ela sairia da casa, daria a volta pelo terraço e viria ao meu encontro. Permaneci no mesmo lugar e, enquanto a esperava, muita coisa me passou pela mente. Mas desejo citar apenas uma. Perguntei a mim mesma por que razão também

Oh, fez-me saber logo que, dando a volta ao terraço, surgiu à minha frente:

— Em nome do céu, o que foi que aconteceu?

Estava afogueada e sem fôlego.

Nada respondi, até que se aproximou bastante de mim.

— Comigo?

Minha cara devia estar muito esquisita.

— Demonstro alguma coisa? — perguntei.

— Está branca como um lençol! Dá medo vê-la.

Refleti um instante. Diante do que sucedera, podia enfrentar, sem qualquer escrúpulo, a inocência que fosse. Minha necessidade de respeitar a inocência em flor de Mrs. Grose deslizara como um manto de meus ombros e, se vacilei um momento, não foi com a intenção de ocultar-lhe o que sabia. Estendi-lhe a mão e ela a tomou; apertei-a com força, satisfeita de tê-la junto a mim. Havia uma espécie de apoio no tímido arfar de sua surpresa.

— A senhora veio procurar-me para irmos à igreja, mas eu, positivamente, não poderei ir.

— Aconteceu alguma coisa?

— Sim. E a senhora, agora, deve sabê-lo. Eu estava com um ar muito estranho?

— Através da janela? Espantoso!

— Bem — respondi. — Eu estava assustada.

Os olhos de Mrs. Grose exprimiram, claramente, que ela não queria assustar-se, mas que conhecia muito bem as suas obrigações para deixar de compartilhar comigo de qualquer desgosto acentuado. Oh, não havia a menor dúvida de que ela devia compartilhar!

— O que a senhora viu na sala-de-jantar, há um minuto, foi resultado do que eu senti. O que eu vi. . . pouco antes. . . foi muito pior.

Sua mão apertou a minha com mais força:

— O que foi que viu?

— Um homem extraordinário. Olhando para dentro.

— Que homem extraordinário?

— Não tenho a mínima idéia.

Mrs. Grose olhou em torno, em vão.

— Para onde ele foi, então?

— Sei ainda menos.

— A senhorita o viu antes?

— Sim. . . uma vez. Na torre velha.

Ela pôde apenas olhar-me mais fixamente.

— A senhorita quer dizer que era um desconhecido?

— Inteiramente.

— E, apesar de tudo, não me disse nada?

— Não. Tinha minhas razões para calar-me. Mas agora, que a senhora já pode adivinhar. . .

Os olhos redondos de Mrs. Grose enfrentaram essas palavras.

— Ah, eu não adivinhei nada! — disse ela, simplesmente. — Como poderia imaginar, se nem

a senhorita sabe de que se trata?

— Não tenho a mínima idéia,

— A senhorita o viu em outro lugar, além da torre?

— E aqui, ainda há pouco.

Mrs. Grose parecia de novo espantada.

— Que fazia ele na torre?

— Olhava-me, de pé, lá de cima.

Refletiu um momento.

— Era, acaso, um cavalheiro?

Achei que, para responder, eu não precisava pensar:

— Não.

Olhou-me ainda mais assombrada.

Repeti: — Não.

— Não era ninguém da casa? Ninguém da aldeia?

— Ninguém... ninguém... Eu nada disse à senhora, mas procurei averiguar.

Respirou com vago alívio, como se isso, de certo modo, melhorasse a situação — mas melhorasse apenas um pouco.

— Se não é um cavalheiro...

— O que é, então? Um horror!

— Um horror?

— É... Deus me ajude, se sei o que ele é!

Mrs. Grose tornou a olhar em volta; fixou os olhos na escura distância e, depois, voltando-se para mim, exclamou, com abrupta inconseqüência:

— Já é hora de irmos à igreja.

— Oh, não tenho vontade alguma de ir à igreja!

— Isso não faria bem à senhorita?

— Não faria bem a *eles*! — respondi.

E indiquei a casa com um movimento de cabeça.

— Às crianças?

— Não posso deixá-las sozinhas, agora.

— A senhorita receia?... Respondi com audácia:

— Receio que *ele* torne a aparecer.

O rosto grande de Mrs. Grose revelou, pela primeira vez, o ligeiro e distante brilho de uma inteligência mais aguda· descobri, de certo modo, em sua expressão, o nascer atrasado de uma idéia que não partia de mim e que, para mim, era ainda completamente obscura. Lembro-me, agora, de que pensei naquilo como em algo que ela poderia me revelar — algo que estava ligado ao desejo por ela demonstrado de saber ainda mais acerca do sucedido.

— Quando foi que o viu... na torre?

— Em meados deste mês. A esta mesma hora.

— Já estava escuro?

— De modo algum. Vi-o como estou vendo a senhora.

— Então, como foi que ele pôde entrar?

— E como conseguiu sair? — respondi, rindo. — Não tive oportunidade de perguntar-lhe!

Esta tarde, como a senhora sabe, não conseguiu entrar.

— Ele apenas espia?

— Espero que se limite a isso!

Largou-me a mão e afastou-se uns passos. Aguardei um instante; depois, exclamei:

— Vá à igreja. Adeus. Eu preciso vigiar.

Voltou-se de novo para mim, lentamente:

— Receia pelas crianças?

Fitamo-nos, de novo, demoradamente.

— E a senhora, não receia?

Ao invés de responder, aproximou-se mais da janela e, durante um minuto, colou o rosto à vidraça.

— Já vê a senhora como ele podia ver.

Continuou imóvel.

— Durante quanto tempo ele esteve aqui?

— Até o momento em que eu saí. Vim ao seu encontro.

Mrs. Grose voltou-se, afinal, para mim. Seu rosto revelava maior interesse.

— Eu não teria podido sair.

— Eu tampouco — respondi, rindo de novo. — Mas saí. Tenho de cumprir o meu dever.

— Eu também tenho os meus deveres — replicou, acrescentando logo: — Como é o homem?

— Estou morrendo de vontade de descrevê-lo. Mas ele não se parece com ninguém.

— Com ninguém? — repetiu.

— Não usa chapéu.

Ao perceber, pela expressão de seu rosto, que esse pormenor já lhe permitia, com um pesar mais profundo, reconhecer alguém, acrescentei, rapidamente, outros traços ao retrato:

— Tinha cabelos ruivos, muito ruivos, e crespos, rosto pálido, alongado, de traços regulares, e suíças bastante esquisitas, tão ruivas quanto o cabelo. Sobrancelhas um pouco mais escuras, acentuadamente arqueadas, como se pudessem mover-se com facilidade. Olhos penetrantes, estranhos. . . terríveis! Mas só posso dizer com exatidão que são bastante pequenos e de olhar muito fixo. Boca larga, de lábios finos e, exceto as suíças, pareceu-me muito bem barbeado. Deu-me a impressão de que eu estava diante de um ator.

— Um ator!

Nada poderia assemelhar-se menos a um ator, pelo menos naquele momento, do que Mrs. Grose.

— Nunca vi nenhum, mas suponho que são assim. É alto, esguio, ereto — prossegui — mas não se trata, de modo algum, de um cavalheiro!

Enquanto eu falava, o rosto de minha amiga empalideceu; seus olhos redondos começaram a piscar nervosamente e abriu a boca.

— Um cavalheiro? — balbuciou, perplexa, atônita. — Um cavalheiro, *ele?*

— Então a senhora o conhece?

Procurou, visivelmente, conter-se.

— Mas... é bonito?

Descobri um meio de ajudá-la:

— Muito bonito.

— E as roupas?

— Roupas de uma outra pessoa. Elegantes, mas não são dele.

Sem fôlego, deixou escapar um gemido afirmativo:

— São do patrão!

Aproveitei o momento:

— Então o conhece?

Hesitou um instante; depois, exclamou:

— Quint!

— Quint?

— Peter Quint. . . seu próprio criado de quarto, quando ele estava aqui.

— Quando o patrão estava aqui?

Ainda sem fôlego, mas disposta a ajudar-me, acumulava pormenores:

— Nunca usou chapéu, mas usava. . . bem, desapareceram vários coletes. Ambos estiveram aqui. . . o ano passado. Depois o patrão se foi e Quint ficou sozinho.

Eu seguia-lhe as palavras, um tanto ansiosa.

— Sozinho?

— Sozinho conosco — respondeu, ajuntando logo, como se tirasse as palavras do fundo da alma: — Como mordomo.

— E que fim levou ele?

Hesitou tanto, que fiquei ainda mas intrigada. Por fim, disse:

— Ele também se foi.

— Foi para onde?

Diante de minha pergunta, sua fisionomia revelou grande espanto:

— Só Deus sabe para onde! Morreu.

Quase lancei um grito:

— Morreu?

Ela pareceu firmar-se em sua resolução, apoiar mais os pés no chão, para revelar o fato espantoso:

— Sim. Mr. Quint morreu.

Houve necessidade, naturalmente, de mais de uma conversa como essa para que fizéssemos uma idéia que teríamos de enfrentar, da melhor maneira possível, a partir de então· minha espantosa receptividade para as impressões de um gênero de que tivera tão vívido exemplo, e o conhecimento que agora havia adquirido a minha companheira — um conhecimento entre consternado e compassivo — dessa minha receptividade. Essa tarde, depois que tal revelação me deixou, por espaço de uma hora, inteiramente prostrada, não comparecemos a nenhum ofício religioso, salvo um pequeno ofício de lágrimas e votos, de preces e promessas, clímax de uma série de juramentos e compromissos recíprocos a que nos entregamos ao recolhermo-nos juntas à sala de estudos, onde nos fechamos para discutir claramente o caso. O resultado dessa nossa discussão contribuiu simplesmente para reduzir a nossa situação aos seus elementos mais preciosos. Mrs. Grose não vira nada, nem sequer a sombra de uma sombra, e ninguém na casa, salvo a preceptora, se via metida em seus apuros de preceptora. Não obstante, Mrs. Grose aceitou a verdade de minhas afirmações sem pôr em dúvida a minha sanidade mental, terminando por demonstrar-me uma ternura em que havia algo de respeitoso temor por aquele meu privilégio — privilégio mais do que duvidoso — ternura essa que ainda hoje guardo em minha lembrança como a mais doce das caridades humanas.

Assim, admitimos francamente entre nós, aquela noite, que poderíamos suportar juntas os acontecimentos — e eu não estava sequer segura de que ela, apesar de não possuir a minha receptividade, iria ficar com a parte mais leve do fardo. Creio que eu então já sabia, tão bem como o soube mais tarde, o que era capaz de enfrentar para proteger os meus discípulos, mas demorou algum tempo para que eu me convencesse inteiramente de que a minha honesta aliada estava em condições de observar os termos de um compromisso tão difícil. Eu era uma companheira bastante estranha — tão estranha como a companheira que me coubera encontrar, mas, ao lembrar as coisas por que passamos, vejo quanta coisa em comum devia haver na idéia que por sorte, *podia* dar-nos coragem. Era a idéia, o segundo movimento, que me lançou para fora, por assim dizer, do aposento secreto do meu terror. Podia, ao menos, respirar ao ar livre, e Mrs. Grose podia unir-se a mim. Lembro-me perfeitamente da maneira singular pela qual recobrei minhas forças, antes de nos recolhermos. Havíamos analisado, repetidas vezes, todos os pormenores daquilo que eu vira.

— A senhorita diz que ele procurava alguém. . . alguém que não era a senhorita?

— Procurava o pequeno Miles — respondi, tomada de portentosa clarividência. — *Isso* é que êle procurava.

— Mas como é que sabe?

— Sei! Não tenho a mínima dúvida! — Cresceu a minha exaltação: — E a senhora também o sabe!

Ela não o negou, mas senti que nem mesmo aquela confirmação me fazia falta. Perguntou-me, depois de um momento de reflexão:

— E o que aconteceria, se êle o visse?

— O pequeno Miles? É o que êle deseja!

Pareceu de novo muito assustada.

— O menino?

— Deus não o permita! O homem. Quer aparecer *a eles.*

Era horrível conceber tal coisa, mas, de certo modo, eu podia evitar que isso ocorresse — e foi o que consegui, praticamente, provar, enquanto permanecemos lá. Tinha absoluta certeza de que eu tornaria a ver o que havia visto, mas algo em meu íntimo me dizia que, oferecendo-me corajosamente como único sujeito de tal experiência, aceitando-a, provocando-a, sobrepondo-me a tudo aquilo, serviria como vítima expiatória e defenderia a tranquilidade de meus companheiros. Principalmente as crianças, eu haveria de defender por todos os meios; fazer tudo para salvá-las. Recordo uma das últimas coisas que disse, aquela noite, a Mrs. Grose:

— Surpreende-me que os meus discípulos não hajam mencionado nunca. . .

Olhou-me fixamente, enquanto eu me detinha, pensativa.

— O fato de êle haver vivido aqui e o tempo que passaram em sua companhia? — perguntou-me ela.

— O tempo que passaram com êle, e seu nome, e sua presença, e sua história. . . Mas não o fizeram de modo algum.

— Oh, a menina não se lembra. Nunca ouviu nem soube nada.

— Acerca de sua morte?

Refleti, com certa intensidade:

— Talvez. Mas Miles deveria lembrar. . . Miles deveria saber.

— Oh, não o interrogue! — exclamou Mrs. Grose.

Devolvi-lhe o olhar que me lançou:

— Não tenha receio. — E continuei pensando: — Mas é um tanto estranho. . .

— Que não tenha nunca falado dele?

— Nunca. Nem a menor alusão. E a senhora me diz que eram "grandes amigos".

— Oh, o pequeno não tinha culpa! — declarou Mrs. Grose, com ênfase. — Era tudo coisa de Quint. Brincar com êle, quero dizer. . . mimá-lo.

Deteve-se um instante; depois, ajuntou:

— Quint tomava muita liberdade.

Estas palavras, trazendo-me à mente a visão do seu rosto — e que rosto! — me causaram súbito mal-estar e aversão·

— Demasiada liberdade com o *meu* menino?

— Demasiada liberdade com todos!

Abstive-me, no momento, de analisar mais nitidamente tal descrição, limitando-me a pensar que podia aplicar-se, em parte, às diversas pessoas da casa, àquela meia dúzia de criadas e servidores que ainda constituíam a nossa pequena colônia. Mas havia um motivo de apreensão no próprio fato, em si mesmo feliz, de que nenhuma lenda desagradável, nenhum episódio lamentável, relacionado com a criadagem, estivesse unido, na lembrança de ninguém, à simpática e velha mansão. Não tinha mau nome nem fama escabrosa, e Mrs. Grose, ao que tudo indicava, queria apenas apegar-se a mim e tremer em silêncio. Cheguei mesmo a pô-la à prova, no último momento. Foi quando, à meia-noite, colocou a mão no trinco da porta da sala de estudos, disposta a recolher-se.

— Então, a senhora me assegura — e isso é de máxima importância — que êle era, reconhecidamente, um indivíduo mau?

— Oh, reconhecidamente, não. *Eu* o sabia, mas o patrão ignorava. — E nunca lhe contou?

— Bem, êle não gostava dessas coisas: odiava queixas. Era terrivelmente seco, quando se tratava disso; contanto que êle julgasse direitas as pessoas. . .

— Não se importava com o resto?

Isso se enquadrava perfeitamente na impressão que me causara: não era um cavalheiro que gostasse de complicações, nem muito exigente, talvez, quanto às pessoas que viviam em sua casa. Apesar de tudo, afirmei à minha interlocutora:

— Asseguro-lhe que *eu* teria contado!

Ela sentiu a minha discriminação.

— Reconheço que fiz mal em não contar. Mas tinha, realmente, medo.

— Medo de quê?

— Das coisas que aquele homem poderia fazer. Quint era muito inteligente. . . muito estranho.

Suas palavras me causaram maior surpresa, talvez, do que o demonstrei.

— E não tinha medo de alguma outra coisa? De sua influência? . . .

— De sua influência? — repetiu ela, com uma expressão de angústia, enquanto eu balbuciava:

— De sua influência sobre essas vidas inocentes e preciosas. As crianças estavam a cargo da senhora.

— Não, não estavam a meu cargo! — exclamou, franca e dolorosamente. — O patrão confiava nele e colocou-o aqui porque era uma pessoa de má saúde, e acreditava que os ares daqui lhe fizessem bem. De modo que êle podia dizer tudo, falar de todos. Sim — confessou-me — até mesmo *deles*

— Deles? Uma tal criatura?! — tive de sufocar uma espécie de grito. — E como é que a senhora pôde suportar tal coisa?

— Não, não podia. . . como não posso agora!

E a pobre mulher rompeu em pranto.

A partir do dia seguinte, como disse, as crianças deveriam ser atentamente vigiadas; não obstante, durante a semana, quantas vezes não voltamos a tratar, com paixão, do mesmo tema! Por muito que o tivéssemos discutido naquela noite de domingo, permaneci ainda, principalmente nas horas da madrugada que se seguira — pois é fácil imaginar se passei a noite em claro! — obcecada pela sombra de algo que ela não me havia dito. Eu não ocultara nada, mas havia uma palavra que Mrs. Grose não proferira. Tinha a certeza, ademais, na manhã seguinte, que ela não fizera aquilo por falta de franqueza, mas porque vivíamos cercados de temores. Parece-me agora, com efeito, retrospectivamente, que, ao amanhecer, quando o sol já estava alto, eu já havia lido, nos fatos que tínhamos à nossa frente, quase todo o significado que deveriam receber dos acontecimentos subsequentes, muito mais cruéis. Evocava, de maneira particular, a figura sinistra do homem vivo — o morto poderia esperar! — e os meses que êle havia passado continuamente em Bly, os quais, somados, representavam um longo período. Esse tempo mau só chegou a seu término quando, ao despontar de uma manhã de inverno, Peter Quint foi encontrado morto, congelado, no caminho da aldeia, por um trabalhador que ia para o trabalho. Um ferimento visível, na cabeça, explicou a catástrofe, pelo menos superficialmente: aquele ferimento poderia ter sido causado — como, de fato, o foi, segundo o demonstraram as

circunstâncias — por haver-se enganado de caminho, em plena noite, ao sair da taberna, e rolado, fatalmente, por uma encosta coberta de gelo, ao pé da qual o seu corpo jazia. A encosta coberta de gelo, o caminho errado, as libações na taberna, explicavam muita coisa: praticamente, no fim, depois das investigações e dos infindáveis comentários, explicavam tudo. Mas havia certas coisas em sua vida — estranhos episódios e perigos, desordens secretas, vícios mais que suspeitados — que teriam explicado muito mais.

Mal sei de que modo redigir esta história com palavras que tornem verossímil o meu estado de espírito; mas, naqueles dias, era literalmente capaz de encontrar alegria no extraordinário heroísmo que a ocasião exigia de mim. Vejo, agora, que havia sido convidada para um trabalho difícil e admirável, e que havia certa grandeza em demonstrar — oh, a quem aquilo pudesse interessar! — que eu podia triunfar onde mais de uma jovem havia fracassado. Foi-me uma ajuda imensa — confesso que chego a aplaudir-me ao pensar nessa época — o fato de haver encarado a minha tarefa com tanta calma e energia. Estava ali para proteger e defender as duas criaturinhas mais desamparadas e adoráveis do mundo: o súbito apelo de seu desamparo se me tornou, de repente, bastante explícito, ressoando em meu coração e causando-me um sofrimento profundo, constante. Estávamos os três isolados, unidos pelo perigo comum. Eles não tinham ninguém senão a mim, e eu. . . bem, eu os tinha a *eles*. Era, em suma, uma oportunidade magnífica. Essa oportunidade se me apresentava sob uma forma essencialmente concreta. Eu era uma tela, e devia ficar diante deles. Quanto mais eu visse, menos veriam eles. Passei a observá-los com tensa expectativa, com uma disfarçada ansiedade que, se continuasse durante muito tempo, poderia converter-se em algo semelhante à loucura. O que me salvou, percebo-o agora, foi que os acontecimentos tomaram outro rumo. Aquilo não durou muito como expectativa: foi substituído por provas horríveis. Provas, sim, digo eu. . . e que surgiram no momento em que pude, realmente, perceber toda a situação.

Esse momento data de uma tarde, à hora em que eu costumava passear pelos jardins com a minha pequena discípula. Tínhamos deixado Miles em casa, sobre o acolchoado vermelho do assento que ocupava todo o vão de ampla janela; queria terminar um livro, e eu ficara contente em encorajar tão louvável propósito num jovenzinho cujo único defeito era, às vezes, uma certa inquietude. Sua irmã, pelo contrário, parecia desejosa de sair, e caminhamos meia hora, procurando os lugares em que havia sombra, pois que o sol estava ainda alto e o dia era excepcionalmente quente. Tornei a notar, enquanto caminhávamos, até que ponto Flora conseguia, como o irmão — aquilo constituía em ambos um dom encantador — deixar-me sozinha sem que parecesse abandonar-me, e fazer-me companhia sem estar constantemente a meu lado. Não eram jamais importunos e, no entanto, não se mostravam jamais indiferentes. Toda a minha vigilância se limitava a vê-los divertirem-se imensamente sem mim: era um espetáculo que eles pareciam preparar ativamente, cabendo-me a mim apenas o papel de admiradora entusiasta. Eu vivia num mundo de sua invenção, sem que eles precisassem jamais recorrer à minha, de modo que o meu tempo era ocupado em ser, para eles, unicamente a personagem ou a coisa notável que o seu folguedo do momento exigia que eu fosse, e que era sempre, graças à minha posição superior e preeminente, alguma sinecura feliz e altamente honrosa. Não recordo qual era o meu papel nessa ocasião; lembro-me apenas que era algo muito importante e tranquilo e que Flora brincava com muita seriedade e empenho. Estávamos à margem do lago, e como, nos últimos tempos, havíamos começado a estudar geografia, o lago

era o mar de Azof.

Súbito, nessas circunstâncias, percebi que, da margem oposta do mar de Azof, um espectador muito interessado nos observava. Foi a coisa mais estranha do mundo a maneira pela qual aquela certeza se foi formando em meu espírito, com exceção de algo mais estranho ainda em que aquela certeza se converteu, passado um momento. Eu estava sentada com um trabalho nas mãos — porque eu era alguém que conseguia sentar-se — num velho banco de pedra existente diante do lago, e, na quela posição, mesmo sem erguer os olhos, comecei a sentir a presença, à distância, duma terceira pessoa. As velhas árvores, os arbustos espessos, formavam uma grande e agradável sombra, mas estava tudo mergulhado no tranquilo e cálido resplendor da hora. Não havia ambiguidade em nada; nenhuma ambiguidade, pelo menos, na convicção que de um momento para outro, fui adquirindo com respeito ao que veria diretamente à minha frente, no lado oposto do lago, quando erguesse os olhos. Meus olhos estavam fixos na costura que eu tinha nas mãos, mas posso ainda sentir o espasmo de meu esforço para não erguê-los, enquanto não me houvesse acalmado o bastante para saber o que deveria fazer. Havia, à vista, uma pessoa estranha — uma figura cujo direito de estar ali repeli, em meu íntimo, com veemência, no mesmo instante. Lembro-me de haver pensado em todas as hipóteses, de haver dito a mim mesma que nada seria mais natural, por exemplo, do que o aparecimento ali de algum dos homens que trabalhavam na casa, ou mesmo um mensageiro, um carteiro ou um entregador de mercadorias, vindo da aldeia. Este pensamento teve tão pouco efeito sobre a minha convicção real quanto mais convencida estava eu — mesmo sem olhar — do caráter e da atitude de nosso visitante. Nada mais natural que aquilo fosse justamente o que as outras coisas, de modo algum, o eram.

Quanto à identidade positiva da aparição, certificar-me-ia logo que o pequeno relógio da minha coragem marcasse o minuto exato; entrementes, com um esforço que já era bastante intenso, volvi os olhos para a pequena Flora, que, naquele instante, estava a uns dez passos de distância. Durante um instante, meu coração cessou de bater, ao perguntar-me, cheia de espanto e terror, se ela também o veria — e contive o fôlego à espera de que um grito ou algum sinal inocente e súbito, de interesse ou alarme, mo revelasse. Fiquei à espera, mas nada aconteceu; depois — e há nisto, creio, algo mais horrível ainda do que tudo o que tenho para relatar — tive a sensação de que, havia já um minuto, ela havia cessado de fazer qualquer ruído, bem como a de que, dentro desse minuto, sem deixar de brincar, havia voltado as costas para o lago. Essa era a sua atitude quando, por fim, a olhei, com a firme convicção de que ainda estávamos, ambas, submetidas a uma observação direta e pessoal. Flora apanhara do chão um pedaço de madeira chata, que tinha um pequeno orifício, o qual, evidentemente, lhe sugerira a idéia de introduzir no mesmo um outro fragmento, que poderia servir de mastro e fazer daquilo uma espécie de barco. Quando a observei, ela procurava, muito concentrada, ajustar em seu lugar o pedaço de madeira. Fiquei tão apreensiva diante do que ela estava fazendo que, após alguns segundos, senti que estava preparada para o que viesse depois. Então, ergui de novo os olhos... e enfrentei o que devia enfrentar.

Logo que pude, depois que isso aconteceu, lancei-me sobre Mrs. Grose; hoje, não me é possível descrever, de maneira inteligível, as emoções com que lutei no intervalo. No entanto, ainda posso ouvir o grito com que me atirei em seus braços:

— Eles *sabem*! É por demais monstruoso! Eles sabem, sabem!

— Mas sabem o que, pelo amor de Deus?

Enquanto me abraçava, senti a sua incredulidade.

— Tudo o que *nós* sabemos. . . e só Deus sabe o que mais!

Depois, quando ela me soltou de seus braços, expliquei o que ocorrera — e só então talvez eu haja compreendido, com absoluta coerência, o que estava acontecendo.

— Há duas horas, no jardim — mal pude falar — Flora *viu!*

Mrs. Grose recebeu minhas palavras como um golpe no estômago.

— Ela lhe disse? — perguntou, arquejante.

— Não me disse uma única palavra. . . Aí é que está o horror! Guardou tudo consigo! Uma criança de oito anos. . . e *justamente* ela!

Minha estupefação era inexprimível.

Mrs. Grose, certamente, não pôde fazer outra coisa senão ficar ainda mais boquiaberta.

— Como é, então, que a senhorita sabe?

— Eu estava lá. . . Vi com os meus próprios olhos· percebi que o notou perfeitamente.

— A senhorita quer dizer que ela notou a presença *dele*?

— Não. A presença *dela*

Sabia que, ao falar, estava me referindo a coisas prodigiosas, pois via o seu reflexo no rosto da minha companheira.

— Uma outra pessoa. . . esta vez. Mas uma figura em que transpareciam, inequivocamente, o horror e o mal: uma mulher de preto, pálida e terrível. . . Com um ar também terrível. . . e que rosto!. . . do outro lado do lago. Eu estava lá com a menina e, durante uma hora, tudo se achava tranquilo. De repente, porém, ela veio.

— Veio como?... De onde?

— Do lugar de onde eles vêm! Apareceu, simplesmente, e ficou lá de pé. . . mas não muito perto.

— E não se aproximou?

— Oh, pela impressão e o efeito que causava, era como se estivesse tão perto como a senhora!

Minha amiga, cedendo a um impulso estranho, retrocedeu um passo.

— Era alguém que a senhorita nunca viu?

— Nunca. Mas alguém que a menina já viu. Alguém que a *senhora* já viu.

E, para mostrar que eu refletira bem sobre o caso, acrescentei :

— É a minha antecessora. . . a que morreu.

— A senhorita Jessel?

— A senhorita Jessel. Não acredita em mim? — insisti.

Ela não sabia para onde se voltar, em sua aflição.

— Como é que pode ter certeza?

No estado de nervos em que me achava, explodi, impaciente:

— Então pergunte a Flora. *Ela* tem certeza!

Mas, mal proferi essas palavras, contive-me.

— Não, pelo amor de Deus, não pergunte! Ela dirá que não. . . Mentirá!

Mrs. Grose não estava tão perplexa que deixasse de protestar:

— E como é que a *senhorita* sabe?

— Porque estou certa disso. Flora não quer que eu saiba.

— Então é porque quer, apenas, poupá-la.

— Não, não. Há abismos, abismos! Quanto mais me debruço sobre eles, mais vejo e, quanto mais vejo, mais me atemorizo. Não sei o que *não* veja, o que *não* tema!

Mrs. Grose esforçava-se por seguir minhas idéias:

— Quer dizer que receia vê-la de novo?

— Oh, não! Isso não é nada. . . agora. — E expliquei: — O que receio é *não* vê-la.

Mas minha companheira parecia apenas pálida.

— Não compreendo.

— Bem. Receio que a pequena a veja e não me diga nada; receio que a veja, como seguramente a *verá*, sem que eu o saiba.

Ante semelhante possibilidade, Mrs. Grose pareceu desfalecer um pouco, mas logo se reanimou, como se tomada por uma força positiva que lhe dissesse que, se retrocedêssemos um passo, estaríamos perdidas.

— Querida, querida, não devemos perder a cabeça! Afinal de contas, se ela não se importa. . . — Tentou, mesmo, um gracejo sinistro: — Talvez até goste!

— Gostar de *tais* coisas. . . um pedacinho de gente como ela!

— E não é isso justamente uma prova da sua abençoada inocência? — perguntou, bravamente, minha amiga.

Por um momento, quase me convenceu.

— Sim — respondi. — Devemos aferrar-nos a *isso*. . . agarrar-nos a tal possibilidade. Se não é uma prova do que a senhora diz, é uma prova de. . . Deus sabe o quê! Pois a mulher é o horror dos horrores.

Mrs. Grose, ao ouvir-me, pousou os olhos no chão durante um instante; depois, ergueu-os de novo para mim:

— Diga-me como é que o sabe.

— Então, admite que ela era assim?

— Diga-me como é que sabe — repetiu, simplesmente, minha amiga.

— Como é que sei? Basta vê-la! Pela sua maneira de olhar.

— De olhar para a senhorita. . . com uma expressão má?

— Deus do céu, eu não o teria podido suportar! Não me olhou uma única vez. Fitava apenas a menina.

Mrs. Grose procurava imaginar a cena:

— Cravava os olhos nela?

— Ah, e que olhos terríveis!

Observou-me, como se os meus olhos pudessem parecer-se aos que eu acabara de

descrever.

— Olhar de aversão?

— Não, Deus nos proteja! De algo muito pior.

— Pior do que aversão? — perguntou, completamente aturdida.

— Com uma determinação. . . indescritível. Com uma espécie de intenção furiosa.

Fi-la empalidecer.

— Intenção?

— De apoderar-se dela.

Mrs. Grose — cujos olhos se detiveram um instante nos meus — estremeceu e caminhou até a janela. Enquanto lá estava, olhando através da vidraça, terminei meu relato:

— *Isso* é que Flora sabe.

Depois de um momento, voltou-se para mim.

— A senhorita disse que a pessoa estava vestida de preto?

— De luto. Luto bastante pobre, quase miserável. Mas, sim. . . era de uma beleza extraordinária.

Reconhecia, agora, até onde eu havia levado, golpe atrás de golpe, a vítima da minha confidência, pois que ela ponderou, visivelmente, as minhas palavras.

— Oh, muito bonita. . . muito, mesmo — insisti. — Espantosamente bonita. Mas infame.

Voltou-se lentamente para mim:

— A senhorita Jessel. . . *era* infame.

Tomou de novo minhas mãos nas suas, apertando-as com força, como para animar-me ante o súbito alarme que sua revelação pudesse causar-me:

— Ambos eram infames — disse, finalmente.

Por um momento, encaramos de novo, juntas, a questão — e senti certo alívio em encarar os fatos de frente.

— Aprecio — disse-lhe — a sua grande decência em não haver falado até agora; mas não há dúvida de que chegou o momento em que deve contar-me tudo.

Parecia assentir, mas, mesmo assim, se conservava ainda em silêncio. Diante disso, prossegui:

— Preciso saber tudo agora. De que morreu ela? Vamos, devia haver algo entre eles.

— Havia tudo.

— Apesar da diferença?. . .

— Sim. De condição social, de posição — confessou, tristemente, Mrs. Grose. — Era uma verdadeira dama.

Evoquei o sucedido; vi-a novamente.

— Sim. . . Era uma dama.

— E ele tão espantosamente inferior a ela — disse Mrs. Grose.

Senti que, em sua companhia, não me era necessário, certamente, insistir quanto ao lugar ocupado por um criado na escala social; mas nada me impedia de aceitar a medida pela qual Mrs. Grose aquilatava o rebaixamento da minha antecessora. Havia um modo de tratar desse assunto, e vali-me dele, tanto mais facilmente quanto ainda persistia ante meus olhos a visão — bastante nítida — do criado morto: inteligente, bem apessoado, impudente, seguro de si mesmo, estragado pela condescendência do patrão, depravado.

— Esse indivíduo era um animal.

Mrs. Grose considerou o caso como se se tratasse, talvez, de uma questão de matizes.

— Nunca vi ninguém como ele. Fazia o que queria.

— Com *ela?*

— Com todos.

Era como se a senhorita Jessel houvesse surgido de novo ante os olhos de minha amiga. Pareceu-me, pelo menos durante um instante, que a evocava com tanta nitidez como quando a vira junto ao lago — e declarei, com decisão:

— Deve ter sido também o que *ela* desejava!

O rosto de Mrs. Grose significava que assim havia sido, com efeito, mas, ao mesmo tempo, disse:

— Pobre mulher!. . . Pagou pelo que fez!

— Então sabe de que ela morreu? — perguntei.

— Não. Não sei de nada; não quis saber. Fiquei contente, de não saber, e agradeço a Deus que haja morrido longe daqui.

— Mas, então, a senhora fazia uma idéia. . .

— Da verdadeira razão da sua partida? Oh, quanto a isso, sim. Não poderia ter ficado. Imagine isso acontecer aqui. . . com uma preceptora! E depois pensei. . . e ainda penso em certas coisas. E o que penso é horrível.

— Mas não tão horrível como o que *eu* imagino — respondi.

E, naquele instante, devo ter-lhe revelado — pois a minha convicção era bastante profunda — um aspecto de miserável fracasso, o que fez surgir novamente toda a sua compaixão para comigo e, diante dessa nova manifestação de bondade, o meu poder de resistência cedeu. Rompi em pranto, como acontecera com ela, por minha causa, na vez anterior. Ela tomou-me em seu peito maternal e meus lamentos transbordaram.

— Não posso! — soluceí, desesperada. — Não posso salvá-los nem protegê-los! É muito pior do que tudo que imaginei!. . . Estão perdidos!

O que eu dissera a Mrs. Grose era bastante certo· havia, no assunto que lhe expusera, possibilidades e abismos que eu não tinha coragem de sondar. Por isso, quando de novo nos encontramos, tomadas daquela sensação comum de espanto, pusemo-nos de acordo em que o nosso dever era resistir às fantasias extravagantes. Quando mais não fosse, precisávamos não perder a cabeça, por mais difícil que isso pudesse ser diante do que, em nossa prodigiosa aventura, se nos apresentava como coisa indiscutível. Aquela noite, a horas mortas, enquanto a casa dormia, tivemos outra conversa em meu quarto, tendo ficado claro entre nós, sem sombra de dúvida, que eu havia visto exatamente o que vira. Para mantê-la no auge do assombro, vi que me bastava apenas perguntar-lhe como, se houvesse "inventado" a história, poderia eu dar, de cada uma das pessoas que aparecessem, um retrato que revelava, em seus mínimos pormenores, os seus sinais particulares — um retrato ante cuja exibição ela pudera instantaneamente reconhecê-los e citar-lhes os nomes. Ela queria — e não se deve censurá-la por isso — deixar inteiramente de lado o assunto, mas eu lhe assegurei incontinenti que o meu próprio interesse na questão havia adquirido agora, violentamente, a forma de uma pesquisa que nos permitisse encontrar um meio de nos livrarmos daquilo. Concordamos em que, com a repetição das visões — pois que aceitamos como coisa certa que se repetissem — havia probabilidade de que me habituasse às mesmas, tendo eu então declarado que os meus riscos pessoais haviam passado a ser, subitamente, a menor das minhas preocupações. O intolerável era a minha nova suspeita — e, no entanto, as últimas horas do dia me haviam trazido um pouco de sossego mesmo quanto ao que dizia respeito a esta complicação.

Ao deixá-la, depois do meu primeiro desabafo, eu voltara aos meus discípulos, certamente associando o remédio certo para o meu desânimo com o encanto que deles emanava e que eu reconhecera, desde, o princípio, como algo que eu, positivamente, podia cultivar, e que, até então, não me havia falhado jamais. Em outras palavras, mergulhara de novo no convívio de Flora, verificando — e isso foi uma coisa maravilhosa! — que ela sabia pousar a sua pequena mão justamente sobre o ponto doloroso. Observava-me com doce curiosidade e, depois, com os olhos pousados em meu rosto, acusou-me de haver "chorado". Eu pensava que havia feito desaparecer de meu rosto os feios sinais de choro, mas, pelo menos naquele momento, a sua penetrante manifestação de caridade quase fez com que eu me alegrasse de que eles não houvessem desaparecido inteiramente. Contemplar as profundezas azuis de seus olhos infantis e declarar que sua beleza era um truque de astúcia precoce, significava tornar-me culpada de um cinismo ao qual eu preferia, naturalmente, renunciar o meu julgamento e, logo que pudesse, a minha agitação. Não podia renunciar simplesmente por assim desejar, mas podia dizer a Mrs. Grose — como, de fato, o fiz, noite adentro — que, com as suas vozes no ar, seus corpos apertados de encontro ao meu peito e seus rostos fragrantes contra a minha face, tudo ruía por terra, menos a sua inocência e a sua beleza. Era uma pena ver-me obrigada, de certo modo, a fim de resolver o assunto de uma vez por todas, a enumerar novamente os sinais de astúcia que, essa tarde, junto ao lago, converteram em algo milagroso a calma que aparentei. Era uma pena ver-me obrigada a reexaminar a certeza daquele momento e repetir de que maneira me surgira,

como uma revelação daquela inconcebível comunicação, a convicção de que se tratava de um hábito para ambas as partes. Era lamentável que eu me visse obrigada a expor de novo as razões que não me permitiram duvidar, um momento sequer, de que a pequena havia visto a nossa visitante como eu realmente via Mrs. Grose naquele instante, e que desejava, embora a tivesse visto, fazer-me crer que não a vira e, ao mesmo tempo, sem demonstrar qualquer emoção, adivinhar até que ponto eu havia participado daquela visão! Era lamentável que eu me visse obrigada a descrever novamente a portentosa e concentrada atividade com que Flora procurara desviar minha atenção: o perceptível aumento de seus movimentos, a maior intensidade com que brincava com o barquinho, o seu canto, a sua tagarelice infantil, o seu convite para que fizéssemos travessuras. Contudo, se não me houvesse permitido examinar os fatos dessa maneira, para convencer-me de que os mesmos eram inexistentes, teria perdido os dois ou três elementos vagos de consolo que ainda me restavam. Não teria podido, por exemplo, afirmar à minha amiga que eu tinha a certeza — o que era para o bem de todos — que pelo menos eu não me havia traído. Não teria sido levada, por força da necessidade, ou pelo desespero que me possuía — nem sei como chamá-lo — a colocar a minha amiga entre a espada e a parede, na esperança de que ela pudesse ajudar-me a compreender melhor o que se passava. Ela me dissera, pouco a pouco, sob pressão, muita coisa; mas uma pequena mancha movediça, no lado sombrio do assunto, roçava-me de vez em quando a testa como a asa de um morcego — e lembro-me de como essa noite — pois que toda a casa dormia e a conjunção de nosso perigo e de nossa vigília parecia ajudar-nos — senti a necessidade de descerrar, num arranco, a última dobra da cortina.

— Não acredito numa coisa assim tão horrível — lembro-me de haver dito. — Não! E quero que fique bem claro, entre nós, que não acredito. Mas, se acreditasse, há uma coisa que eu exigiria, agora, sem procurar poupá-la de modo algum, que a senhora me dissesse. Perguntar-lhe-ia: que é que a senhora tinha em mente quando, em nossa aflição, antes da chegada de Miles, ao ler-lhe a carta recebida do colégio, me disse, diante de minha insistência, que não pretendia afirmar que ele não houvesse agido *nunca* mal? *Nunca*, durante estas semanas que tem vivido comigo, e nas quais o tenho vigiado atentamente, ele se portou mal; tem sido sempre um pequeno e imperturbável prodígio de adorável e encantadora bondade. Portanto, a senhora bem poderia ter reivindicado para ele todas essas qualidades, se não houvesse, como aconteceu, deparado com algo que constituísse uma exceção. Qual foi essa exceção e a que circunstância de sua experiência pessoal a senhora se referia?

Era um interrogatório tremendamente severo, mas a ligeireza não era a nossa nota habitual e, de qualquer modo, antes que a madrugada cinzenta nos adoestasse a separar-nos, obtive a minha resposta. O que minha companheira tinha em mente se enquadrava perfeitamente em minha conjetura. Era, nem mais nem menos, a circunstância de que, durante um período de muitos meses, Quint e o menino tinham vivido constantemente juntos. Ela se aventurara a criticar a conveniência, a referir-se à incongruência de tão íntima amizade, chegando mesmo a falar francamente sobre isso com a senhorita Jessel. A senhorita Jessel, da maneira mais estranha, lhe pedira que cuidasse de seus próprios assuntos, de modo que a boa mulher não teve outro recurso senão dirigir-se diretamente ao pequeno Miles. O que ela lhe disse, segundo confessou ante minha insistência, foi que gostaria que o pequeno gentleman não esquecesse a sua posição social.

Tornei a insistir, certamente, ao ouvir suas palavras:

— Fez-lhe ver que Quint não passava de um empregado inferior?

— Exatamente como a senhorita diz! E sua resposta, por um lado, não me agradou.

— E por outro? Repetiu suas palavras a Quint?

— Não, nada disso. Era justamente isso que ele não faria — respondeu, acentuando as palavras, para me impressionar. — De qualquer modo, eu tinha a certeza de que ele não o faria. Mas negou certas circunstâncias.

— Que circunstâncias?

— Que passassem juntos longas horas, como se Quint fosse seu preceptor — um importante preceptor — e como se a senhorita Jessel devesse ocupar-se apenas da pequena Flora. Negou, quero dizer, que saísse com esse indivíduo e passasse longas horas em sua companhia.

— Então respondeu que não era certo?

Assentiu de maneira tão clara, que me obrigou a acrescentar:

— Compreendo. Ele mentiu.

— Oh! — balbuciou Mrs. Grose, como se quisesse dizer que isso não tinha importância, e sublinhou suas palavras com outra observação: — Afinal de contas, a senhorita Jessel não se importava. Ela não o proibia.

Refleti.

— Foi isso que Miles lhe respondeu, para justificar-se?

Deteve-se novamente.

— Não, nunca me falou disso.

— Nunca falou dela com relação a Quint?

Percebeu, enrubescendo visivelmente, aonde eu queria chegar.

— Bem, ele nunca demonstrou saber nada disso. Negava — repetiu — negava.

Santo Deus, que maneira a minha de investir sobre ela!

— De modo que a senhora podia ver que Miles não ignorava o que havia entre esses dois miseráveis?

— Não sei. . . não sei! — gemia a pobre mulher.

— A senhora sabe, minha cara amiga. Só que lhe falta a minha terrível audácia de imaginação e, por timidez, por decência, por delicadeza, ocultou até mesmo essa impressão que, no passado, quando teve de suportar sozinha os fatos, sem a minha ajuda, lhe deve ter causado grande sofrimento. Mas eu arranquei tudo isso da senhora! Havia alguma coisa no menino que lhe sugerissem que ele protegia e ocultava tais relações?

— Oh, ele não podia impedir. . .

— Que a senhora soubesse da verdade? Bem imagino! Mas — prossegui com veemência, pensando em voz alta — isso bem demonstra o que devem ter conseguido fazer do menino, até esse ponto!

— Ah, nada que *agora* não esteja bem! — defendeu-o, lugubremente, Mrs. Grose.

— Não me surpreende que a senhora revelasse um aspecto estranho — insisti — quando lhe falei da carta que chegou do colégio!

— Duvido que o meu aspecto fosse mais estranho que o seu — replicou com a sua energia familiar. — E se o pequeno era então tão mau, como é que pode ser um anjo agora?

— Sim, com efeito! Se era um demônio da escola, como é que isso pode ser?. . . como é que isso pode ser? Bem — prossegui, em meu tormento — a senhora pode perguntar-me de novo, mas só lhe poderei responder daqui a alguns dias. Sim, pergunte-me de novo! — exclamei, de tal

modo que a minha amiga me olhou estupefata. — Há certas direções nas quais não desejo aventurar-me, no momento — e voltei novamente ao exemplo por ela citado, de que o menino talvez houvesse apenas cometido um deslize ocasional. — Se Quint, como a senhora disse ao repreendê-lo, era um servidor inferior, adivinho que uma das primeiras coisas que Miles deve ter-lhe dito é que a senhora também o era. — E como ela assentiu prontamente, continuei: — E a senhora o perdoou por ter dito isso?

— E a *senhorita*, não perdoaria?

— Oh, certamente!

E trocamos, ali, na quietude do aposento, um riso estranhamente cômico. Depois, prossegui:

— Em todo o caso, enquanto ele estava com o homem. . .

— A pequena Flora estava com a mulher. E isso era o que convinha a todos!

Convinha-me também a mim, perfeitamente, pensei. Quero dizer, com isto, que aquilo se enquadrava a rigor na terrível suspeita que, naquele momento, eu não desejava alimentar. Mas consegui conter tão bem a expressão de meu pensamento, que, agora, não adiantarei outra coisa senão a que se poderá inferir de minha observação final a Mrs. Grose:

— O fato de Miles haver mentido e sido insolente parece-me, confesso, o sintoma menos alentador que a senhora poderia dar-me de como a natureza humana se manifesta nele. Não obstante — refleti — hei de levar isso em conta, pois que sinto, agora, mais do que nunca, ser meu dever vigiá-lo.

Senti-me enrubescer ao notar, logo depois, no rosto de minha companheira, até que ponto ela o havia perdoado, tanto mais que sua história estimulara a minha ternura, fazendo-me desejar agir de maneira idêntica. Isso ocorreu junto à porta da sala de estudo, quando ela se retirava:

— A senhorita, certamente, não o acusa...

— De manter uma relação que me oculta? Ah, lembre-se de que, enquanto não tiver uma nova prova, não acuso ninguém.

Depois, ao fechar a porta, antes que ela se dirigisse para o seu quarto, ajuntei:

— Resta-me apenas esperar.

Esperei, esperei e, à medida que os dias passavam, algo de minha consternação se dissipava. Na verdade, bastaram poucos dias, transcorridos, sem incidentes, na companhia constante de meus discípulos, para passar sobre a minha angustiosa imaginação e, mesmo, sobre as minhas lembranças odiosas, uma espécie de esponja. Falei de meu abandono à sua extraordinária graça infantil como de uma coisa que eu podia cultivar ativamente, e bem se pode imaginar se deixei de acudir a essa fonte em busca de todo o consolo que ela podia proporcionar-me! Mais estranho do que posso descrever, era o meu esforço para lutar contra as novas luzes que se faziam em mim; essa luta, sem dúvida, teria sido, para mim, uma tensão ainda maior, se não tivesse sido, com tanta frequência, bem sucedida. Costumava perguntar-me, às vezes, como era que as crianças não adivinhavam que eu pensava coisas estranhas a respeito delas — e a circunstância de que tais coisas apenas as tornavam mais interessantes não constituía, por si mesma, uma ajuda direta para mantê-las na ignorância. Tremia de medo de que descobrissem quão mais interessantes aquilo as tornava. Encarando as coisas pelo lado pior, como com fre quência eu o fazia em minhas meditações, qualquer mácula em sua inocência podia apenas ser — inatacáveis e predestinadas à condenação como eram — uma razão a mais para que eu assumisse todos os riscos. Havia momentos em que, tomada de um impulso irresistível, eu os estreitava de encontro ao coração e, logo depois, perguntava a mim mesma: "Que é que eles pensarão disso? Será que isso não é demasiado revelador?" Ter me-ia sido fácil cair em tristes e emaranhadas suposições sobre o quanto eu poderia trair-me, mas a verdadeira razão, penso eu, das horas de paz que ainda podia gozar residia em que o encanto imediato de meus companheiros continuava ainda a seduzir-me, mesmo sob a suspeita de que fosse fingido. Pois se me ocorria, às vezes, a idéia de que podia, ocasionalmente, despertar a sua desconfiança com as minhas breves erupções emocionais, lembro-me de que pensava, outras vezes, se não havia algo de singular no aumento perceptível de suas próprias efusões.

Demonstravam gostar de mim, durante esse período, de uma maneira absurda e extravagante, o que, afinal de contas, refletia eu, não era mais do que uma reação graciosa de crianças constantemente mimadas, às quais todos se curvavam. Essa homenagem, de que eram tão pródigos, produziu, na verdade, sobre os meus nervos, excelente efeito, a ponto de eu jamais procurar nela uma segunda intenção. Jamais, penso eu, tinham procurado fazer tanta coisa pela sua pobre protetora. Quero dizer, com isso, que — além de revelar maior aplicação e aproveitamento em suas lições, coisa que, naturalmente, lhe teria causado a maior satisfação — procuravam diverti-la, distraí-la, surpreendê-la, lendo-lhe trechos de composições, contando-lhe histórias, propondo-lhe charadas, lançando se sobre ela, disfarçados de animais ou personagens históricos, e, sobretudo, deixando-a atônita diante das "passagens" que haviam aprendido de cor e que podiam recitar interminavelmente. Jamais chegaria — mesmo que me deixasse agora, empolgar pelas minhas recordações — a produzir o íntimo e prodigioso comentário com que eu acompanhava, com a mais perfeita correção, durante horas e horas, os seus folguedos e divertimentos infantis. Haviam revelado, desde o princípio, facilidade para tudo, uma disposição geral que, a cada novo impulso, realizava feitos notáveis. Cumpriam seus pequenos deveres

como se os amassem, entregando-se, pelo simples prazer de exercitar os seus dotes naturais, a pequenos e espontâneos milagres de memória. Surgiram ante mim não apenas como tigres e centuriões romanos, mas também como personagens de Shakespeare, astrônomos e navegantes. O caso era tão singular que deve ter influído, sem dúvida, em minha atitude diante de um fato que até hoje não consigo explicar de outra maneira: refiro-me à minha despreocupação, nada natural, com respeito a uma outra escola para Miles. Lembro-me de que, no momento, me contentei em deixar de lado esse assunto, e uma tal atitude, de minha parte, deve ter nascido da impressão que me causavam as suas incessantes e espantosas manifestações de inteligência. Ele era muito inteligente para que uma má preceptora, filha de modesto pároco, pudesse estragá-lo, e o mais estranho, se não o mais brilhante, dos fios da contextura mental a que acabo de referir-me era a impressão que eu poderia ter tido, se houvesse ousado capacitar-me disso, de que Miles se achava sob alguma influência que agia como tremendo estímulo em sua vida intelectual.

Contudo, se era fácil admitir que um menino como ele podia retardar sua volta à escola, igualmente fácil era pensar-se que constituía uma mistificação inominável o fato de um tal menino haver sido "expulso" por um diretor de colégio. Permitam-me acrescentar que, em sua companhia — e eu tinha todo o cuidado de não o deixar jamais a sós — jamais pude levar muito longe qualquer pista. Vivíamos num torvelinho de música e ternura e êxitos e representações teatrais. O senso musical de ambas as crianças era dos mais vivos, mas o mais velho, sobretudo, tinha o dom maravilhoso de ouvir e repetir o que havia escutado. O piano da sala de estudos irrompia nas mais extravagantes melodias e, quando a música cessava, havia confabulações pelos cantos, após o que um deles, sumamente animado, saía da sala, a fim de "entrar" encarnando algum novo personagem. Eu própria tivera irmãos e não constituía nenhuma surpresa para mim o fato de que as meninas pudessem ser admiradoras idólatras dos meninos. O que ficava além de minha compreensão é que houvesse um menino que demonstrasse tão grande consideração por uma idade, um sexo e uma inteligência inferiores. Eram extraordinariamente unidos e dizer-se que jamais brigavam nem se queixavam um do outro é fazer um elogio muito grosseiro da doçura que havia em ambos. Às vezes, com efeito, quando eu me deixava levar por alguma suspeita grosseira, julgava descobrir entre eles pequenos entendimentos, no sentido de um deles manter ocupada a minha atenção enquanto o outro desaparecia de minhas vistas. Há um lado ingênuo, creio eu, em toda diplomacia; mas, se meus discípulos se permitiam zombar de mim, isso era feito, sem dúvida, com o mínimo de indelicadeza. Foi em outro sentido que, depois de uma calmaria, surgiu algo de extremamente rude.

Vejo que me sinto, realmente, vacilante; mas é preciso que eu dê o meu mergulho. Ao prosseguir em meu relato do que havia de odioso em Bly, não só ponho à prova a confiança mais generosa — o que pouco me importa — mas, também — e esta é outra questão — revivo o meu antigo sofrimento, empreendendo de novo o meu caminho até o seu término. Chegou subitamente um momento após o qual, ao recordar o que ocorreu, a história toda me parece não ser outra coisa senão sofrimento puro, mas já cheguei, afinal, ao âmago do assunto, o caminho mais curto é, sem dúvida, seguir diretamente até o fim. Uma noite — sem que nada me conduzisse ou preparasse para isso — senti o frio toque da impressão que tive na noite de minha chegada, e que, muito mais leve então, como disse, não me teria deixado nenhuma recordação, se a minha permanência subsequente na casa tivesse sido menos agitada. Não havia ainda me

recolhido e me achava sentada perto de dois candelabros. Havia em Bly, um aposento cheio de velhos livros — entre eles, algumas novelas do século passado cuja reputação não fora tão má a ponto de impedir que algum exemplar extraviado deixasse de chegar àquela casa distante, despertando a inconfessada curiosidade de minha juventude. Lembro-me de que o livro que eu tinha nas mãos era Amélia, de Fielding, e que eu estava, recordo-o bem, inteiramente desperta. Lembro-me, ainda, de que tinha a vaga impressão de que era terrivelmente tarde e de que não queria consultar o relógio. Evoco finalmente, as alvas cortinas que, à moda antiga, envolviam a cabeceira da pequena cama de Flora, destinadas a proteger, como verificara antes, o perfeito repouso de seu sono infantil. Lembro-me, em suma, de que, embora profundamente interessada em minha novela, me vi, ao voltar uma página, enquanto se dissipava todo o interesse da leitura, a olhar fixamente para a porta do meu quarto. Houve um momento em que fiquei atenta a escutar, lembrando-me da vaga sensação que tive, na primeira noite, de que havia algo indefinidamente ativo na casa, notando que uma suave brisa penetrava pela janela aberta e movia de leve a cortina entreaberta. Depois, dando mostras de uma determinação que teria parecido magnífica, se houvesse lá alguém para presenciá-la, larguei o livro, levantei-me e, tomando de um castiçal, saí resolutamente do quarto. Ao chegar ao corredor, que a vela mal alumiava, fechei, sem fazer qualquer ruído, a porta atrás de mim.

Não sei dizer, hoje, o que me levou a isso nem o que pretendia, mas avancei resolutamente pelo corredor, com o castiçal erguido acima da cabeça, até deparar com uma grande janela que dominava a imponente curva da escada. Nessa altura, encontrei-me, súbito, diante de três coisas. Foram, praticamente, simultâneas, embora ocorressem como que em sucessão. Devido a um movimento brusco, a vela apagou-se, e percebi, pela janela desprovida de cortina, que a plúmbea claridade do dia nascente a tornava desnecessária. Sem ela, um instante depois, vi que havia alguém na escada. Refiro-me a momentos sucessivos, mas bastou um lapso de segundos para que eu me preparasse para um terceiro encontro com Quint. A aparição havia alcançado o patamar existente no meio da escada, achando-se, portanto, no lugar mais próximo à janela, quando, ao ver -me, se deteve e me fitou exatamente como me havia observado da torre e do jardim. Conhecia-me tão bem como eu o conhecia — e, assim, na fria e imprecisa claridade matinal, entre o alto resplendor da janela e o brilho, embaixo, das escadas enceradas, de carvalho, encaramo-nos com mútua intensidade. Nessa ocasião, ele era, por completo, uma presença viva, detestável e perigosa. Mas isso não constituía ainda o assombro dos assombros; reservo esta distinção para uma outra circunstância, inteiramente diversa: a circunstância de o medo me haver, inegavelmente, abandonado, permitindo-me enfrentar e medir o meu inimigo.

Passei por grande angústia depois desse momento extraordinário, mas não experimentei — graças a Deus! — terror algum. E ele o percebeu. Decorrido um instante, tive a magnífica certeza de que não me sentia aterrorizada. Compreendi, num assomo vigoroso de confiança, que, se permanecesse um minuto no lugar em que me achava, ele deixaria — pelo menos durante algum tempo — de infundir-me pavor; e, com efeito, durante esse minuto, aquilo foi tão humano e odioso como uma entrevista real: odioso justamente porque era humano, tão humano como a gente se encontrar a sós, a horas mortas, numa casa adormecida, com um inimigo, um aventureiro ou um criminoso. Era o silêncio mortal de nosso longo olhar, de tão curta distância, que dava àquele horror, enorme, a sua única nota sobrenatural. Se eu, num tal lugar, houvesse deparado com um assassino, teria podido, ao menos, falar-lhe. Na vida, alguma coisa teria

ocorrido entre nós; se não ocorresse, algum de nós teria feito um movimento, ao menos. O instante se prolongou a tal ponto que pouco faltou para que eu começasse a duvidar se estava viva ou não. Não me é possível descrever o que se passou logo após, salvo dizer que o próprio silêncio — que era, de certo modo, um atestado de minha energia — se transformou no elemento em que vi a figura desaparecer, e em meio do qual a vi, claramente, voltar-se, como poderia ter visto o miserável fazer ao receber uma ordem; depois, com os olhos fixos em suas costas, que nenhuma horrorosa corcova poderia haver desfigurado mais, vi-o descer os degraus e mergulhar na sombra em que se perdia a curva da escada.

Permaneci ainda um momento no topo da escada e, pouco a pouco, fui compreendendo que o meu visitante havia desaparecido de vez. Depois, voltei ao meu quarto. A primeira coisa que vi, à luz da vela que eu deixara acesa, foi que a pequena cama de Flora estava vazia. Diante disso, contive a respiração, tomada de todo o horror que, cinco minutos antes, eu pudera dominar. Lancei-me sobre o leito em que a deixara deitada — cujas cobertas estavam em desordem — e verifiquei que as cortinas haviam sido, enganadoramente, corridas. Logo — que alívio o meu! — os meus passos produziram um ruído em resposta· percebi um movimento na cortina da janela, e a menina, passando por baixo, surgiu do outro lado. Ficou lá de pé, com muita candura e pouca roupa, em sua camisola de dormir, os pés descalços e rosados e o áureo brilho de seus cabelos encaracolados. Parecia intensamente grave e nunca, como então, senti a impressão de haver perdido uma vantagem recém-adquirida (cuja emoção havia sido tão prodigiosa) como ao perceber que ela se dirigia a mim em tom de censura: "Má! Onde é que esteve?" Ao invés de repreendê-la pela sua indisciplina, vi-me, de repente, a dar-lhe explicações. Ela, de sua parte, explicava o fato com a mais encantadora e ardente simplicidade. Percebera, subitamente, que eu não me encontrava no quarto e saltara da cama para ver o que acontecera comigo. Ante a alegria de vê-la reaparecer, deixei-me cair sobre uma cadeira — sentindo-me então, somente então, um tanto desfalecida, e ela correu para mim, lançou-se sobre os meus joelhos e entregou à claridade da vela a sua maravilhosa carinha, ainda cheia de sono. Lembro-me de haver cerrado os olhos um instante, docemente, intencionalmente, ante a excessiva beleza que os seus olhos azuis irradiavam.

— Você estava olhando pela janela para ver se via? — perguntei. — Pensou que eu estivesse no jardim?

— Pensei que havia alguém lá — respondeu-me sorrindo, sem vacilar.

Oh, como eu a olhei então!

— E você viu alguém?

— Oh, não! — exclamou, quase ofendida, com o absoluto privilégio da inconsequência infantil, embora houvesse uma prolongada doçura no "não" com que me respondera.

Naquele momento, no estado de nervos em que me encontrava, tive absoluta certeza de que ela mentia e, se fechei de novo os olhos, foi por me sentir desorientada ante as três ou quatro maneiras pelas quais podia considerar a sua atitude. Uma delas me tentou, por um momento, com tal intensidade que, para resistir a ela, devo ter abraçado Flora de um modo quase espasmódico; ela, no entanto, suportou a minha violência sem um grito ou sinal de medo. Por que não dizer-lhe tudo e acabar de uma vez com aquilo? — pensei. Por que não dizer tudo sem rebuços, fitando-lhe o rostinho encantador, que a vela alumiava? "Como você vê, sei o que você faz, e você já quase desconfia de que eu o sei; assim sendo, por que não me confessar tudo francamente, para que possamos passar por isto juntas e talvez aprender, em meio da estranheza do nosso destino, qual a nossa situação e o que tudo isto significa?" Mas esta inspiração — ai de mim! — se desvaneceu imediatamente· se tivesse sucumbido a ela no mesmo instante, talvez pudesse ter-me livrado de. . . bem, os senhores saberão de quê. Ao invés de sucumbir, pus-me de

novo de pé, olhei a cama e adotei um meio termo inútil:

— Por que foi que correu o cortinado, para que eu pensasse que você estava ainda deitada?

Flora, luminosamente, refletiu um momento; depois, respondeu, com o seu divino e suave sorriso:

— Porque não queria assustá-la!

— Mas se eu, como você pensou, tivesse saído. . .

Não se deixou, de modo algum, perturbar. Voltou os olhos para a chama da vela, como se a pergunta fosse tão irrelevante ou, pelo menos, tão impessoal como Mrs. Marcet ou nove vezes nove.

— Oh, mas você sabe — respondeu ela, habilmente — que podia voltar, querida, e foi o que você fez!

Pouco depois, quando ela de novo se deitou, tive de sentar-me longo tempo junto dela, tomando-lhe a mão, para provar-lhe dessa maneira, a utilidade da minha volta.

O leitor poderá imaginar o que foram, depois dessa noite, todas as minhas outras noites. Permanecia sentada, com frequência, até Deus sabe que horas! Escolhia os momentos em que minha companheira de quarto dormia profundamente para sair, sem ruído, para o corredor, chegando até o lugar em que, na última vez, encontrara Quint. Mas jamais o encontrei de novo lá, podendo mesmo dizer que jamais tornei a deparar com ele dentro da casa. Estive, porém, quase a ponto de perder, na escada, uma aventura diferente. Certa vez, olhando do topo da escada para baixo, reconheci imediatamente a presença de uma mulher sentada no último degrau, com as costas voltadas para mim, o corpo meio curvado e a cabeça, numa atitude dolorosa, afundada nas mãos. Poucos instantes depois de eu estar ali, porém, desapareceu, sem voltar o rosto para mim. Não obstante, eu sabia exatamente que o rosto medonho teria podido mostrar-me — e perguntei a mim mesma se, em lugar de estar em cima, eu estivesse embaixo, teria tido, no momento, a mesma coragem que revelara diante de Quint. Ah, não faltariam ocasiões para demonstração de coragem! Na décima primeira noite depois do meu último encontro com aquele cavalheiro — eu agora contava as noites — tive um sobressalto que pôs à prova, perigosamente, os meus nervos, e que, devido ao inesperado da situação, constituiu o meu choque mais violento. Foi, precisamente, na primeira noite desse período que, cansada de vigiar, julguei poder deitar me à hora habitual sem que, com isso, me considerasse negligente. Dormi imediatamente e, como verifiquei depois, até cerca de uma hora; mas, quando despertei, fi-lo com grande sobressalto, como se uma mão me houvesse tocado. Eu deixara uma vela acesa, mas esta se achava agora apagada, e tive, no mesmo instante, a certeza de que Flora é que a havia apagado. Isso fez com que me erguesse de um salto e me dirigisse, no escuro, para a sua cama, que encontrei vazia. O olhar que lancei à janela me esclareceu ainda mais, e o fósforo que acendi completou a cena.

A menina havia se levantado de novo — e, essa vez, apagado a vela, dirigindo-se, novamente, com o propósito de observar ou responder a alguma coisa, para trás da cortina, de onde espiava a noite. Que ela agora via — como não vira, segundo eu me convencera, na vez anterior — provava-o o fato de não se ter perturbado nem quando acendia a luz, nem com os ruídos que fiz ao enfiar os pés nos chinelos e envolver-me num roupão. Oculta, protegida, absorta, apoiava-se, evidentemente, sobre o parapeito, as persianas abertas para fora, mostrando-se inteiramente. Uma grande lua tranquila a ajudava e isto influiu na rápida decisão que tomei. A pequena estava

frente a frente com a aparição que havíamos encontrado no lago, sem poder comunicar-se com ela, como então tampouco pudera fazer. O que, de minha parte, me competia era, sem que ela o percebesse, atravessar o corredor e chegar a uma outra janela do mesmo lado. Alcancei a porta sem que ela me ouvisse, fechei-a atrás de mim e, do lado de fora, fiquei atenta, para ver se Flora fazia algum ruído. Enquanto estava no corredor, conservei os olhos fixos na porta do quarto de Miles, dez passos além, e que, indescritivelmente, produziu em mim novo e estranho impulso, a que me referi, depois, como minha tentação. Que tal se entrasse diretamente no quarto de Miles e me dirigisse à sua janela? Que aconteceria se, arriscando-me a revelar ao seu assombro infantil o motivo de minha conduta, eu lançasse em torno do resto do mistério o longo laço da minha audácia?

Este pensamento se apoderou de mim a ponto de fazer-me chegar até junto à porta de seu quarto, onde, então, me detive. Pus-me a escutar com ouvidos anormalmente aguçados. Imaginava as coisas mais prodigiosas. Perguntava-me se o seu leito também estaria vazio, e se ele estaria, secretamente, à espreita. Foi um minuto profundo, silencioso, ao fim do qual meu impulso cedeu. Ele estava quieto; talvez estivesse inocente; o risco era odioso. Afastei-me. Havia, no jardim, uma presença — um visitante em busca de um olhar, um visitante com quem Flora se correspondia. Mas esse visitante não estava interessado principalmente pelo meu menino. Hesitei de novo, mas por outras razões e apenas por alguns segundos. Depois, tomei uma decisão. Havia aposentos vazios em Bly, e a questão era apenas a de escolher o mais conveniente. Percebi, subitamente, que o mais adequado era um quarto do andar térreo — embora bastante acima do jardim — situado no sólido ângulo a que me referi como a velha torre. Era um aposento amplo, quadrado, arranjado, com certa pompa, como quarto de dormir, mas tão incômodo, pelo seu extravagante tamanho, que não era ocupado havia muitos anos, embora Mrs. Grose o mantivesse sempre em perfeita ordem. Eu o admirara muitas vezes e conhecia a disposição dos móveis; assim, tive apenas, depois de vencer o primeiro estremecimento causado pelo seu frio abandono, de atravessá-lo e abrir, o mais silenciosamente possível, um dos postigos. Feito isso, afastei a cortina e, colando o rosto à vidraça, pude ver — pois que a escuridão de fora era muito menos profunda que a de dentro — que escolhera um lugar adequado. Depois, vi algo mais. A lua, que tornava a noite extraordinariamente clara, mostrou-me que havia, no jardim, uma pessoa, cujo vulto era diminuído pela distância, imóvel e como que fascinada, olhando para o lugar em que eu havia aparecido, isto é, olhando não tanto em minha direção como para alguma coisa que estava, ao que parecia, acima do lugar em que eu me encontrava. Havia, evidentemente, outra pessoa mais acima: havia outra pessoa na torre. Mas quem se achava no jardim não era, de modo algum, a pessoa que eu imaginava e a quem esperava, com toda a certeza, encontrar. Quem estava no jardim — senti-me desfalecer ao verificá-lo — era o pequeno e infortunado Miles.

Não foi senão uma hora muito avançada do dia seguinte que falei com Mrs. Grose, pois o cuidado que eu tinha em não perder de vista os meus discípulos tornava, às vezes, muito difíceis as nossas entrevistas privadas, tanto mais que ambas sentíamos a necessidade de não provocar — nem nos criados nem nas crianças — qualquer suspeita de uma agitação secreta ou da discussão de um mistério. Neste particular, a suave aparência de Mrs. Grose me dava grande segurança; nada havia em seu fresco rosto que revelasse aos outros as minhas horríveis confidências. Acreditava em mim, eu tinha certeza, de maneira absoluta; se não houvesse acreditado, não sei o que teria sido de mim, pois não teria podido suportar aquilo sozinha. Mas ela era um magnífico monumento dessa bênção dos céus que é a falta de imaginação: não conseguindo ver senão a beleza e a amabilidade das crianças, sua felicidade e inteligência, não tinha nenhuma ligação direta com as fontes de minhas aflições. Se as crianças houvessem revelado o mais leve sinal de abatimento ou sofrimento físico, Mrs. Grose, ao indagar o motivo daquilo, ter-se-ia mostrado perturbada; mas, tal como se achavam as coisas, eu podia notar, quando ela observava as crianças com os seus vigorosos braços cruzados e o hábito da serenidade em toda a sua pessoa, que dava graças ao Senhor de que, mesmo que as crianças estivessem arrumadas, os pedaços ainda serviriam. No espírito de Mrs. Grose, a chama da fantasia cedia lugar a um fogo tranquilo e doméstico, de lareira, e eu começava a compreender como — à medida que o tempo transcorria sem nenhum incidente notório — aumentava a sua convicção de que, afinal de contas, os nossos pupilos podiam arranjar-se por si próprios, e que a sua melhor solicitude devia voltar-se para o triste caso de sua preceptora. Isso, quanto ao que dizia respeito a mim, simplificava muito as coisas: podia esforçar-me para que o meu rosto nada revelasse ao mundo, mas, naquelas condições, teria sido aumentar insuportavelmente a minha tensão preocupar-me com o que pudesse demonstrar a fisionomia de Mrs. Grose.

Na hora em que me refiro, ela veio encontrar-me, a meu pedido, no terraço, onde, durante a tarde, o sol era muito agradável àquela altura do ano. Sentamo-nos lá, enquanto as crianças — a certa distância, mas ao alcance de nossa voz — brincavam da maneira mais dócil possível. Caminhavam de um lado para outro, lentamente, pelo gramado. Miles, que havia passado o braço em torno da cintura da irmã, para que Flora permanecesse junto dele, lia, em voz alta, um livro de histórias. Mrs. Grose olhava-os com grande placidez; a certa altura, porém, percebi nela essa sufocada curiosidade intelectual com que se voltava intencionalmente para mim a fim de poder compreender o avesso da tapeçaria. Eu fizera dela um receptáculo de coisas horripilantes, mas o estranho reconhecimento, por parte dela, da minha superioridade — devido a meus méritos e minhas funções — se revelava em sua paciência ante o meu sofrimento. Oferecia seu espírito às minhas confidências como se me oferecesse, caso eu desejasse, com segurança, preparar um caldo de feiticeira, uma grande e limpa caçarola. Tal foi a sua atitude no momento em que, depois de contar-lhe os acontecimentos da noite, cheguei ao ponto em que me referi à resposta que Miles me dera quando, após tê-lo visto no jardim, àquela hora verdadeiramente insólita, desci ao jardim para buscá-lo, quase no mesmo lugar em que ele agora se achava. Resolvera ir buscá-lo, ante a necessidade de escolher o meio menos ruidoso para não alarmar a

casa. Dei a entender a Mrs. Grose que tinha pouca esperança de que ela, apesar de toda a sua simpatia, pudesse entender perfeitamente o meu deslumbramento diante da inspiração com que o menino, depois que o fiz entrar na casa, enfrentou as palavras com que o desafiei. Logo que apareci no terraço banhado de luar, veio ao meu encontro tão depressa quanto possível. Tomei-o pela mão sem proferir palavra e, em meio da escuridão, subimos a escada onde Quint o havia buscado com tanta sofreguidão; depois, atravessando o corredor onde eu ficara, trêmula, chegamos ao seu quarto deserto.

Não trocamos uma palavra durante o trajeto e eu perguntava a mim mesma — oh, com que ansiedade o fazia! — se ele estava procurando em seu pequeno cérebro alguma explicação plausível e que não parecesse grotesca. Custar-lhe-ia trabalho, sem dúvida, justificar sua conduta, e eu senti, essa vez, diante de seu embaraço verdadeiro, uma curiosa sensação de triunfo. Aquele pequeno de alma inescrutável havia caído numa boa armadilha! Não poderia mais fingir inocência. . . Eu só queria ver como é que ele sairia daquela entalada! E esta pergunta apaixonada fazia vibrar em mim uma outra pergunta, igualmente muda e intensa: como é que eu sairia daqueles apuros? Deparava, finalmente, como ainda não o havia feito, com todo o risco que a minha horrível atitude implicava. Ao entrar em seu quarto, onde a janela, aberta à luz da lua, alumiava tanto o ambiente que não havia necessidade de acender-se um fósforo, lembro-me de que, subitamente, me senti desfalecer e deixei-me cair sobre a beira da cama — na qual ele não estivera deitado, pois que as cobertas se achavam intactas — completamente arrasada ante a idéia de que Miles sabia como "lidar" comigo. Ajudado por sua viva inteligência, podia fazer comigo o que quisesse, enquanto ou continuasse a apegar-me a essa antiga e culposa tradição dos mestres que fomentam as superstições e os temores de seus discípulos. Sim, eu estava completamente em suas mãos, sem dúvida — pois quem haveria de absolver-me, quem permitiria que eu me salvasse da forca se, receosa da mais leve alusão, eu era a primeira a introduzir um elemento tão calamitoso em nossas relações perfeitamente normais? Não, não; era inútil procurar fazer com que Mrs. Grose compreendesse — quase tão inútil como tentar sugeri-lo aqui — como Miles conseguira despertar a minha admiração no breve e áspero embate que tivemos no escuro. Mostrei-me, naturalmente, bastante amável e compassiva. Nunca, até então, pousara minhas mãos com tanta ternura em seus ombros como quando me encontrava ali sentada à beira da cama. Mas não me restava outra alternativa senão perguntar-lhe, quando mais não fosse, para sair daquela dificuldade:

— Você precisa dizer-me, agora, toda a verdade. Por que foi que você saiu para o jardim? Que é que estava fazendo lá?

Posso ainda ver o seu maravilhoso sorriso, a expressão de seus belos olhos e a alvura de seus pequenos dentes, a brilhar na escuridão.

— Se lhe disser, a senhorita compreenderá?

Ao ouvir tais palavras, senti o coração a bater-me furiosamente no peito. Será que me diria a verdade? Faltou-me a voz para insistir com ele para que o dissesse; lembro-me apenas de que respondi com um vago, repetido movimento de cabeça. Miles, naquele momento, era a própria imagem da doçura e, enquanto eu continuava a mover a cabeça afirmati vamente, ele, à minha frente, se assemelhava, mais do que nunca, a um pequeno príncipe de contos de fada. Na verdade, foi o seu ar inteligente que me deu um pequeno alívio. Seria, realmente, um ar tão inteligente, se me dissesse?

— Bem — disse, finalmente — fiz isso para que a senhorita fizesse exatamente o que fez.

— Fizesse o quê?

— Achasse que, para variar, eu era *mau*.

Jamais esquecerei a doçura e a alegria com que proferiu essa palavra, nem como, para completar a cena, se inclinou para mim e me beijou. Aquele beijo foi, praticamente, o fim de tudo. Devolvi-lhe o beijo e, enquanto o apertava em meus braços, tive de esforçar-me ao máximo para não chorar. Prestara-me contas de sua conduta da maneira que menos me permitia continuar a insistir, e foi somente para confirmar a minha aceitação de tudo aquilo que, lançando o olhar pelo quarto, pude perguntar-lhe:

— E foi por isso que você não se despiu?

Mostrava-se radiante, em meio da escuridão:

— Isso mesmo. Fiquei lendo até tarde.

— E a que horas saiu para o jardim?

— À meia-noite. Quando sou mau, sou mau de verdade!

— Compreendo. . . compreendo. É encantador. Mas como é que você poderia ter certeza de que eu não saberia?

— Oh, combinei tudo com Flora. Suas respostas surgiam rapidamente:

— Ela devia levantar-se e olhar pela janela.

— Foi o que ela fez.

E eu caíra na armadilha!

— Ela despertou a sua atenção e, para ver o que ela estava olhando, a senhorita também olhou. E viu.

— Enquanto você — respondi — se expunha ao ar frio da noite!

Ele estava tão radiante com a sua proeza, que assentiu incontinenti:

— Se não fosse assim, como é que eu poderia ter sido bastante mau?

E assim, depois de outro abraço, terminou o incidente e a nossa conversa, tendo eu reconhecido todas as reservas de bondade de que ele lançara mão para aquela peraltagem.

A impressão que eu havia tido me pareceu no dia seguinte — repito-o — difícil de explicar de maneira satisfatória a Mrs. Grose, embora eu a reforçasse mencionando outra observação que Miles me fizera antes de separar-mo-nos.

— Tudo cabe em meia dúzia de palavras — disse-lhe. — Palavras que resolvem, realmente, a questão. "Pense no que eu poderia fazer!" Disse-me isso para demonstrar-me o quanto ele era bom. Sabe muitíssimo bem o que poderia fazer. Foi disso que deu mostras na escola.

— Santo Deus, como a senhorita muda de opinião! — exclamou minha amiga.

— Não mudo. . . simplesmente exponho o meu ponto de vista. Os quatro, pode estar certa, encontram-se constantemente. Se a senhora, em qualquer destas últimas noites, tivesse estado com qualquer das crianças, teria compreendido claramente. Quanto mais os vigiava e ficava à espera, mais me convencia de que, mesmo à falta de qualquer outra prova, o silêncio sistemático de ambos constituía prova suficiente. Jamais — uma única vez sequer — aludiram a qualquer um de seus antigos amigos, assim como Miles não se referiu nunca à sua expulsão do colégio. Oh, sim, podemos ficar aqui a contemplá-los, e eles poderão fazer com que acreditemos naquilo que lhes apetecer; mas, mesmo quando fingem estar absortos em seus contos de fadas, se acham voltados para a visão dos mortos que lhes aparecem. Neste momento, Miles não está lendo um conto para a irmã — acrescentei. — Finge que lê, mas estão falando deles. . . estão falando de coisas horrorosas! Procedo, bem o sei, como se estivesse louca e, na verdade, é de estranhar que ainda não o esteja. A senhora teria enlouquecido, se visse o que vi; mas a mim, isso me tornou mais lúcida, permitindo-me compreender muitas outras coisas.

Minha lucidez deve ter-lhe parecido horrível, mas as encantadoras criaturas que eram suas vítimas, passando de um lado para outro docemente enlaçadas, deram à minha amiga algo a que se apegar — e percebi a força de sua incredulidade quando ela, sem agitar a veemência do meu ardor, continuou a olhá-las com carinho.

— Que outras coisas compreendeu a senhorita?

— Ora, todas essas coisas que me encantaram, fascinaram e que, não obstante, no fundo me perturbavam e deixavam perplexa. A beleza quase sobre-humana dessas crianças. . . a sua doçura absolutamente anormal. Tudo isso é um jogo, uma coisa estudada, uma fraude!

— Da parte dessas pobres criaturinhas?

— Que são ainda apenas umas crianças adoráveis? Sim, por insensato que pareça!

O próprio fato de exprimir o que sentia me ajudou a analisar o caso, segui-lo desde o começo e reunir todos os seus elementos.

— Eles não têm sido bons; têm; apenas, vivido ausentes, Tem-nos sido fácil viver em sua companhia porque levam simplesmente uma vida própria, alheia à nossa. Não são meus. . . não são nossos. São dele e dela!

— De Quint e dessa mulher?

— De Quint e dessa mulher. Querem aproximar-se deles.

Ah, diante disso, como Mrs. Grose pareceu examiná-los!

— Mas por quê? — perguntou, após um instante.

— Pelo amor de todo o mal que, naqueles dias terríveis, os dois inculcaram nas crianças. E

continuar ainda insuflando neles o mal, continuar a obra do demônio, é o que os faz reaparecer.

— Santo Deus! — exclamou minha amiga, em voz baixa.

A exclamação era familiar e involuntária, mas revelava uma aceitação real de que o que ocorrera nos maus tempos — pois que houvera tempos piores do que aquele! — devia ter sido verdadeiramente horrível. Quanto a mim, nada poderia justificar melhor as minhas apreensões do que o seu pleno assentimento, baseado na experiência, quanto à tremenda depravação que eu suspeitava existir naquele par de canalhas. Foi numa evidente submissão à memória que exclamou, momentos depois:

— E*ram* uns patifes! Mas que é que podem fazer, agora?

— Fazer? — repeti, em voz tão alta que Miles e Flora, que passavam ao longe, se detiveram um instante e olharam para o nosso lado. — Já não fazem o bastante? — perguntei em tom mais baixo, enquanto as crianças, depois de sorrir e de lançar-nos beijos com as mãos, continuaram a representar o seu papel perante nós.

Permanecemos um momento caladas; depois, respondi:

— Podem destrui-los!

Diante disso, Mrs. Grose voltou-se para mim: seu ar, mudo e indagador, pedia-me que fosse mais explícita.

— Ainda não sabem exatamente como. . . mas procuram sabê-lo por todos os meios. Por enquanto, só aparecem de longe, atrás desta ou daquela coisa, em lugares estranhos e em lugares elevados, no alto das torres, no telhado das casas, junto a janelas, do outro lado do lago. Mas, de ambas as partes, existe o profundo desígnio de diminuir a distância e superar o obstáculo — e o êxito da tentativa depende apenas de uma questão de tempo. Eles têm apenas de continuar as suas perigosas sugestões.

— Para que as crianças vão ao seu encontro?

— E pereçam em seu intento!

Mrs. Grose levantou-se lentamente e eu acrescentei escrupulosamente:

— A menos, está claro, que possamos impedir que tal aconteça!

De pé à minha frente, enquanto eu permanecia sentada, ela procurou analisar a situação.

— O tio deles é que deve impedir tal coisa. Precisamos levá-los daqui.

— E quem o convencerá?

Ela, que estivera a perscrutar a distância, baixou para mim um rosto ingênuo.

— Quem? A senhorita.

— Escrevendo-lhe para comunicar que sua casa está corrompida e seus sobrinhos loucos?

— E se *estiveram*, senhorita?

— E se eu também estiver, é o que a senhora quer dizer? Notícias encantadoras, sem dúvida, para serem enviadas por uma preceptora cujo principal compromisso era o de não importuná-lo.

Mrs. Grose refletiu um momento, seguindo de novo as crianças com o olhar:

— Sim, ele detesta que o aborreçam. Essa foi a principal razão. . .

— Pela qual essas perversas criaturas o enganaram durante tanto tempo? Sem dúvida, embora sua indiferença deva ter sido atroz. De qualquer modo, como não sou perversa, não o enganarei.

Decorrido um instante, minha companheira tornou a sentar-se e, como única resposta, disse, segurando-me a mão:

— De qualquer modo, peça-lhe que venha.

Olhei-a, perplexa:

— Que venha a *meu* pedido? Ele?

Tive súbito receio do que pudesse fazer.

— Ele deveria estar aqui; deveria ajudar.

Ergui-me de um salto e, creio, devo ter-lhe mostrado um rosto mais estranho que nunca.

— Então a senhora acha que sou capaz de pedir-lhe que me faça uma visita?

Não; com os olhos postos em meu rosto, ela, evidentemente, não o achava. Mas, em lugar disso, podia ver em mim — como uma mulher lê em outra — o que eu mesmo via: sua irrisão, sua diversão, seu desprezo por eu ter-me resignado a viver na solidão e pelo absurdo mecanismo que eu pusera em movimento com o fim de atrair para os meus desdenhados encantos a atenção daquele homem distante. Ela não sabia — ninguém sabia — até que ponto eu me sentia orgulhosa de servi-lo e cumprir fielmente os termos de nosso compromisso. Não obstante, creio que ela não deixou de levar em consideração a advertência que lhe fiz:

— Se a senhora chegasse ao ponto de perder a cabeça e apelar para ele em meu favor. . .

Mostrou-se realmente assustada:

— Que aconteceria, senhorita?

— Abandonaria, no mesmo instante, tanto a senhora como ele.

Conviver com eles não era difícil, mas falar-lhes chegou a ser, para mim, algo quase superior às minhas forças. A situação, a este respeito, apresentava dificuldades tão insuperáveis quanto antes. E continuou assim durante um mês, oferecendo, cada vez, novos obstáculos e notas singulares, particularmente quanto ao que se referia a uma leve e consciente ironia por parte de meus discípulos. Isto não era — estou tão certa disso hoje como o estava na ocasião — mero efeito de minha imaginação diabólica: percebia claramente que as crianças conheciam o motivo de minhas atribulações, o que contribuiu, de certo modo, durante longo tempo, para criar a estranha atmosfera em que vivíamos. Não quero dizer que trocassem piscadelas de olhos ou fizessem alguma coisa vulgar, pois que não havia perigo de que agissem dessa maneira; o que quero dizer é que o elemento inominado e inabordável se tornava cada vez maior, entre nós, do que qualquer outro, e que, para que assim o pudéssemos evitar, com tanto êxito, era necessário, sem dúvida, que houvesse um grande acordo tácito. Era como se, em certas ocasiões, deparássemos constantemente com temas que devessemos calar, e voltamos, súbito, às costas a becos que percebíamos não ter saída, e fechávamos com um pequeno baque que nos fazia olhar uns para os outros — porque, como todos os ruídos, era um pouco mais forte do que teríamos desejado — as portas que havíamos indiscretamente aberto. Todos os caminhos conduziam a Roma e, em certos momentos, tínhamos a impressão de que não havia matéria de estudo ou tema de conversação que não conduzisse ao terreno proibido. O terreno proibido era a questão da volta dos mortos em geral, e, em particular, qualquer outra coisa que pudesse trazer à memória das crianças a lembrança dos amigos que haviam perdido. Havia dias em que eu poderia jurar que um deles dizia ao outro, tocando-o, invisivelmente, com o cotovelo: "Esta vez, ela pensa fazê-lo, mas *não* o fará!" F*azê-lo* teria significado, por exemplo, fazer alguma alusão direta à criatura que me precedera como preceptora. Tinham encantador e insaciável apetite por acontecimentos passados de minha vida, que eu lhes contara muitas vezes; conheciam tudo o que me havia ocorrido e estavam a par, em seus mínimos pormenores, não só de minhas pequenas aventuras, como das de meus irmãos e irmãs, do cão e do gato de minha casa, bem como de muitos fatos relativos ao caráter excêntrico de meu pai, à disposição de nossos móveis, ao arranjo de nossa casa e à maneira de falar das velhas localidades em que nasci. Havia coisas de sobra sobre que falar, contanto que se fosse bastante ágil e se soubesse, por instinto, como contornar certas coisas. Tinham uma arte toda sua para puxar os fios de minhas lembranças ou invenções — e talvez nada como isso, quando eu pensava, depois, em tais ocasiões, me despertava a suspeita de que estava sendo observada de um lugar oculto. De qualquer modo, só nos sentíamos à vontade quando o tema de nossas conversas se referia à *minha* vida, ao *meu* passado, aos *meus* amigos, o que, às vezes, os levava, sem a menor pertinência, a penetrar em minhas recordações sociais. Sem que houvesse nenhuma ligação visível com o assunto, convidavam-me a repetir o famoso *mot* de Goody Gosling ou a confirmar os pormenores já ministrados sobre a inteligência do pônei do presbítero.

Devido, em parte, a essas circunstâncias e, em parte, a outras, muito diversas, minhas tribulações, como eu as chamava, se tornavam cada vez mais sensíveis. O fato de que os dias

passassem sem que eu tivesse um novo encontro deveria ter contribuído, penso eu, para acalmar um pouco os meus nervos. Desde o leve sobressalto da segunda noite, em que notei, do topo da escada, a presença de uma mulher no primeiro degrau debaixo, eu nada mais vira, dentro ou fora de casa, que houvesse preferido não ver. Havia muitos recantos da casa em que eu esperava, a qualquer momento, deparar com Quint, bem como muitas situações em que, de uma maneira simplesmente sinistra, deveriam favorecer a aparição da senhorita Jessel. Surgira e terminara o verão; desceu o outono sobre Bly e dissipou a metade da claridade dos dias. O lugar, com o céu cinzento e suas grinaldas murchas, seus espaços nus e suas folhas caídas, era como um teatro depois de uma função, todo coberto de programas amarrotados. Havia no ar condições exatas, de som e de quietude, de impressões indescritíveis da espécie daquelas que anunciam tais momentos de receptividade, como ocorrera quando, estando eu no jardim, naquela tarde de junho, deparei com Quint no alto da torre, e também nos instantes em que, depois de tê-lo visto através da janela, o procurei em vão em meio dos arbustos. Reconhecia os sinais, os presságios; reconhecia o momento, o lugar. Mas uns e outros continuavam vazios, inanimados, e eu continuava a não ser incomodada — se assim se pode dizer de uma moça cuja sensibilidade havia sido, da maneira mais extraordinária, aguçada. Ao contar a Mrs. Grose a horrível cena entre Flora e a senhorita Jessel, junto ao lago, deixei-a perplexa ao dizer-lhe que, a partir daquele momento, me causaria muito maior pesar perder meu dom do que conservá-lo. Precisei explicar-lhe, então, o que me ocupava vivamente o espírito: quer as crianças houvessem visto ou não — já que nada estava definitivamente provado — eu preferia para a sua salvaguarda, correr sozinha tal risco. Estava disposta a arrostar os piores perigos. Horrorizava-me pensar que os meus olhos pudessem permanecer cegos, enquanto os deles se mantivessem bem abertos. Bem, no momento, ao que parecia, os meus olhos estavam selados — pelo que pareceria uma blasfêmia não dar graças a Deus. Mas — ai de mim! — havia nisso uma dificuldade! Ter-Lhe-ia manifestado com toda a alma a minha gratidão se não tivesse a convicção — tão grande como a minha gratidão — do segredo que os meus discípulos ocultavam.

Como descrever, hoje, as estranhas fases da minha obsessão? Havia momentos, quando estávamos juntos, em que eu juraria que, em minha presença, mas sem que eu pudesse percebê-lo diretamente, recebiam visitantes conhecidos e bem-vindos. Era então que eu, se não fosse pelo receio de que o remédio fosse pior do que a doença, gostaria de dar livre curso à minha exultação e exclamar: "Eles estão aqui, estão aqui, meus pequenos infelizes! E vocês agora não o podem negar!" Mas os pequenos infelizes continuavam negando com a dupla força de sua sociabilidade e de sua ternura, do fundo dos abismos cristalinos em que — como o brilho de um peixe numa corrente — fulgurava, irônica, a vantagem que tinham sobre mim. O meu choque, na verdade, foi mais profundo do que julguei na noite em que descobri, enquanto procurava ver Quint ou a senhorita Jessel sob a luz das estrelas, o pequeno cujo sono eu velava e que, imediatamente, baixara os seus formosos olhos da torre ameada — onde se encontrava a odiosa aparição de Quint — e os pousara resolutamente em meu rosto. Se era uma questão de espanto, minha descoberta, nessa ocasião, me espantou mais do que qualquer outra, e foi tomada daquele terrível estado de nervos que fiz as minhas verdadeiras induções. Estas me perturbaram tanto, com efeito, que, às vezes, eu precisava fechar-me em meu quarto e ensaiar, em voz audível — o que era, ao mesmo tempo, um alívio enorme e um renovado desespero — a maneira pela qual eu poderia abordar o assunto. Encarava-o desta e daquela forma, enquanto, em meu quarto,

caminhava de um lado para outro, mas sempre sucumbia ao chegar ao momento de proferir os monstruosos nomes próprios. E, enquanto estes morriam em meus lábios, eu dizia a mim mesma que talvez os ajudasse a representar algo infame se, ao proferi-los, eu devesse violar o caso mais raro de pequena e instintiva delicadeza que, provavelmente, jamais uma outra sala de estudos conhecera. Ao dizer-me: "Eles têm a delicadeza de calar, e você, em que confiam, a baixeza de falar!", sentia me corar e cobria o rosto com as mãos. Depois dessas cenas secretas, eu falava com maior volubilidade que de costume, até que sobrevinha um dos nossos prodigiosos, palpáveis silêncios — não posso chamá-los de outro modo — e o estranho arrebatamento ou mergulho (procuro em vão os termos exatos!) numa quietude, numa pausa de toda a vida em torno, que nada tinha a ver com o maior ou o menor barulho que, no momento, pudéssemos estar fazendo, e que eu podia ouvir em meio de qualquer explosão de júbilo, de recitativos mais apressados de versos ou dos acordes mais fortes do piano. Aquilo significava que os outros, os intrusos, lá estavam. Embora não fossem anjos, "passavam" — como se diz em francês — e, enquanto lá permaneciam, me faziam estremecer de medo de que dirigissem às suas vítimas mais jovens alguma mensagem ainda mais infernal ou uma imagem mais vívida ainda do que as que haviam julgado suficientes para mim.

A coisa mais impossível de esquecer era a idéia cruel de que, por mais que eu houvesse visto, Miles e Flora viam *mais*: coisas terríveis e impenetráveis que surgiam de momentos terríveis de sua vida passada, vivida em comum. Tais coisas deixavam, naturalmente, na atmosfera, durante alguns momentos, um arrepio que nós, palradores e cuidosos, negávamos sentir — e nós três, à medida que aquilo se repetia, adquiríamos uma técnica tão esplêndida que, cada vez, para assinalar o fim do incidente, executávamos quase que automaticamente os mesmos movimentos. Em todo o caso, era espantoso que as crianças, sem nenhum motivo evidente, jamais deixassem de beijar-me com uma espécie de selvagem descabimento, e que, um ou outro, não deixasse nunca de fazer-me a preciosa pergunta que nos havia ajudado a vencer muitos perigos: "Quando é que acha que ele *virá*? Não acha que *devemos* escrever-lhe?" Sabía mos, por experiência própria, que nada havia como aquela pergunta para dissipar qualquer situação embaraçosa. "Ele" era, naturalmente, o tio de Harley Street — e vivíamos a repetir, incansavelmente, a opinião de que poderia chegar a qualquer momento e juntar-se ao nosso grupo. Impossível encorajar menos uma tal hipótese como ele o fizera até então, mas, se não dispuséssemos dela como um apoio, estaríamos privando cada um de nós de algumas das nossas mais hábeis representações. Jamais escrevera aos sobrinhos, talvez por egoísmo, mas isso fazia parte da lisonjeira confiança que em mim depositava, pois que a maneira de um homem prestar o seu mais alto tributo a uma mulher pode não ser outra coisa senão a festiva celebração de uma das leis sagradas da sua comodidade; por isso, estava eu cumprindo fielmente a promessa de não importuná-lo, ao dizer aos meus discípulos que as cartas que escreviam eram exercícios literários belos demais para ser enviados pelo correio. Guardava as cartas; ainda hoje as conservo. Esta era uma regra, com efeito, que apenas aumentava o efeito satírico de haver-me agarrado à suposição de que ele, a qualquer momento, poderia estar entre nós. Era como se meus discípulos percebessem que nada me seria mais embaraçoso do que ver-me, de repente, diante dele. Ademais, quando penso nessa época, não vejo em nada disso nada mais extraordinário que o simples fato de eu não haver jamais, apesar de minha tensão e de seu triunfo, perdido a paciência com eles. Deviam ser adoráveis — penso eu agora — para que eu, naqueles dias, não os odiasse! Não obstante, se o alívio houvesse

tardado muito a vir, acaso a exasperação não me teria atraiçoado? De qualquer modo, pouco importa, pois o alívio chegou. Chamo a isso de alívio, embora fosse apenas o alívio produzido por algo repentino que desfaz uma tensão ou pelo desencadear da tormenta num dia de calor sufocante. Foi, pelo menos, uma mudança — e chegou como um raio.

Um domingo, pela manhã, seguíamos para a igreja. Miles caminhava ao meu lado, e Flora, acompanhada de Mrs. Grose, adiante. Era um dia claro; geara um pouco durante a noite e o ar de outono, brilhante e vivo, tornava quase alegre o repicar dos sinos. Por uma estranha sucessão de idéias, aconteceu sentir-me, naquele momento, particularmente grata pela obediência que os meus discípulos me testemunhavam. Por que não se rebelavam nunca ante a minha inexorável e constante companhia? Alguma coisa me deu a sensação de que o menino estava como que preso por um alfinete ao meu xale, e que eu, a julgar pela maneira disciplinada com que marchavam junto de mim, talvez houvesse conseguido encontrar, sem o saber, algum meio de evitar qualquer perigo de rebelião. Eu era como um carcereiro que se mantivesse alerta contra possíveis surpresas e evasões. Mas tudo isso pertencia — refiro-me à magnífica condescendência das crianças — ao conjunto de fatos particularmente espantosos que já descrevi. Metido em sua roupa domingueira, feita pelo alfaiate do tio, que recebera carta branca e que compreendia muito bem a importância dos belos coletes para realçar a elegância masculina, Miles revelava em sua pessoa títulos tão convincentes relativos à sua independência, aos direitos de seu sexo e de sua situação social, que eu nada teria a responder se, naquele instante, me houvesse reclamado a sua liberdade. Pela mais estranha coincidência, eu estava pensando na maneira de enfrentá-lo, quando a revolução, iniludivelmente, ocorreu. Digo "revolução" porque vejo agora que, com a palavra que ele proferiu, a cortina se ergueu sobre o último ato de meu terrível drama — e a catástrofe se precipitou. — Ouça, querida — disse-me ele, com seu ar encantador — quando é que voltarei, afinal de contas, para o colégio?

Transcritas aqui, suas palavras parecem bastante inofensivas, principalmente se se disser que foram proferidas naquele tom doce, alto, casual, com que se dirigia a todos, mas, sobretudo, à sua eterna preceptora, em modulações tão suaves como se estivesse lançando rosas. Havia, nelas, algo que me tomava sempre de surpresa, e fiquei, de fato, tão surpresa como se uma das árvores do parque houvesse caído sobre o caminho. No mesmo instante, surgiu alguma coisa de novo entre nós, e percebi, imediatamente, que o compreendia, embora, para que o compreendesse, não fosse preciso que ele perdesse nada de sua candura e de seu encanto habituais. Percebi também que, devido ao fato de eu não encontrar nada para responder, ele notara a vantagem que levava sobre mim. Custou-me tanto encontrar algo que dizer-lhe, que ele teve tempo de sobra para, depois de um minuto, continuar com o seu sugestivo mas indeciso sorriso:

— A minha querida bem sabe que isso de um rapaz estar sempre em companhia de uma moça!...

Aquela sua expressão, "minha querida", estava sempre em seus lábios, e nada melhor do que a terna familiaridade que ela revelava podia exprimir o matiz exato do sentimento que eu desejava inspirar aos meus discípulos. Era tão livremente respeitosa!

Mas — ai de mim! — como senti necessidade, naquele momento, de pesar minhas próprias palavras! Lembro-me de que, para ganhar tempo, procurei rir, e pareceu-me ver, no belo rosto que me observava, quão feia e estranha eu devia estar.

— E sempre com a mesma dama? — respondi.

Não empalideceu nem pestanejou. Tudo estava perfeitamente claro entre nós.

— Oh, ela, naturalmente, é uma dama encantadora, "perfeita". . . Mas, afinal de contas, eu sou homem. . . Bem, estou ficando homem.

Delicado como sempre! Fiquei um instante a fitá-lo; depois disse:

— Sim, você está ficando homem.

Mas sentia-me terrivelmente desamparada. Até hoje, conservo a desanimadora impressão de que Miles percebia o meu desamparo e se divertia com ele.

— E a senhorita não pode negar que procurei portar-me bem.

Pus a mão em seu ombro, pois, embora eu achasse que seria muito melhor se andássemos, não me sentia ainda capaz de fazê-lo.

— Não, Miles, não posso negá-lo.

— Salvo aquela noite, que a senhorita sabe. . .

— Aquela noite?

Não me era possível encarar as coisas como ele o fazia.

— Quando desci até o jardim.

— Oh, é verdade. Mas esqueci por que foi que você fez isso.

— Esqueceu? — repetiu, com a doce extravagância das censuras infantis. — Fiz para mostrar-lhe que eu podia agir mal!

— E, de fato, o mostrou.

— E posso fazer de novo.

Senti que, afinal de contas, talvez pudesse manter-me calma.

— Certamente. Mas você não o fará.

— Não. Não farei isso de novo. Isso não foi nada.

— Não foi nada — repeti. — Mas precisamos continuar a andar.

Pusemo-nos de novo a caminhar, enquanto ele me tomava do braço.

— Então, quando é que voltarei?

Para pensar em sua pergunta, adotei um ar de grande responsabilidade.

— Você era muito feliz no colégio?

Refletiu um instante.

— Oh, sou bastante feliz em qualquer lugar!

— Bem — respondi, com voz trêmula — se você se sente igualmente feliz aqui...

— Ah, mas isso não é tudo! A senhorita, por certo, sabe muita coisa. . .

— Você quer dizer que sabe tanto quanto eu? — arrisquei-me a perguntar, enquanto ele se detinha.

— Não sei nem a metade do que queria! — confessou honestamente. — Mas não é bem isso.

— O que é, então?

— Bem. . . eu queria conhecer melhor o mundo.

— Compreendo, compreendo. . .

Havíamos chegado à igreja e várias pessoas, entre as quais alguns servidores de Bly, se agrupavam à entrada, para ver-nos entrar. Apressei o passo; queria chegar antes que a pergunta que surgira entre nós se alargasse demais. Refleti, ansiosamente, que ali, durante mais de uma hora, teríamos de guardar silêncio — e pensei com inveja na relativa penumbra do banco e na

ajuda quase espiritual que me proporcionaria a almofada em que apoiaria meus joelhos. Parecia-me disputar, literalmente, uma confusa corrida em que Miles estivesse a ponto de vencer-me, e senti que, de fato, ele chegara primeiro, quando exclamou, antes que atravessássemos o cemitério da igreja:

— Quero estar em meio de gente como eu!

Suas palavras me sobressaltaram:

— Não há muita gente como você, Miles! — respondi, rindo. — Salvo, talvez, a pequena Flora!

— A senhorita me compara, realmente, com uma menina?

Isso me encontrou inteiramente desarmada.

— Então você não ama a nossa pequena Flora?

— E se não a amasse. . . nem amasse a senhorita?. . . Se não as amasse. . . — repetiu, como se recuasse para um salto e, não obstante, deixando tão inconcluso o seu pensamento que, depois de atravessarmos o portão do cemitério, se tornou inevitável uma outra parada, que ele me impôs por uma pressão de seu braço. Mrs. Grose e Flora já haviam entrado na igreja, seguidas dos outros fiéis, e ali nos detivemos, por um minuto, entre as velhas e vetustas sepulturas. Paramos no caminho que partia do portão, junto a um túmulo baixo e oblongo como uma mesa.

— Bem, se você não nos amasse?

Enquanto aguardava sua resposta, ele lançou o olhar pelas sepulturas.

— A senhorita sabe!

Mas continuou imóvel, acabando por dizer-me algo que me fez sentar-me sobre a laje da sepultura, como se eu precisasse, subitamente, descansar.

— Meu tio pensa o mesmo que a senhorita?

Intencionalmente, demorei um pouco para responder.

— Como é que você sabe o que eu penso?

— Não sei, claro, mas me surpreende que a senhorita nunca me diga. Mas *ele* sabe?

— Sabe o que, Miles?

— Ora essa! O que se passa comigo.

Percebi, imediatamente, que não poderia dar a essa pergunta resposta alguma que não implicasse, de algum modo, um sacrifício por parte de meu patrão. Não obstante, pareceu-me que, em Bly, já estávamos todos bastante sacrificados, e que aquilo, afinal de contas, não passaria de um pecado venial.

— Não creio que isso preocupe muito a seu tio.

Diante disso, Miles ficou a fitar-me.

— Então a senhorita não acha que se podia fazer com que ele se preocupasse?

— De qualquer maneira?

— Fazendo com que viesse.

— Mas quem o faria vir?

— Eu! — exclamou enfaticamente, com extraordinária vivacidade.

Lançou-me outro olhar carregado com a mesma expressão e, depois, adiantando-se, entrou sozinho na igreja.

A questão, praticamente, terminou naquele momento, pois que eu não o segui. Era uma lamentável concessão ao meu nervosismo, mas compreender tal coisa não me ajudava a recobrar a calma. Deixei-me ficar sentada sobre o túmulo, procurando apreender todo o significado das palavras que meu amiguinho proferira; quando consegui fazê-lo, decidi ir embora, pretextando a confusão que me causava oferecer aos meus discípulos e ao resto da congregação um tal exemplo de atraso. O que eu dizia a mim mesma era, sobretudo, que Miles conseguira outra vantagem sobre mim, e que a prova disso, para ele, seria justamente aquela minha prostração. Conseguira descobrir que algo me infundia medo, e que ele, provavelmente, poderia valer-se de meu temor para obter maior liberdade. Meu temor consistia em ver-me obrigada a discutir a questão intolerável de sua expulsão da escola, pois essa não era senão a questão atrás da qual se ocultavam tantas coisas horrorosas. Estritamente falando, eu deveria desejar que seu tio viesse esclarecer comigo o assunto, mas faltava-me coragem para enfrentar a realidade e a tristeza de tal fato. Por isso, preferi adiar tal encontro, vivendo apenas o momento presente. O menino, para meu grande pesar, estava imensamente certo e em condições de dizer-me: "Ou a senhorita esclarece com o meu tutor essa misteriosa interrupção de meus estudos, ou seja, de esperar que eu viva, em sua companhia, uma vida tão pouco natural para um menino". O que não era nada natural no menino com quem eu tinha de lidar era aquela súbita revelação de que ele não só tinha consciência de seu caso, como, também, um plano para resolver sua situação.

Foi isso que, na verdade, me perturbou, impedindo-me de segui lo. Hesitante, preocupada, dei uma volta ao redor da igreja. Refleti que, junto a ele, eu já havia cometido uma falta irreparável, e constituía para mim demasiado esforço ir sentar-me ao seu lado, no banco da igreja. Ele, com toda certeza, passaria o braço pelo meu, obrigando-me a permanecer sentada durante uma hora em estreito e silencioso contato com as suas deduções sobre o que havíamos conversado. Desde o primeiro minuto de sua chegada, tive vontade de afastar-me dele. Quando me detive junto da grande janela lateral e escutei os hinos religiosos, fui tomada de um impulso que, ao menor estímulo, conseguiria, eu bem o sentia, dominar-me por completo. Afastando-me inteiramente, poderia pôr um fim àquela horrível situação. Ali estava a minha grande oportunidade. Não havia ninguém para deter-me. Poderia renunciar a tudo aquilo — voltar as costas e recuar. Seria apenas questão de voltar rapidamente à casa — vazia, por assim dizer, graças à presença na igreja de quase toda a criadagem — e fazer meus pequenos preparativos de viagem. Ninguém, em suma, poderia culpar-me por haver desertado levada pelo desespero. Mas de que valia afastar-me dali naquele momento, se teria de encontrar de novo as crianças na hora do jantar? Seria apenas um par de horas, ao fim do qual — eu previa tudo claramente — meus pequenos discípulos representariam uma inocente comédia acerca de meu desaparecimento. "O que é que você fez, sua má? Por que nos deixou tão preocupados, abandonando-nos na própria porta da igreja?" Não poderia suportar tais perguntas, nem a expressão de falsidade dos adoráveis olhos das crianças que as formulavam. Por isso, à medida que tal imagem se ia formando claramente em meu espírito, acabei por ceder à idéia de ir-me embora.

E, pelo menos no momento, afastei-me dali. Saí do cemitério e, enquanto seguia de volta pelo mesmo caminho, refletia profundamente, através do parque. Ao chegar a casa, pareceu-me estar completamente decidida a fugir. A quietude domingueira, que reinava tanto fora como dentro dela, bem como o fato de não haver encontrado ninguém, animaram-me bastante, como se me oferecessem magnífica oportunidade para tal. Se partisse sem perda de tempo, poderia ir embora sem uma cena, sem uma palavra. Teria, porém, de agir com notável presteza, e o problema de transporte era o mais difícil de resolver. Atormentada, no hall, diante de tantas dificuldades e obstáculos, lembro-me de que me deixei cair sobre o primeiro degrau, mas, de repente, com um estremecimento de aversão recordei que aquele fora exatamente o lugar em que, um mês antes, na escuridão da noite e igualmente dobrada sob o peso de maus pressentimentos, eu vira o espectro da mulher mais horrível do mundo. Ergui-me de chofre, subi ao andar superior e, perturbada, dirigi-me à sala de estudos, onde havia esquecido alguns objetos que me pertenciam. Mas, ao abrir a porta, deparei, num relance — como se os meus olhos, de novo, não estivessem mais vendados — com algo que me fez recuar, vacilante, e lançar mão de toda a minha resistência.

Sentada em minha própria mesa, à luz do meio-dia, vi uma pessoa que eu, sem a minha experiência anterior, teria tomado, no primeiro momento, por alguma empregada que houvesse ficado vigiando a casa e que aproveitando-se daquele raro momento de solidão, se valesse da pena, da tinta e do papel que havia em minha mesa para escrever uma carta ao namorado. Revelava esforço a maneira pela qual as suas mãos, com evidente cansaço, sustinham a cabeça, enquanto os braços se apoiavam à mesa. Não obstante, enquanto eu fazia essa observação, sua atitude persistia estranhamente, apesar de minha chegada. Depois mudou de atitude, o que fez com que sua identidade, num relâmpago, se revelasse. Ergueu-se, não como se houvesse notado a minha chegada, mas com uma grande e indescritível melancolia, cheia de indiferença e desapego e, a poucos passos de distância, pude ver a minha vil antecessora. Ali estava à minha frente, desonrada e trágica; mas, no momento em que a fixei, para reter sua imagem na memória, a horrível aparição se desvaneceu.

Negra como a noite em seu vestido preto, sua macilenta beleza e seu pesar, olhou-me o bastante para dar-me a entender que o seu direito de sentar-se à minha mesa era tão válido como o meu de sentar-me à dela. Enquanto duraram aqueles momentos, senti estranho arrepio, ao experimentar a sensação de que era eu a intrusa naquela casa. Como um violento protesto contra a sua atitude, lançado diretamente contra ela, me surpreendi gritando: "Oh, terrível, miserável mulher!", e o som de minha voz pela porta aberta, ressoou pelo longo corredor e pela casa vazia. Olhou-me como se me ouvisse, mas eu já me havia dominado — e o ambiente já se havia purificado. Um minuto após, não subsistia nada no quarto, salvo os raios do sol e a convicção de que eu devia ficar.

Esperara com tanta certeza que a volta de meus discípulos seria assinalada por pedidos de explicações, que me senti de novo perturbada ante o mutismo em que se mantiveram com respeito à minha ausência. Ao invés de demonstrações alegres e carinhos, não fizeram alusão alguma ao fato de eu os haver abandonado na igreja; quanto a mim, no momento, não fiz outra coisa senão analisar a estranha fisionomia de Mrs. Grose. Fi-lo com o objetivo de verificar se eles, de algum modo, haviam conseguido, por meio de suborno, o seu silêncio — silêncio que eu, no entanto, me esforçaria por romper na primeira oportunidade em que nos achássemos a sós. Tal oportunidade chegou antes do chá· estive cinco minutos com ela, à hora do crepúsculo, no aposento reservado à governanta, em meio do cheiro do pão recém-saído do forno. Encontrei-a sentada, com melancólica placidez, diante do fogo, naquele cômodo rigorosamente asseado. É assim como ainda hoje a vejo — como melhor a vejo: sentada, diante do fogo, em sua cadeira, na penumbra resplandecente de seu quarto, gorda e nítida imagem de coisas cuidadosamente arranjadas, de gavetas fechadas a chave, de repouso irremediável.

— Oh, sim. Pediram-me para nada dizer e, para satisfazê-los, enquanto estivessem presentes, eu, está claro, prometi. Mas o que foi que lhe aconteceu?

— Acompanhei-os apenas pelo passeio — respondi. — Precisava voltar para encontrar um amigo.

Mostrou-se surpresa:

— Um amigo? A senhorita?

— Sim. Tenho um par de amigos — disse eu, rindo. — Mas as crianças não lhe deram alguma razão?

— Para que eu não aludisse à sua escapada? Sim. Disseram que a senhorita preferia assim. Preferia mesmo?

A expressão de meu rosto fez com que ela ficasse pesarosa.

— Não. Lamento muito tudo isto! — Mas acrescentei, após um instante: — Disseram por que razão eu preferia que assim fosse?

— Não. Miles apenas disse: "Só devemos fazer aquilo que ela gosta".

— Quem me dera que ele pusesse em prática tal propósito! E que disse Flora?

— A pequena Flora é uma doçura. Disse: "Oh, decerto, decerto!" E eu disse o mesmo.

Refleti um momento.

— A senhora também é um anjo. . . Parece-me estar ouvindo os três. Mas, de qualquer maneira, tudo ficou claro, agora, entre mim e Miles.

— Ficou claro? — exclamou minha companheira, fitando-me. — Mas o que, senhorita?

— Tudo. Mas pouco importa. Já tomei uma decisão. Voltei para casa, minha querida, para ter uma conversa com a senhorita Jessel.

Adquirira o costume de não proferir esse nome diante de Mrs. Grose sem que antes a tivesse sob o meu completo domínio; de modo que, agora, enquanto ela piscava corajosamente ao ouvir minhas palavras, eu podia fazer com que ela se mantivesse relativamente firme.

— Uma conversa? Quer dizer que ela falou?

— Foi como se falasse. Encontrei-a, ao voltar, na sala de estudos.

— E o que foi que ela disse?

Ainda me parece ouvir a boa mulher, em sua candorosa estupefação.

— Que sofre os tormentos. . .

Estas palavras lhe permitiram reconstruir todo o quadro. — Quer dizer. . . — hesitou — que ela sofre os tormentos das almas penadas?

— Das almas penadas. Das almas condenadas. E é por isso que, para fazer com que compartilhem. . .

Também eu vacilei ante o horror de tudo aquilo. Mas minha companheira, com menos imaginação, me susteve:

— Para fazer com que compartilhem?. . .

— Procura Flora.

Diante dessas palavras, Mrs. Grose teria fugido do quarto, se eu não estivesse prevenida. Mas eu a mantive ali, para mostrar-lhe que estava.

— Mas, como já lhe disse, isso pouco importa.

— Por que a senhorita já se decidiu? Mas decidiu o quê?

— Tudo.

— E o que a senhorita chama "tudo"?

— Mandar chamar o tio das crianças.

— Oh, senhorita, faça com que ele venha, por piedade! — exclamou minha amiga.

— Claro que o *farei*: Vejo que não resta outra maneira. O que ficou "claro" entre mim e Miles, como lhe disse, é que ele pensa que eu tenho medo de fazê-lo. . . e crê que pode ganhar alguma coisa com isso. Mas verá que está enganado. Sim, sim; direi ao seu tio aqui mesmo — e na presença de Miles, se necessário — que, se mereço ser censurada por não haver pensado numa outra escola. . .

— Sim, senhorita. . . — insistia a minha companheira.

— . . . é porque tinha um motivo horrível para isso.

Havia, realmente, tantos motivos horríveis para a minha pobre companheira, que bem se podia desculpar a sua incompreensão.

— Mas qual?

— Qual? A carta de seu antigo colégio.

— A senhorita vai mostrá-la ao patrão?

— Devia ter feito isso no mesmo momento.

— Oh, não! — disse, resolutamente, Mrs. Grose.

— Dir-lhe-ei — prossegui, inexorável — que não posso ocupar-me dessa questão, tratando-se de um menino que foi expulso. . .

— Expulso por motivos que não conhecemos! — declarou Mrs. Grose.

— Por maldade. Que outra coisa poderia ter sido, se é tão inteligente, belo e perfeito? Acaso é ele estúpido, desleixado, indeciso, rebelde? É encantador. Por conseguinte, só pode ser por *isso*. E isso esclarece tudo. Afinal de contas — acrescentei — a culpa é do tio. Se permitiu que tal gente. . .

Mrs. Grose ficou muito pálida.

— Ele nada sabia a respeito deles. A culpa é minha.

— Bem, a senhora não sofrerá por causa disso — respondi.

— As crianças tampouco sofrerão! — exclamou, em tom enfático.

Permaneci um momento em silêncio, enquanto nos olhávamos. — Bem. Então o que deverei dizer-lhe?

— A senhorita não precisa dizer nada. Eu direi.

Medi o alcance de sua resposta.

— Quer dizer que a senhora lhe escreverá?

Mas, lembrando-se de que ela não sabia escrever, emendei:

— De que modo se comunicará com ele?

— Falarei com o mordomo. *Ele* escreverá.

— E gostaria que ele escrevesse a nossa história?

Minha pergunta era mais sarcástica do que eu pretendia, fazendo com que Mrs. Grose, depois de um momento, rompesse em lágrimas:

— Ah, não! A *senhorita* escreverá!

— Sim, escreverei esta noite — respondi.

E, com estas palavras, nos separamos.

A noite, cheguei a redigir algumas linhas de minha carta. O tempo mudara, soprava um vento forte e, em meu quarto, à luz da lâmpada, com Flora a dormir tranquilamente ao meu lado, fiquei muito tempo sentada diante de uma folha de papel em branco, a ouvir as rajadas de vento e o arremesso violento da chuva. Finalmente sai, levando um castiçal; atravessei o corredor e detive-me um minuto à escuta junto à porta de Miles. O que eu pretendia verificar, levada pela minha eterna obsessão, era um sinal qualquer de que ele estivesse acordado. Na verdade, esse sinal se fez sentir, mas não na forma que eu esperava. Sua voz tilintou em meus ouvidos:

— Vamos, a senhorita que está aí: entre!

Que alegria em meio de um ambiente tão lúgubre! Entrei com o meu castiçal e encontrei-o, na cama, inteiramente desperto, mas tranquilo.

— Bem, o que é que a senhorita está fazendo, acordada a estas horas? — perguntou com graciosa sociabilidade, o que me fez pensar que Mrs. Grose, se estivesse presente, teria procurado em vão uma prova de que tudo se havia tornado "claro" entre nós.

Eu estava de pé junto dele, com a vela na mão.

— Como é que você sabia que eu estava aí?

— Ora, porque ouvi seus passos. A senhorita pensou que não fazia barulho? Parecia um esquadrão de cavalaria! — E pôs-se a rir encantadoramente.

— Você não estava dormindo?

— Em absoluto! Estava acordado, pensando.

Eu pusera o castiçal, de propósito, um pouco longe, mas, depois, quando ele me estendeu a mão, num gesto amistoso, sentei-me à beira da cama.

— Em que estava pensando?

— Em que outra coisa podia pensar minha querida, senão na *senhorita?*

— Ah, não era preciso tanto para que eu me sentisse orgulhosa? Mas teria preferido que você dormisse.

— Bem, eu também penso, como sabe, nesse nosso estranho assunto.

Percebi que a sua mãozinha, firme, estava fria.

— Que estranho assunto, Miles?

— Ora essa! A sua maneira de educar-me. E tudo o mais!

Fiquei um minuto com a respiração suspensa e, mesmo à luz bruxuleante da vela, pude vê-lo sorrir, com a cabeça sobre o travesseiro.

— O que é que você quer dizer com esse "tudo o mais"?

— Oh, a senhorita sabe, a senhorita sabe!

Nada pude dizer durante um minuto, embora sentisse, enquanto lhe apertava a mão e continuávamos a olhar-nos nos olhos, que o meu silêncio tinha todo o ar de admitir a sua imputação, e que nada no mundo da realidade, naquele momento, era, talvez, tão fabuloso como as nossas relações.

— Você, certamente, voltará ao colégio, se é isso que o preocupa. Mas não ao antigo colégio. . . Precisamos encontrar outro, um colégio melhor. Como é que eu podia saber que essa questão o preocupava, se você nunca me disse nada, nunca me falou nisso?

Seu rosto, claro e atento, de tão suave brancura, fazia com que ele se assemelhasse, naquele minuto, a um pequeno e ansioso doente num hospital infantil — e, quando tal semelhança me ocorreu ao espírito, pensei que eu, de bom grado, daria tudo o que possuía no mundo para ser realmente a enfermeira ou a irmã de caridade que pudesse ajudá-lo a curar-se. Bem, mesmo na situação em que nos achávamos talvez me fosse possível ajudá-lo!

— Você sabe que jamais me disse uma única palavra a respeito de sua escola. . . quero dizer, a respeito de sua antiga escola? Que não se referiu a ela de maneira alguma?

Pareceu refletir — e sorriu com o mesmo encanto. Mas, evidente mente, procurava ganhar tempo. Era como se tivesse necessidade de que alguém acorresse em seu auxílio.

— Não me referi?

Não era para que *eu* o ajudasse. . . mas sim "aquilo" que eu encontrara.

Algo em sua voz e na expressão de seu rosto me oprimiu o coração, numa dor como eu jamais sentira; era inenarravelmente comovedor ver o seu pequeno cérebro perplexo e os seus pequenos recursos obrigados a representar, debaixo do enfeitiçamento que pesava sobre ele, um papel inocente e lógico.

— Nunca — prossegui — nunca, desde o momento de sua chegada. Você jamais me falou de qualquer de seus professores, de qualquer de seus colegas, nem se referiu, uma única vez sequer, à mínima coisa que haja acontecido com você na escola. Nunca, meu querido Miles, nunca, você fez a menor alusão a qualquer coisa que *pudesse haver* acontecido lá. Por conseguinte, você bem pode imaginar que ignoro tudo o que se refere a este assunto. Desde que você chegou, até o momento em que falou do assunto, esta manhã, você não fez referência alguma à sua vida anterior. Parecia aceitar perfeitamente a sua situação atual.

Era extraordinário como a minha absoluta convicção de sua precocidade secreta (ou como quer que eu pudesse chamar o veneno de uma influência que apenas me atrevia a mencionar por meias palavras) fazia com que ele parecesse, apesar do leve sopro da sua perturbação íntima, tão acessível como uma pessoa adulta, obrigando-me a tratá-lo quase como se fôssemos intelectualmente iguais.

— Julguei que você queria continuar a viver como até agora.

Parece-me que, ao ouvir estas palavras, corou ligeiramente. Em todo o caso, à maneira de um convalescente um tanto fatigado, abanou, languidamente, a cabeça:

— Não, não. Quero ir embora.

— Está cansado de Bly?

— Oh, não. Eu gosto de Bly.

— E então?. . .

— Oh, a senhorita sabe o que um menino quer!

Não o sabia tão bem como Miles, e procurei, no "momento, refúgio em sua resposta.

— Quer ir para a casa de seu tio?

Olhou-me, de novo, com o seu rosto doce e irônico, e moveu negativamente a cabeça sobre o travesseiro.

— Ah, a senhorita não pode, desse modo, livrar-se de suas dificuldades!

Permaneci um momento em silêncio, e fui eu, creio, quem então mudou de cor.

— Meu querido, eu não quero livrar-me de nada!

— Não poderá, mesmo que queira. Não poderá, não poderá! — exclamou, fitando-me com

os seus olhos encantadores. — Meu tio precisa vir e é necessário que a senhorita e ele resolvam inteiramente as coisas.

— Se o fizermos — repliquei com certa energia — você pode estar certo de que será para levá-lo embora daqui.

— E a senhorita não compreende que é exatamente isso que estou procurando fazer? A senhorita terá de explicar-lhe porque foi que deixou que as coisas chegassem até este ponto. Terá de explicar-lhe uma porção de coisas!

A exultação com que proferiu tais palavras me ajudou, de certo modo, no momento, a enfrentá-lo um pouco mais:

— E quantas coisas, Miles, *você* não terá de explicar-lhe? Há muitas coisas sobre as quais ele lhe fará perguntas!

Refletiu um momento.

— É possível. Mas que coisas?

— As coisas que você nunca me disse. Para que o seu tio saiba o que deve fazer com você. Ele não poderá mandá-lo de volta. . .

— Oh, eu não quero voltar! — interrompeu-me ele. — Quero um ambiente novo.

Proferiu estas palavras com admirável serenidade, com franca e positiva alegria — e foi, sem dúvida, essa nota, que fez com que eu evocasse a pungente e anormal tragédia infantil de sua provável volta ao colégio após três meses de ausência, levando consigo toda aquela arrogância e uma desonra ainda maior. Oprimiu-me então a certeza de que eu jamais poderia suportar aquilo — e não pude mais conter-me. Lancei-me sobre ele com toda a ternura da minha piedade e abracei-o:

— Meu querido e pequeno Miles!. . . Meu pequeno Miles!. . .

Meu rosto estava colado ao seu, e ele permitiu que eu o beijasse, aceitando tudo aquilo com indulgente bom-humor.

— E então, minha boa senhora?

— Não há nada. . . nada absolutamente que você queira dizer-me?

Voltou-se um pouco para a parede e, erguendo uma das mãos, pôs-se a olhá-la, como costumam fazer as crianças doentes.

— Já lhe disse. . . Já lhe disse esta manhã.

— O que você quer é apenas que eu não o aborreça?

Voltou-se, então, para mim, como se, por fim, eu o compreendesse. Depois, com a maior delicadeza, disse:

— Que me deixe em paz.

Havia uma pequena e estranha dignidade em sua resposta, algo que fez com que eu o largasse, embora me mantivesse ao lado dele. Deus bem sabe que jamais quis importuná-lo, mas que, voltar-lhe as costas, naquele momento, era abandoná-lo ou, mais precisamente, perdê-lo.

— Acabo de começar uma carta para o seu tio.

— Termine-a, então!

Esperei um minuto.

— Que aconteceu antes?

Ergueu de novo os olhos para mim.

— Antes de quê?

— Antes de você voltar para casa. E antes da sua ida.

Permaneceu um momento em silêncio, mas continuou a fitar-me:

— Que aconteceu?

Pareceu-me notar, pela primeira vez, em sua voz, um ligeiro estremecimento de consciente aquiescência — o que fez com que eu me pusesse de joelhos ao lado da cama e me agarrasse de novo à oportunidade de conquistá-lo.

— Meu querido Miles, meu querido Miles! Se você *soubesse* quanto desejo ajudá-lo! É unicamente isso, nada mais do que isso; preferiria morrer a causar-lhe qualquer sofrimento, preferiria morrer a tocar num único fio de seus cabelos. Querido Miles — prossegui, mesmo sob o risco de ir demasiado longe — quero apenas que você me ajude a salvá-lo!

Imediatamente, porém, percebi que tinha ido longe demais. A resposta ao meu apelo foi instantânea, mas veio sob a forma de violenta rajada de vento, de uma golfada de ar gelado que sacudiu todo o quarto, como se, ante o rude arremesso do vendaval, as janelas estalassem nos gonzos. Embora eu estivesse junto dele, o menino lançou um grito agudo que, em meio de todo aquele estrépito, poderia ter sido tomado, indistintamente, por uma exclamação de júbilo ou de terror. Pus-me de pé de um salto e tive consciência da escuridão. E assim permanecemos durante um momento, enquanto eu, lançando o olhar em torno, vi que as cortinas estendidas continuavam imóveis e a janela fechada.

— Mas a vela se apagou!

— Fui eu quem a soprou, querida! — respondeu Miles.

No dia seguinte, depois das lições, Mrs. Grose encontrou um momento para perguntar-me, em voz baixa:

— A senhorita escreveu?

— Sim, escrevi.

Mas não acrescentei — no momento — que minha carta, subscrita e selada, se encontrava ainda em meu bolso. Havia tempo de sobra para mandá-la antes que o mensageiro fosse ao povoado. Entrementes, graças aos meus discípulos, não houve manhã mais brilhante e exemplar. Dir se-ia que ambos se esforçavam por desfazer qualquer atrito recente que pudesse haver ocorrido. Realizaram vertiginosas proezas em aritmética, pairando bastante acima de meu alcance, e perpetraram, de modo mais espirituoso que nunca, suas farsas geográficas e históricas. Miles, sobretudo, parecia desejoso de mostrar-me com que facilidade podia sobrepujar-me. Esse menino vive, realmente, em minha lembrança, numa atmosfera de beleza e infortúnio que nenhuma palavra consegue traduzir: cada um de seus gestos revelava distinção; jamais existiu uma criatura de tão pouca idade — toda franqueza e despreocupação aos olhos dos não inclinados — que fosse, de modo extraordinário, mais gentleman do que ele. Eu, porém, que já era iniciada, tinha de manter-me constantemente em guarda para não me deixar levar pelo encanto do que me era dado ver; precisava dominar-me, conter os olhares gratuitos e os suspiros de desânimo com que eu, de vez em quando, atacava e renunciava ao empenho de descobrir o enigma de saber por que um pequeno gentleman como aquele merecera tão severo castigo. Era inútil dizer que, pelo sombrio prodígio que eu conhecia, a imaginação de todo o mal lhe fora revelada: todo o sentimento de justiça que havia em mim me levava a procurar, dolorosamente, a prova de que esse mal poderia ter-se transformado em ato.

De qualquer modo, jamais se mostrou tão cavalheiresco como quando, pouco depois de nosso almoço, que era servido muito cedo, me perguntou se eu gostaria que ele tocasse um pouco de música para mim. David, tocando para Saul, não poderia haver demonstrado um sentido mais adequado à ocasião. Foi, literalmente, uma encantadora exibição de tato, magnanimidade, em que parecia dizer-me: "Os verdadeiros cavaleiros, cuja história tanto gostamos de ler, nunca levam demasiado longe uma vantagem adquirida. Sei o que a senhorita quer dizer-me. Quer dizer -me que, para que a deixem em paz, deixará de vigiar-me e de preocupar-se por minha causa, de conservar-me preso à senhorita. . . Que me deixará ir e vir à vontade. Bem, eu "vim", como a senhorita vê; mas não me vou! Há muito tempo para isso! Encanta-me, realmente, a sua companhia, e só queria demonstrar-lhe que lutava por um princípio". Pode-se bem imaginar se eu poderia resistir ao seu apelo ou deixar de acompanhá-lo novamente, de mãos dadas, à sala de estudo. Ele se sentou ao velho piano e tocou melhor do que nunca e, se há alguém que pense que ele faria melhor se fosse jogar futebol, devo dizer que estou inteiramente de acordo. Ao cabo de algum tempo, cuja duração não posso precisar, pois que estava sob a sua influência, tive um sobressalto, experimentando a sensação de que eu dormira, em meu posto. Isso aconteceu depois do almoço, junto à lareira da sala de estudo e eu não havia, de modo algum, adormecido. Havia feito algo pior· havia me esquecido de tudo. Onde estaria Flora, durante todo esse tempo? Ao fazer tal pergunta a Miles, ele continuou ainda tocando um momento, antes de responder. Depois,

disse:

— Querida, como é que posso saber?

E lançou uma gargalhada jovial, como se fosse um acompanhamento vocal que se prolongasse numa canção extravagante e incoerente.

Subi incontinenti ao meu quarto, mas Flora não estava lá; depois, antes de descer novamente, procurei-a em outros quartos. Como não estava em nenhum deles, devia estar, certamente, em companhia de Mrs. Grose, a cujo encontro me dirigi, já tranquilizada por essa idéia. Encontrei Mrs. Grose no mesmo lugar em que a deixara na tarde anterior, mas ela acolheu a minha rápida pergunta com ar de medrosa e completa igno rância. Pensava que eu, depois do almoço, levara comigo as duas crianças, suposição bastante razoável, pois aquela era a primeira vez que eu permitia que a pequena se afastasse de minhas vistas sem algum motivo particular. Flora devia estar, certamente, com alguma das empregadas, de modo que fomos imediatamente à sua procura sem que nos mostrássemos alarmadas. Isso ficou logo assente entre nós' mas, quando nos encontramos no hall, dez minutos depois, como havíamos combinado, foi para informar-nos reciprocamente que havíamos fracassado em nosso empenho de encontrá-la. Durante o minuto em que ali estivemos juntas, diante do nosso mudo alarme, pude verificar com que altos juros a minha amiga me devolvia toda a inquietude que eu antes lhe transmitira.

— Deve estar lá em cima — disse ela, após um momento. — Em algum dos quartos em que a senhorita não a procurou.

— Não, está longe — respondi, acabando por compreender. — Ela saiu.

Mrs. Grose mostrou-se surpresa:

— Sem chapéu?

Eu, naturalmente, também estava perplexa.

— Acaso essa mulher não anda sempre sem chapéu?

— Flora está com *ela?*

— Está com *ela*! — declarei. — Precisamos encontrá-las.

Segurei-lhe o braço, mas ela, durante um momento, ao ver-me encarar de tal modo o assunto, deixou de responder à pressão de minha mão. Permaneceu, pelo contrário, imóvel, tomada de inquietude.

— E onde está o pequeno Miles?

— Oh, *ele* está com Quint! Na sala de estudo.

— Santo Deus, senhorita!

Percebi que a minha visão do que acontecia e, por conseguinte — suponho — o tom de minha voz, jamais haviam adquirido antes uma certeza assim tão calma.

— O ardil foi posto em prática — prossegui. — Urdiram com êxito o seu plano. Miles encontrou a maneira mais divina de manter-me quieta, enquanto Flora escapava.

— Divina? — repetiu, perplexa, Mrs. Grose.

— Infernal, então — respondi quase alegremente. — Arranjou um jeito dele também escapar. Mas venha comigo!

Ela ergueu os olhos, aflita, para o andar superior:

— Mas a senhorita o deixa?...

— Tanto tempo em companhia de Quint? Sim; agora isso pouco me importa.

Ela sempre terminava, nesses momentos, por tomar-me a mão e, desse modo, pôde também

reter-me, essa vez, junto dela. Mas após ficar uns momentos boquiaberta diante da minha súbita resignação, perguntou, com ardor:

— Foi porque escreveu a carta?

Como única resposta, apalpei rapidamente a carta que guardava comigo, tirei-a do bolso, mostrei-a a Mrs. Grose e, livrando-me de sua mão, fui colocá-la sobre a grande mesa do hall.

— Luke a levará.

Dirigi-me à porta, abri-a e comecei a descer os degraus.

Minha companheira ainda vacilava. Havia cessado a tempestade da noite e da madrugada, mas a tarde estava úmida e cinzenta. Desci à alameda, enquanto ela permanecia à porta:

— Vai sair sem agasalho?

— Que importa, se a menina saiu sem nada? Não posso perder tempo em vestir-me — gritei-lhe — e, se a senhora precisar fazê-lo, vou sozinha. Enquanto isso, procure dar uma olhada no andar superior.

— Com *eles?*

Oh, ao ouvir tais palavras, a pobre mulher me alcançou rapidamente!

Dirigimo-nos diretamente ao lago, como o chamávamos em Bly, e atrevo-me a dizer que a justo título, embora, talvez, na realidade, aquele lençol de água fosse menos notável do que parecia aos meus olhos pouco experientes. Meu conhecimento de lagos era pequeno, e o lago de Bly, em todo caso, me impressionou pela sua extensão e pelas suas águas agitadas, nas poucas vezes que consenti, ante a insistência de meus discípulos, em afrontar a sua superfície, no velho bote de fundo chato que lá se encontrava para nosso uso. O lugar habitual de embarque ficava a meia milha da casa, mas eu tinha a íntima convicção de que Flora, onde quer que estivesse, não se achava perto da casa. Não se afastara de mim um momento sequer para empreender qualquer pequena aventura e, desde o dia em que participamos daquele grande acontecimento, à margem do lago, eu notara, durante os nossos passeios, para que lado ela preferia dirigir-se. Eis aí porque eu podia agora guiar os passos de Mrs. Grose num sentido preciso — o que fez com que ela, ao percebê-lo, opusesse uma resistência que me revelou a perplexidade em que de novo se encontrava.

— Estamos seguindo na direção do lago, senhorita? Pensa que ela estará dentro?

— Talvez, embora a profundidade não seja muito grande, creio eu, em parte alguma. Mas o que me parece mais provável é que esteja no lugar em que, outro dia, vimos juntas o que lhe contei.

— Quando ela fingiu que não via?

— E com que espantoso domínio de si mesma! Sempre tive a certe
za de que ela desejava voltar sozinha. E, agora, o irmão arranjou-lhe uma oportunidade.

Mrs. Grose continuava no lugar em que se havia detido.

— A senhorita acha, então, realmente, que os dois falam *deles?*

Pude responder, com confiança:

— Dizem coisas que, se ouvíssemos, ficaríamos simplesmente aterradas.

— E se ela *estiver* lá?

— E então?

— Então a senhorita Jessel também estará?

— Sem a menor dúvida. A senhora verá.

— Oh, muito obrigada! — exclamou minha amiga, plantando-se tão firmemente no caminho que eu, ao notar sua atitude, segui sozinha. Quando cheguei ao lago, porém, ela caminhava bem atrás de mim, e compreendi que, qualquer que fosse a percepção que ela tivesse do perigo que eu podia correr, o risco de expor-se em minha companhia lhe parecia um perigo menor. Lançou um gemido de alívio quando, finalmente, contemplamos grande parte do lago sem ver a menina. Não havia sinal algum de Flora na margem mais próxima, onde eu a pudera observar antes com tamanho assombro, nem, tampouco, na margem oposta, onde, salvo uma extensão de vinte jardas, aproximadamente, um espesso capão descia até à água. O lago, de forma oblonga, tinha tão pouca largura, em relação ao seu comprimento, que, visto daquele lugar, poderia ser tomado por um riacho. Olhamos o espaço vazio, e percebi o que sugeriam os olhos de minha amiga. Sabia o que ela queria dizer, e respondi movendo negativamente a cabeça:

— Não, não, espere! Ela tomou o bote.

Minha companheira observou o embarcadouro, e de novo lançou o olhar sobre o lago.

— Onde está o bote, então?

— O fato de não o vermos constitui a maior das provas. Ela o usou para atravessá-lo e, depois, conseguiu escondê-lo.

— Sozinha? Aquela criança?

— Ela não está só e, nesses momentos, não é uma criança: é uma mulher velha, velha.

Examinei com o olhar toda a margem visível, enquanto Mrs. Grose, ante o estranho elemento que eu lhe oferecia, se entregava de novo a uma de suas atitudes de submissão. Depois, sugeri que o bote podia estar perfeitamente num pequeno refúgio, formado por um dos recessos da lagoa, uma entrada que se ocultava, vista de onde estávamos, por uma saliência da margem e pelos arbustos que cresciam junto da água.

— Mas se o bote está lá, onde, com os diabos, estará ela? — perguntou, ansiosa, a minha amiga.

— É exatamente isso que devemos descobrir. E pus-me a andar apressadamente.

— Dando toda a volta ao lago?

— Certamente. Não é muito longe; levaremos uns dez minutos. Mas é bastante longe para que Flora preferisse não ir a pé. Atravessou diretamente.

— Deus nos acuda! — exclamou, de novo, minha amiga.

A cadeia de minha lógica era demasiado forte para ela. Trazia-a presa aos meus passos e, mesmo agora, já havíamos percorrido metade do caminho — caminho tortuoso, exaustivo, de terreno bastante irregular, por uma senda obstruída pela vegetação — eu me detive, para permitir que ela tomasse fôlego. Amparei-a com um braço reconhecido, afirmando-lhe que ela poderia ajudar-me imensamente — e, com isso, partimos novamente, de modo que, ao cabo de alguns minutos, atingimos um ponto de onde vimos que o bote se encontrava no lugar onde eu havia suposto. Havia sido deixado, intencionalmente, o mais escondido possível, e estava amarrado a uma das estacas da cerca que, naquele sítio, chegava até perto da água, e que havia facilitado o desembarque. Ao ver o par de remos curtos, grossos, tirados cuidadosamente da água, reconheci o esforço prodigioso da pequena Flora — mas, naquela altura, eu já havia vivido muito tempo entre coisas espantosas e ofegantes motivos de assombro. Havia uma porteira na cerca, pela qual passamos e, logo depois, vimo-nos em campo mais aberto. Exclamamos então as duas, em uníssono:

— Lá está ela!

Flora, a pouca distância, estava de pé sobre a relva e sorria, como se o seu feito estivesse agora completo. Seu primeiro movimento foi abaixar-se e apanhar — como se estivesse ali com esse único propósito — um grande e feio ramo de fetos emurchecidos. Percebi instantaneamente que ela acabara de sair do meio dos arbustos. Esperou-nos sem dar um passo, e eu tive consciência da estranha solenidade com que nos aproximamos dela. Flora não cessou de sorrir, até que nos encontramos — mas tudo isso em meio de um silêncio flagrantemente ominoso. Mrs. Grose foi a primeira a romper o feitiço: pôs-se de joelhos e, apertando a criança de encontro ao peito, envolveu em demorado abraço o seu ter no e pequenino corpo. Enquanto durou a sua convulsão, não pude fazer outra coisa senão observar — e fi-lo mais intensamente ao ver o rosto de Flora fitar-me por cima dos ombros de minha companheira. Estava sério, agora; o sorriso o havia abandonado. Mas isso aumentava a angústia com que, naquele momento, invejei a

simplicidade das relações de Mrs. Grose com relação à pequena. Contudo, nada mais aconteceu, salvo que Flora deixou cair ao chão o seu tolo ramo de fetos. O que ela e eu virtualmente dissemos uma à outra, sem palavras, foi que, a partir de então, todos os pretextos eram inúteis entre nós. Quando, finalmente, Mrs. Grose se levantou, continuou a segurar a mão da menina, de modo que ambas permaneceram ainda um momento à minha frente, e a singular reticência de nossa comunhão se acentuou ainda mais com o olhar franco que ela me dirigiu. "Que me enforquem — dizia o olhar de Flora — se conseguirem fazer com que eu *fale*!"

Flora rompeu o silêncio, observando-me de alto a baixo com ingênuo assombro. Estranhou ver-nos sem nada que nos cobrisse a cabeça:

— Mas onde estão as suas coisas?

— E onde estão as suas, minha querida? — respondi prontamente.

Já havia recobrado a sua alegria, e minha resposta lhe pareceu suficiente.

— E onde está Miles? — prosseguiu.

Havia algo em sua coragem infantil que me arrasou completamente: essas quatro palavras sacudiram num segundo, como o brilho de uma espada desembainhada, a taça cheia até às bordas que eu sustinha no alto havia semanas e semanas, e que agora, mesmo antes que eu falasse, sentia transbordar como um dilúvio.

— Eu direi, se você me disser. . .

Surpreendi-me, de repente, a proferir estas palavras; depois, ouvi o tremor em que minha voz morria.

— E então?

Mrs. Grose, ansiosa, fulminou-me com o olhar; mas já era tarde demais, e perguntei a Flora, com toda delicadeza:

— Onde, querida, está a senhorita Jessel?

Tal como sucedeu com Miles no pátio da igreja, não podíamos fugir à situação. Por mais que eu houvesse esperado que aquele nome não fosse jamais proferido entre nós, o súbito e perturbado olhar que se estampou no rosto da criança, ao ouvi-lo, se assemelhou muito, em meio de meu silêncio, ao ruído de uma vidraça que se espatifasse. Juntou-se a isso o grito que Mrs. Grose, como que para atenuar o golpe, lançou no mesmo instante daquela minha violência — grito de uma criatura aterrada ou, antes, ferida, que, por sua vez, ao cabo de alguns segundos, foi completado pelo gemido que me escapou da garganta. Agarrei o braço de minha amiga:

— Ela está aí, ela está aí!

A senhorita Jessel surgiu à nossa frente, de pé, na margem oposta, exatamente como fizera na vez anterior, e lembro-me de que, estranhamente, a primeira sensação que me produziu a sua presença foi um estremecimento de júbilo, pela prova que ela assim me dava. Ela estava ali — e eu estava justificada; ela estava ali, e eu não era nem cruel nem louca. Ela estava ali, diante da pobre e aterrorizada Mrs. Grose — mas estava ali, principalmente, por causa de Flora! E nenhum outro momento desse monstruoso período de minha vida foi, talvez, tão extraordinário como aquele em que lhe dirigi conscientemente — com a certeza de que, embora não passasse de um pálido e sôfrego demônio, ela a receberia e compreenderia — uma muda mensagem de gratidão. Erguia-se, ereta, no lugar que minha amiga e eu havíamos estado pouco antes, e não havia, em todo o longo alcance de seu desejo, nada de sua maldade que não atingisse o alvo. Essa viva visão, bem como a emoção que a acompanhou, não duraram mais do que poucos segundos, durante os quais o desorientado piscar de Mrs. Grose, que olhava para a direção por mim assinalada, me pareceu um sinal inegável de que também ela, afinal, via, enquanto eu desviava precipitadamente os olhos para a pequena. A revelação da maneira pela qual Flora era afetada por aquele espetáculo me espantou muito mais, na verdade, do que se eu a houvesse encontrado simplesmente agitada, já que não esperava, de sua parte, nenhuma perturbação reveladora. Ela se achava preparada e em guarda devido à nossa busca e, assim, reprimiria todo sentimento que pudesse trai-la. Por isso, fiquei abalada, ao notar nela uma atitude que eu não previra. Vê-la daquela maneira, sem a menor contração em sua carinha rosada, sem sequer fingir olhar na direção do prodígio que eu anunciava, mas apenas voltando-se para mim com uma expressão de fria e severa gravidade, uma expressão absolutamente nova e sem precedentes, que parecia ler em mim, e acusar-me, e julgar-me, era um golpe que, de certo modo, convertia aquela própria criaturinha na verdadeira presença que podia fazer-me desanimar. E desanimei, apesar da certeza de que a sua visão jamais fora mais nítida do que naquele instante e, ante a necessidade imediata de defender-me, invoquei apaixonadamente o seu próprio testemunho:

— Ela lá está, minha pequena infeliz! Ali, ali, *ali*, e você a vê tão bem quanto eu!

Dissera pouco antes a Mrs. Grose que, nesses momentos, Flora não era uma criança, mas sim uma mulher velha, muito velha, e nada poderia confirmar melhor minhas palavras do que a maneira pela qual, como única resposta, sem uma concessão, sem uma admissão de seus olhos, ela simplesmente me mostrou um semblante em que se lia uma reprovação cada vez mais profunda, que acabou por fixar-se por completo. A essa altura, eu já estava — se é possível resumir minhas sensações — mais aterrorizada pelo que poderia chamar "a sua maneira" do que

por qualquer outra coisa, embora compreendesse, simultaneamente, que teria de lutar com um outro grande obstáculo: Mrs. Grose. De qualquer maneira, minha companheira, mais velha do que eu, apagou, logo depois, qualquer outra impressão que não fosse a de sua cara afogueada, exprobando, em ruidoso e escandalizado protesto, a minha atitude:

— Que modos horríveis os seus, senhorita! Onde é que a senhorita vê alguma coisa?

Pude apenas agarrar-lhe rapidamente o braço, pois, enquanto ela falava, a odiosa presença continuava nítida e impávida. A aparição ali estava havia já um minuto e, continuava ainda enquanto eu insistia, agarrada à minha amiga, empurrando-a para o lado em que estava a aparição, mostrando-a com o dedo:

— Não a vê exatamente como nós? Ela refulge como uma fogueira a arder! Mas olhe, minha boa mulher, *olhe!*

Ela olhou, como eu o fazia, e lançou um profundo gemido que exprimia negação, repulsa, compaixão, um misto de piedade por mim, de alívio pela sua cegueira, dando-me a impressão, que mesmo então me comoveu, de que me apoiaria se pudesse. Eu bem que poderia ter necessitado de seu apoio, pois, diante do rude golpe que sofri ao compreender que seus olhos estavam inapelavelmente selados, sentia que minha horrível situação se desmoronava, sentia — *via* — a minha lívida antecessora, do lugar em que se achava, precipitar a minha derrota, e percebia, mais do que tudo, o perigo que eu teria de enfrentar, ante a espantosa atitude da pequena Flora. Essa mesma atitude era adotada, de modo instantâneo e violento, por Mrs. Grose, que, através do sentimento da minha ruína, transformava o seu prodigioso triunfo pessoal em ofegantes e tranquilizadoras palavras:

— Ela não está lá, minha querida pequena. Não há ninguém lá. Você nunca viu coisa alguma, minha doçura! Como é que a pobre senhorita Jessel poderia estar lá, se está morta e enterrada? *Nós* sabemos que não está, não é, meu amor? — dizia, apelando, suplicante, à própria criança. — Tudo isso não passa de um erro, de uma preocupação absurda, de um gracejo. . . E nós vamos voltar para casa o mais depressa possível!. . .

Diante disso, a nossa pequena companheira adotou estranha atitude de dignidade, e lá ficaram ambas unidas contra mim, numa oposição, por assim dizer, penosa. Flora continuou a fitar-me com a sua pequena máscara de reprovação e, mesmo naquele minuto, pedi perdão a Deus por parecer-me que, enquanto ela permanecia agarrada fortemente ao vestido da minha amiga, a sua incomparável beleza infantil havia, de repente, murchado, acabando por desaparecer completamente. Eu já o disse: naquele momento ela se tornou, literalmente, odiosa, cruel. Tornou se vulgar, quase feia.

— Não sei ao que a senhorita se refere. Não vejo ninguém. Não vejo nada. *Nunca* vi. A senhorita é má. Não gosto da senhorita!

Depois desse desafogo, digno de uma pirralha vulgar e impertinente de rua, agarrou-se ainda mais fortemente a Mrs. Grose e afundou em sua saia a sua carinha horrível. Nessa posição, rompeu num lamento qua
se furioso:

— Leve-me embora! Leve-me embora!. . . Oh, leve-me para longe *dela!*

— De *mim*? — perguntei, arquejante.

— Da senhorita, da senhorita!

A própria Mrs. Grose me olhou desanimada, e eu não tive outro remédio senão comunicar-

me de novo com a figura que, da margem oposta, sem um movimento, rigidamente atenta, como se, no intervalo, houvesse ouvido nossas palavras, se encontrava ainda vividamente lá para meu fracasso, como deixava de estar para meu serviço. A infortunada menina falara exatamente como se recebesse de uma fonte estranha cada uma de suas pungentes palavras, e eu, em meio do completo desespero de tudo aquilo, não pude senão mover tristemente a cabeça:

— Se eu alguma vez houvesse duvidado, minhas dúvidas teriam agora se dissipado por completo. Tenho vivido com esta terrível verdade, e ela agora me envolveu de uma maneira insuportável. Perdi você, está claro. Eu interferi e você encontrou, sob a direção *dela*... — disse eu, olhando de novo, através do lago, a nossa diabólica testemunha — o meio fácil e perfeito de resolver a situação. Fiz tudo o que estava ao meu alcance, mas perdi você. Adeus.

A Mrs. Grose, lancei um "Vá embora!" imperativo, quase frenético, ante o que, profundamente desesperada, mas tomando mudamente posse da menina e claramente convencida, apesar de sua cegueira, de que algo horrível acabara de ocorrer, e de que nos achávamos envolvidas numa catástrofe, se retirou, pelo mesmo caminho que havíamos tomado, o mais depressa possível.

Quanto ao que aconteceu a princípio, quando me deixaram sozinha, não consegui, posteriormente, recordar. Sei apenas que, ao cabo, creio eu, de uns quinze minutos, uma flagrante e áspera umidade, penetrando e arrepiando de frio o meu sofrimento, me fez compreender que eu devia ter-me lançado de bruços sobre o chão, dando vazão a um selvagem desespero. Devo ter ficado lá muito tempo, a chorar e a soluçar, pois, quando ergui a cabeça, o dia já estava quase a findar. Levantei-me e olhei um momento, ao crepúsculo, o lago cinzento e suas margens desertas e mal assombradas e, depois, empreendi o triste e penoso caminho de volta a casa. Ao atingir a porteira da cerca, verifiquei, surpresa, que o bote lá não estava, o que me fez pensar novamente no extraordinário comando que Flora tinha da situação. Ela passou aquela noite no mais tácito e, acrescentaria eu, se a palavra não saísse de uma maneira tão grotesca mente falsa, no mais feliz acordo com Mrs. Grose. Não vi nenhuma delas ao chegar a casa, mas, por outro lado, como uma compensação ambígua, vi Miles durante longo tempo. Vi-o — não posso usar outra frase — mais do que o havia visto até então. Nenhuma outra noite por mim passada em Bly teve a portentosa qualidade daquela noite; apesar disso — e apesar, ainda, do profundo abismo de consternação que se abrira aos meus pés — houve, no transcorrer daquelas horas, uma tristeza extraordinariamente doce. Ao chegar a casa, nem sequer procurei o menino; segui diretamente para o meu quarto, a fim de trocar de roupa e verificar, com um olhar, vários testemunhos materiais da minha ruptura com Flora. Todos os seus pequenos objetos haviam sido removidos. Mais tarde, quando a criada de sempre me serviu o chá na sala de estudos, permiti não fazer nenhuma averiguação quanto ao que dizia respeito ao meu outro discípulo. Ele, agora, estava livre; podia usar de sua liberdade como melhor entendesse! Bem, valeu-se, de fato, dela, e isso constituiu, em parte, em vir sentar-se silenciosamente ao meu lado cerca das oito horas. Depois de servido o chá, apaguei os candelabros e arrastei a poltrona mais para perto do fogo· sentia um frio mortal e parecia-me que jamais poderia de novo aquecer-me. De modo que, quando Miles apareceu, eu me achava sentada, com os meus pensamentos, junto ao clarão da lareira. Deteve-se um instante à porta, como a observar-me; depois — como que desejoso de compartilhar deles — aproximou-se do outro lado da lareira e afundou-se numa poltrona. Permanecemos sentados em absoluto silêncio; eu sentia, no entanto, que ele queria estar

em minha companhia.

Antes que um novo dia irrompesse por completo em meu quarto, abri os olhos e deparei com Mrs. Grose, que se aproximara de minha cama, trazendo-me as piores notícias. Flora estava tão febril que talvez se achasse diante de alguma doença mais séria; passara a noite extremamente inquieta, agitada, sobretudo, pelo medo que lhe causava não a sua preceptora antiga, mas a atual. Não era contra a possível volta à cena da senhorita Jessel que ela protestava: protestava, clara e apaixonadamente, contra a minha. Levantei-me, claro, de um salto, disposta a fazer muitas perguntas, tanto mais que percebia que a minha amiga vinha preparada para enfrentar-me de novo. Senti-o logo que lhe perguntei se acreditava mais na criança do que em mim.

— Ela continua a negar que não viu, que nunca viu coisa alguma?

Era grande a sua perturbação.

— Ah, senhorita, este não é um assunto que eu possa insistir com ela! E também hão há muita necessidade disso. Isso tudo fez com, que ela envelhecesse da cabeça aos pés.

— Oh, mesmo daqui eu a vejo perfeitamente! Está ressentida, como se fosse alguma grande personagem, por se pôr em dúvida a sua veracidade e, por assim dizer, a sua respeitabilidade. "A senhorita Jessel. . . Logo *ela*, com efeito!" Ah, ela é "respeitável", a pirralha! Ontem, asseguro-lhe, ela me causou a impressão mais estranha de todas. . . pior do que as outras. Claro que procurei impor-me! Ela jamais falará comigo.

Por mais odioso e obscuro que fosse tudo aquilo, fez com que Mrs.
Grose permanecesse um instante em silêncio; depois, concordou comigo com uma franqueza que, eu tinha a certeza, se baseava em outras coisas.

— Com efeito, senhorita, penso que jamais o fará. Ela levou tudo isso muito a sério!

— E acontece que está, agora, profundamente ofendida! — resumi.

Podia ver, pelo rosto de minha visitante, o quanto Flora se sentia ofendida — além de outras pequenas coisas.

— Pergunta-me, a todo momento, se a senhorita vai entrar no quarto.

— Compreendo, compreendo. . .

Eu também, de minha parte, tinha em meu íntimo muito mais do que dizia.

— Acaso ela lhe disse, desde ontem, uma palavra sobre a senhorita Jessel que não fosse para repudiar sua familiaridade com algo tão odioso?

— Nem uma palavra, senhorita. O que ela me disse junto ao lago, como a senhorita sabe, é que lá, pelo menos naquele momento, *não havia* ninguém.

— Está claro! E a senhora, naturalmente, ainda acredita nela.

— Não a contradigo. Que mais posso fazer?

— Nada, absolutamente! A senhora tem de lutar com a criaturinha mais esperta do mundo. Eles os tornaram — os seus dois amigos, quero dizer — ainda mais inteligentes do que a natureza os fez. Plasmaram um material que já era, por si só, maravilhoso! Flora tem agora um motivo de queixa, e irá valer-se dele até o fim.

— Sim, senhorita... Mas com que fim?

— Ora essa! Para indispor-me com o tio. Procurará fazer com que ele pense que sou a mais vil das criaturas!. . .

Estremeci ante a cena que a fisionomia de Mrs. Grose revelava: dir se-ia que ela já os via nitidamente, juntos.

— Justamente ele, que tem tão boa opinião da senhorita!

— Estou pensando, neste momento, que ele tem uma estranha maneira de prová-lo! — respondi, rindo. — Mas não importa. O que Flora deseja, claro, é ver-se livre de mim.

Minha companheira, corajosamente, concordou:

— Não quer vê-la nunca mais.

— De modo que a senhora veio ver-me — perguntei — para que eu apresse a minha partida?

Mas, antes que ela tivesse tempo de responder, dominei a situação:

— Mas tenho uma idéia melhor. . . resultado de minhas reflexões.

Minha partida *pareceria* a decisão mais acertada e, no domingo, estive a ponto de ir embora. Mas isso não resolveria a situação. É a *senhora* quem deve partir. Deve levar Flora.

Minha visitante refletiu.

— Mas. . . para onde?

— Para longe daqui. Para longe *deles*. E agora, sobretudo, para longe de mim. Diretamente para o tio.

— Só para que ela conte que a senhorita. . .

— Não, não "só" para isso. Para que me deixe, além disso, com o meu remédio.

Ela ainda não compreendia.

— E qual é o seu remédio?

— Para começar, a sua lealdade. Depois, a de Miles.

Olhou-me fixamente:

— Acha que ele?. . .

— Não se voltará contra mim, se tiver ocasião? Sim, alimento essa esperança. De qualquer modo, desejo tentar. Vá com a menina o quanto antes e deixe-me só com ele.

Eu mesma fiquei surpresa ante a energia que ainda me restava e, por conseguinte, um tanto mais desconcertada, talvez, diante da maneira pela qual, apesar de meu brilhante exemplo, Mrs. Grose hesitava.

— Naturalmente — prossegui — há uma coisa indispensável : antes da partida de Flora, as crianças não devem ver-se nem sequer durante um minuto.

Ocorreu-me, então, que, apesar do presumível isolamento de Flora, desde a sua volta do lago, talvez já fosse demasiado tarde para isso.

— A senhora quer dizer — perguntei, ansiosa — que eles já se viram?

Mrs. Grose ficou muito afogueada.

— Ah, senhorita, não sou tão tola assim! As três ou quatro vezes que precisei sair do quarto, deixei-a sempre em companhia de uma das empregadas e, no momento, embora se encontre só, a porta está muito bem fechada. Não obstante, não obstante. . .

Era evidente que ela calava ainda muita coisa.

— Não obstante o quê?

— Bem. A senhorita está assim tão segura a respeito do pequeno Miles?

— Não estou segura de coisa alguma, com exceção da *senhora*. Mas, desde ontem à noite, tenho uma nova esperança. Creio que ele de seja dizer-me alguma coisa. Creio — pobre e infortunado menino! — que ele deseja falar. Ontem à noite, junto à lareira, esteve sentado ao

meu lado duas horas em silêncio, como se fosse falar.

Mrs. Grose olhou fixamente, através da janela, o dia cinzento que nascia.

— E falou?

— Por mais que eu esperasse, devo confessar que não o fez. Despediu-se de mim com um beijo, sem proferir uma palavra ou fazer a menor alusão à condição e à ausência da irmã. De qualquer modo — prossegui — não posso consentir que o tio o veja — principalmente agora, que as coisas se tornaram tão más — sem dar ao pequeno um pouco mais de tempo.

Minha amiga, diante dessas palavras, mostrou-se mais relutante do que me era dado compreender.

— Que é que a senhorita quer dizer por "mais tempo"?

— Bem. Dar-lhe mais um ou dois dias, até que se resolva a confessar. Ele ficará, então, do meu lado: a senhora bem compreende a importância que isso tem para mim. Se ele nada disser, isso significará, simplesmente, que fracassei, e a senhora, na pior das hipóteses, me terá ajudado, fazendo em seu favor, quando chegar à cidade, tudo o que estiver ao seu alcance.

Foi assim que lhe apresentei a situação, mas ela continuou, durante alguns momentos, tão inescrutavelmente perplexa que, mais uma vez, acorri em seu auxílio.

— A menos, com efeito — ajuntei — que a senhora, realmente, prefira *não* ir.

Pude ver que o seu rosto, afinal, se iluminava. Estendeu-me a mão, como para firmar um pacto.

— Irei, irei. Partirei esta manhã mesmo.

Eu desejava ser justa:

— Se a senhora *quiser* esperar um pouco mais, comprometo-me a fazer com que Flora não me veja.

— Não, não: é pelo próprio lugar, em si. Ela deve deixá-lo.

Fixou-me um momento com os seus pesados olhos e deixou escapar estas palavras:

— Sua idéia é a que me parece melhor. Eu, senhorita. . .

— Diga.

— Não posso ficar.

O olhar que me lançou me fez pensar em certas possibilidades.

— Quer dizer que, desde ontem, a senhora *viu*?. . .

Abanou a cabeça com dignidade:

— Ouvi!

— Ouviu?

— Ouvi horrores. . . da boca dessa criança! Eis aí tudo! — suspirou, com trágico alívio. — Por minha honra, senhorita. . . as coisas que ela diz!

Mas não pôde suportar tal lembrança; deixou-se cair, com um soluço, sobre o sofá e, como eu a vira fazer em outra ocasião, deu rédeas a toda a sua angústia.

Foi num estado de espírito inteiramente diverso que eu, de minha parte, deixei escapar:

— Oh, graças a Deus!

Levantou-se de um salto, enxugando os olhos com um gemido:

— Graças a Deus?

— Isso me justifica!

— É verdade, senhorita!

Eu não poderia esperar uma aquiescência mais cabal, mas ainda hesitei:

— Ela é assim tão horrível?

Vi que minha companheira mal sabia o que responder.

— É, realmente, chocante.

— E a meu respeito?

— Também a seu respeito. . . já que a senhorita precisa saber. Além de tudo o que se poderia esperar, tratando-se de uma menina daquela idade. Não sei onde é que poderá ter aprendido. . .

— A espantosa linguagem com que se refere a mim? Mas eu posso! — exclamei, lançando uma gargalhada bastante significativa.

Isso, na verdade, serviu apenas para deixar a minha amiga ainda mais grave.

— Bem, talvez eu também o pudesse. .. já que ouvi antes alguma dessas coisas! Mas não me é possível suportar — continuou a pobre mulher, enquanto lançava um olhar ao meu relógio, colocado sobre o toucador. — Mas preciso ir.

— Retive-a:

— Ah, a senhora não pode suportar!. . .

— Como posso estar junto dela, quer a senhorita dizer? Ora, justamente por isso. Para afastá-la daqui. Levá-la para longe daqui — prosseguiu — para longe *deles*. . .

— Será que ela seria diferente? Poderia libertar-se? — exclamei, quase com alegria. — Então, apesar do que aconteceu ontem, a senhora acredita. . .

— Em tais coisas?

A maneira simples pela qual se referia ao acontecido, aliada à expressão de seu rosto, não exigia maiores explicações, e ela me confessou francamente, como não o havia feito até então:

— Acredito.

Sim, aquilo era um motivo de alegria, pois que ainda continuávamos unidas: se pudesse continuar segura de que assim era, pouco me importaria o que viesse a acontecer. Meu apoio na presença do desastre seria o mesmo que havia sido no princípio, quando eu necessitava de confiança, e, se minha amiga respondesse pela minha honestidade, eu responderia pelo resto. Contudo, ao despedir-me dela, senti-me um tanto embaraçada:

— Há, porém, uma coisa que não devemos esquecer — disse-lhe. — Minha carta, dando o alarme, chegará ao seu destino antes do que a senhora.

Percebi, então, de que rodeios ela lançara mão, e que cansaço lhe havia produzido aquele esforço.

— Sua carta não chegará. Sua carta não foi enviada.

— Que é dela, então?

— Deus o sabe! O pequeno Miles...

— Quer dizer que *ele* a apanhou? — perguntei, boquiaberta.

Vacilou, mas, por fim, venceu a sua relutância:

— Quero dizer que ontem, quando voltei com a pequena Flora, ela não estava onde a senhorita a havia colocado. Mais tarde, tive ocasião de interrogar Luke, e este me disse que não a vira nem tocara nela.

Diante disso, só podemos trocar um olhar cheio de muda interrogação, e a primeira a chegar a uma conclusão, com ar quase triunfante, foi Mrs. Grose·

— A senhorita bem o percebe!

— Sim, percebo que Miles, provavelmente, apanhou a carta, leu-a e destruiu-a.

— E não percebe nada mais?

Encarei-a, por um momento, com um sorriso triste:

— Vejo que, a esta altura, os seus olhos estão mais abertos do que os meus.

Revelaram que, de fato, o estavam, mas ela, ainda assim, não pôde deixar de corar ao demonstrá-lo.

— Imagino, agora, o que ele deve ter feito na escola!

E, em sua ingênua perspicácia, fez com a cabeça um gesto de decepção quase cômico:

— Roubou!

Refleti um instante, procurando ser mais imparcial:

— Bem. . . talvez.

Olhou-me como se me achasse inesperadamente calma.

— Roubava *cartas.*

Ela não poderia saber as razões de minha calma, afinal de contas bastante superficial. Expliquei-as, pois, como pude:

— Espero, então, que tenha tido mais proveito do que neste caso! A carta que deixei ontem sobre a mesa continha apenas um pedido de entrevista. Ele deve estar, a estas horas, bastante envergonhado de ter ido tão longe por tão pouco, e é possível que, ontem à noite, sentisse precisamente a necessidade de confessar a sua falta.

Pareceu-me, por um momento, dominar a questão, vê-la com toda clareza.

— Deixe-nos, deixe-nos! — exclamei junto da porta, empurrando-a para fora. — Farei com que ele me conte tudo. Ele me procurará. . . e confessará. Se confessar, estará salvo. E, se estiver salvo. . .

— A senhorita também estará?

E, com estas palavras, a boa mulher me beijou, ao despedir-se. Ao despedir-se, gritou:

— Eu a salvarei, sem que haja necessidade dele!

Mas foi só depois que ela partiu — e eu senti a sua falta imediatamente — que chegou para mim o momento mais difícil. O que quer que fosse que pudesse ter esperado de meu encontro a sós com Miles, o certo é que percebi, desde logo, que esse encontro me proporcionaria, pelo menos, um termo de comparação. Na verdade, nenhuma outra hora de minha permanência em Bly foi tão cheia de apreensões como aquela em que, ao descer de meu quarto, fui informada de que a carruagem que conduzia Mrs. Grose e minha pequena discípula já havia atravessado o portão do jardim. Agora eu estava, disse de mim para comigo, frente a frente com os elementos e, durante grande parte desse dia, ao lutar com a minha fraqueza, dizia a mim mesma que havia sido demasiado temerária. Era ainda mais apertado o círculo em que eu me metera, tanto mais que podia notar, no aspecto dos outros, um confuso reflexo da crise. O que acontecera, naturalmente, espantava a todos; havia pouco que explicar, por mais que nos esforçássemos, acerca do súbito proceder de minha companheira. As criadas e os empregados pareciam estupefatos, o que contribuía para excitar ainda mais os meus nervos, até que senti a necessidade de transformar aquilo num auxílio positivo. Em suma, foi precisamente por haver tomado do leme que evitei um naufrágio completo. E atrevo-me a dizer que, nessa manhã, para enfrentar tudo aquilo, me mostrei muito seca e altiva. Aceitei de bom grado toda a responsabilidade que pesava sobre mim, fazendo com que soubessem que eu, promotora da situação, era uma pessoa de caráter extraordinariamente firme. Com o ar altivo por mim adotado, andei por toda a casa por uma ou duas horas, e não tenho dúvida de que o meu aspecto era o de quem estava preparada para o que desse e viesse. Assim, para benefício de todos aqueles a quem a minha atitude pudesse interessar, exibi grande serenidade com o coração cheio de angústia.

Miles foi a pessoa a quem menos pareceu interessar a minha atitude. Durante as minhas perambulações pela casa, não consegui botar os olhos nele, mas a sua ausência tornava ainda mais patente a mudança verificada em nossas relações em conseqüência da sua conduta da tarde anterior, quando, no interesse de Flora, me mantivera junto ao piano, tão seduzida e enganada. Chamou muito a atenção, certamente, o isolamento e a partida de Flora, e a mudança operada se tornou mais notória pela inobservância de nosso hábito de reunirmo-nos na sala de estudo. Miles já havia desaparecido quando, ao descer, empurrei a porta de seu quarto, sendo informada depois, embaixo, que ele já havia tomado a primeira refeição com Mrs. Grose e com Flora, em presença de duas criadas. Saíra depois, como dissera, para dar uma volta. Nada podia exprimir melhor do que isso, pensei, a sua opinião acerca da abrupta transformação de meu papel na casa. Aquilo que ele agora permitiria que o meu novo papel consistisse não havia ainda sido assentado — mas, de qualquer modo, havia um estranho alívio — para mim, principalmente — ao renunciar a uma pretensão. Do muito que surgiu à tona, atrevo-me a dizer que a coisa mais evidente era, talvez, o absurdo de prolongar a ficção de que eu ainda tinha algo a ensinar-lhe. Percebi suficientemente que, mediante pequenas manobras tácitas, nas quais ele parecia preocupar-se mais do que eu com a minha própria dignidade, eu precisava recorrer à sua ajuda para que me fosse possível enfrentá-lo no terreno de sua verdadeira capacidade. De qualquer modo, ele agora estava livre — e eu nada mais faria para tolher -lhe a liberdade, conforme

ficara demonstrado na noite anterior, quando nos reunimos na sala de estudo, sem que eu fizesse qualquer pergunta ou alusão à maneira pela qual ele passara a tarde. Eu tinha muitas outras idéias, a partir daquele momento, em que pensar. No entanto, quando ele, finalmente, chegou, senti a dificuldade de pô-las em prática: ante a sua encantadora presença, na qual o que ocorrera não deixara, ao menos aparentemente, qualquer mancha ou vislumbre, calei-me, apesar de todo o acúmulo de meus problemas.

Para indicar ao resto da casa a atitude severa que eu resolvera impor, ordenei que as minhas refeições, em companhia do menino, fossem servidas "embaixo", como dizíamos — de modo que o estava esperando na pomposa sala, junto à janela onde recebera de Mrs. Grose, naquele meu primeiro e assustado domingo, um lampejo que mal se poderia chamar luz. E agora sentia novamente — pois que já o sentira outras vezes — até que ponto o meu equilíbrio dependia da vitória da minha rígida vontade: vontade de fechar os olhos, tão fortemente quanto possível, à vontade de que aquilo com que eu tinha de lidar era uma coisa revoltante e contra a natureza. Só podia prosseguir encarando as coisas com "naturalidade", considerando a minha provação com um empurrão numa direção incomum e, certamente, desagradável, mas que exigia apenas, afinal de contas, para que eu vencesse numa luta leal, uma outra volta do parafuso da virtude humana comum. Nenhuma outra tentativa, no entanto, exigia mais tato do que aquela tentativa de suprir, a gente só, *toda* a natureza. Como poderia eu agir com a mínima naturalidade, se me abstinha de fazer qualquer referência ao que havia sucedido? Como, por outro lado, fazer qualquer referência sem mergulhar de novo no odioso e obscuro pélago? Pois bem: ao fim de certo tempo, obtive uma espécie de resposta, cabalmente confirmada pelo que havia de excepcional em meu pequeno companheiro. Era, com efeito, como se ele mesmo agora houvesse encontrado — como encontrara tantas vezes durante as lições — uma nova e delicada maneira de pôr-me à vontade. Acaso não havia luz no fato que, enquanto compartilhávamos de nossa solidão, se revelou com singular resplendor — no fato que seria absurdo desprezar num menino tão bem dotado (pois que a oportunidade, a preciosa oportunidade havia agora surgido), no auxílio que se podia esperar obter de sua clara inteligência? Para que lhe fora dada a sua inteligência, senão para salvá lo? Acaso não seria lícito, tendo-se em vista chegar ao seu espírito, arriscar a gente a despertar as más tendências de seu caráter? Quando nos sentamos frente a frente na sala de jantar, foi como se ele me indicasse o caminho. O assado de carneiro estava sobre a mesa, e eu havia dispensado a criada. Miles, antes de sentar-se, permaneceu um instante de pé com as mãos nos bolsos e olhou o prato que ia ser servido, como se fosse fazer algum comentário jocoso. Mas o que disse foi apenas isto:

— Ouça, querida: ela está, realmente, muito doente?

— A pequena Flora? Não tão doente que não possa melhorar logo. Londres lhe fará bem. Os ares de Bly já não lhe convinham. Venha comer o seu carneiro.

Obedeceu prontamente. Levou o prato, com cuidado, para o seu lugar e, uma vez sentado, prosseguiu:

— Os ares de Bly começaram a fazer-lhe mal assim tão de repente?

— Não tão de repente como você poderia pensar. Percebia-se que isso iria acontecer.

— Então por que a senhorita não fez com que ela partisse antes?

— Antes do quê?

— Antes que ficasse muito doente para viajar.

Aquilo me apanhou preparada:

— Ela *não está* muito doente para viajar. Mas poderia ter ficado, se permanecesse aqui. Este era o momento oportuno. A viagem dissipará a influência (Ah, com que dignidade me portei!) e ela se sentirá bem.

— Compreendo, compreendo — disse Miles, sem que lhe faltasse, tampouco, dignidade.

Pôs-se a comer com suas encantadoras "maneiras de mesa", as quais, desde a minha chegada, evitaram que eu precisasse fazer qualquer admoestação vulgar. Não havia sido expulso do colégio, certamente, por não saber portar-se à mesa. Mostrava-se irrepreensível como sempre, mas, percebia-se, suas atitudes eram mais intencionais. Procurava, evidentemente, encarar como coisas assentes mais do que lhe era possível descobrir por si próprio e, ao analisar a sua situação, mergulhou em tranquilo silêncio. Nossa refeição foi das mais rápidas, sendo que a minha não passou de simples pretexto. Ordenei, logo, que retirassem a mesa. Enquanto isso era feito, Miles permaneceu de novo de pé, com as mãos em seus pequenos bolsos e as costas voltadas para mim, a olhar pela ampla janela através da qual eu vira, em outra ocasião, aquilo que me causara profunda perturbação. Continuamos em silêncio enquanto a criada se achava presente — tão silenciosos, pensei, como um jovem par que, em sua viagem de núpcias, numa estalagem, se sentisse acanhado em presença do garçom. Miles só se voltou de novo para mim depois que a criada nos deixou:

— Muito bem! Estamos sós, afinal!

Oh, mais ou menos — imagino o sorriso com que respondi. — Não de todo. Isso não nos agradaria! — prossegui.

— Não, suponho que não. Temos, certamente, os outros.

— Sim, com efeito, temos os outros — assenti. — Temos os outros.

— Mas embora tenhamos os outros — continuou ele, com as mãos nos bolsos e de pé à minha frente — eles não contam muito, não é verdade?

Procurei valer-me o máximo de suas palavras, mas me sentia sem forças·

— Isso depende do que você chama "muito".

— Sim — aquiesceu, cordato — tudo depende!

E olhou de novo para a janela, aproximando-se dela com os seus passos indecisos, vagos, medidos. Permaneceu ali um momento, a testa apoiada à vidraça, a contemplar os estúpidos arbustos e a monótona paisagem de novembro. Eu tinha sempre em mão a hipocrisia de meu "trabalho" e, assim, me dirigi ao sofá. Apoiando-me nele como havia feito repetidas vezes nos momentos de tortura que já descrevi como sendo os momentos em que as crianças se entregavam a algo de que eu estava excluída, obedeci suficientemente ao meu hábito de estar preparada para o pior. Mas uma extraordinária impressão se apoderou de mim ao perceber um "significado" na atitude embaraçada do menino, de costas para mim: nada mais, nada menos, do que a impressão de não me sentir, naquele momento, excluída. Essa inferência adquiriu, em poucos minutos, uma aguda intensidade, parecendo unir-se à percepção direta de que era *ele*, positivamente, quem agora se sentia excluído. O marco e os retângulos da grande janela eram uma espécie de imagem, para ele, de uma espécie de fracasso. Parecia-me vê-lo, de qualquer modo, fechado por dentro ou por fora. Ele estava admirável, mas não se sentia à vontade· encarei tal fato com um estremecimento de esperança. Acaso não procurava, através da vidraça enfeitiçada, algo que ele não podia ver? E não era aquela a primeira vez que tal visão lhe faltava? Sim, a primeira, a primeira vez! Aquilo me pareceu um esplêndido augúrio! Embora procurasse não o demonstrar, estava ansioso, estivera-o o dia todo e, mesmo quando se sentou à mesa, com suas maneiras encantadoras, precisou lançar mão de todo o seu estranho talento infantil para salvar as aparências. Quando, por fim, se voltou para mim, foi como se todo esse talento houvesse sucumbido:

— Bem, creio que estou contente de que os ares de Bly não me façam mal!

— Não há dúvida de que você dá a impressão de que, nestas últimas vinte e quatro horas, tirou mais proveito de Bly do que durante todo o tempo anterior. Espero — prossegui, corajosamente — que você tenha se divertido.

— Oh, sim, nunca estive tão longe; milhas e milhas longe daqui. Nunca fui tão livre.

Tinha, realmente, uma maneira altiva toda sua, de modo que não me restava outra alternativa senão manter-me em seu nível.

— Muito bem! E isso lhe agrada?

Sorriu durante um instante; depois, perguntou:

— E à senhorita, agrada-lhe?

Jamais pensei que tão poucas palavras pudessem dizer tanta coisa! No entanto, antes que eu

tivesse tempo de responder, prosseguiu, como se achasse que devia atenuar aquela impertinência:

— Nada poderia ser mais encantador do que a maneira pela qual a senhorita encarou tudo, pois se agora estamos sós, a senhorita é quem o está mais. Mas espero — acrescentou — que isso não tenha, para a senhorita, grande importância!

— Ter de ocupar-me de você? — perguntei. — Meu menino: como é que poderia deixar de importar-me? Embora haja renunciado ao direito de exigir a sua companhia. . . pois que você é tão superior a mim. . . ela, pelo menos, me agrada sobremaneira. Não fora isso, por que deveria eu ficar aqui?

Olhou-me mais diretamente, e a expressão de seu rosto, agora
mais grave, me pareceu mais bela do que nunca.

— A senhorita fica aqui unicamente *por isso?*

— Certamente. Fico como sua amiga, pelo tremendo interesse que você me inspira, até que possa fazer por você alguma coisa que valha a pena. Isso não deveria surpreendê-lo — prossegui, com voz trêmula, sentindo que não me seria possível dominar a emoção. — Você não se lembra de que, naquela noite da tempestade, quando me sentei à sua cama, eu lhe disse que não havia nada no mundo que eu não fizesse por você?

— Sim, lembro-me!

De sua parte, cada vez mais visivelmente nervoso, ele também necessitava dominar a voz. Não obstante, era muito mais bem sucedido do que eu, pois, apesar de sua gravidade, podia rir, fingindo que estávamos gracejando.

— Só que me disse isso, creio eu, para conseguir que eu fizesse alguma coisa pela *senhorita.*

— Era, em parte, para que você fizesse uma coisa — admiti. — Mas você bem sabe que não o fez.

— Oh, sim! — exclamou com viva e superficial veemência. — A senhorita queria que eu lhe dissesse algo.

— Exatamente. Que me falasse com franqueza. Que me dissesse o que é que você oculta em seu espírito.

— Ah, então foi por *isso* que a senhorita ficou?

Falava com uma alegria através da qual eu podia perceber um leve tremor de ressentimento e cólera. Mas não posso exprimir a impressão que me causou a implicação de sua derrota, embora tão velada. Era como se aquilo pelo qual eu tanto ansiara houvesse chegado, finalmente, apenas para deixar-me atônita.

— Bem. . . sim. Creio que agora posso confessá-lo: foi precisamente por isso.

Demorou muito tempo para responder, como se procurasse um argumento que lhe permitisse repudiar a suposição em que eu baseara a minha conduta. Mas disse, finalmente:

— Quer que eu diga agora. . . aqui?

— Não poderia haver lugar nem ocasião mais apropriada.

Olhou em torno, inquieto, e eu tive a impressão — oh, a esquisita, a curiosa impressão! — de perceber nele o primeiro sintoma de medo. Era como se tivesse, subitamente, medo de mim — o que fez pensar que aquilo talvez fosse a melhor coisa que eu poderia inspirar-lhe. Contudo, na própria angústia de meu esforço, tentei em vão mostrar-me severa e, após um instante, me ouvi perguntar, com uma suavidade que chegava quase a ser grotesca:

— Você deseja tanto assim ir embora novamente?

— Terrivelmente!

Sorriu-me, heroicamente, e a sua pequena e tocante coragem era realçada pelo rubor que o sofrimento lhe causava. Apanhara o chapéu, que trouxera consigo ao entrar, e pôs-se a retorcê-lo de uma maneira que me fez sentir, quando eu já estava quase a tocar o porto, um perverso horror pelo que eu estava fazendo. O que quer que fosse que fizesse, constituiria um ato de violência. Que outra coisa senão violência era a intromissão de uma idéia de grosseria e culpabilidade numa criaturinha indefesa que me revelara a possibilidade de relações encantadoras? Não era vil criar para uma criatura tão delicada um mal-estar tão alheio à sua maneira de ser? Julgo, agora, ler em nossa situação com uma clareza que me faltava na ocasião, pois me parece ver os nossos pobres olhos já iluminados por um lampejo premonitório da angústia que teríamos de experimentar. De modo que girávamos em torno de um círculo, cheios de terrores e de escrúpulos, como lutadores que não ousavam aproximar-se do adversário. Mas cada um de nós temia pelo outro! Isso nos manteve um pouco mais em suspenso, incólumes.

— Contar-lhe-ei tudo — disse Miles. — Quero dizer, contarei tudo que a senhorita quiser. A senhorita ficará comigo, tudo nos correrá bem e eu lhe contarei. . . contarei. Mas não agora.

— Por que não agora?

Minha insistência o afastou de mim, fazendo com que se mantivesse em silêncio, uma vez mais, junto à janela — um silêncio durante o qual poderia ter-se ouvido a queda de um alfinete. Depois, enfrentou-me de novo com o ar de uma pessoa que estivesse sendo esperada, fora, por alguém.

— Preciso ver Luke.

Eu não o obrigara nunca a dizer uma mentira tão vulgar, e me senti igualmente envergonhada. Mas, por mais horrível que isso fosse, suas mentiras determinaram a minha verdade. Dei alguns pontos em meu trabalho, pensativamente.

— Bem, vá ver Luke, enquanto ficarei à espera do que você me prometeu. Mas, em troca disso, satisfaça, antes de ir, a um pedido muito menos importante.

Tinha o ar de haver triunfado o bastante para que pudesse fazer uma concessão.

— Muito menos importante?

— Sim, uma simples fração do todo. — Diga-me — ajuntei, sem erguer os olhos de meu trabalho, como se este fosse sumamente importante — se, ontem à tarde, você tirou minha carta da mesa do hall.

Minha percepção de como ele recebera minhas palavras sofreu, por um momento, algo que só posso descrever como um violento desdobramento de minha atenção — um golpe que, a princípio, quando me pus de pé de um salto, me reduziu ao cego movimento de tomá-lo em meus braços, estreitá-lo de encontro ao peito e, enquanto me apoiava ao móvel mais próximo, mantê-lo instintivamente de costas para a janela. A aparição estava ante nós tão próxima como jamais eu a vira antes: Peter Quint surgira como uma sentinela diante de uma prisão. Vi-o, imediatamente, chegar à janela, aproximar-se da vidraça e espiar através dela, oferecendo, uma vez mais, ao aposento, o seu lívido rosto de condenado. Dizer que, num segundo, minha decisão estava tomada, não representa senão grosseiramente o que se passou em meu íntimo; no entanto, não creio que mulher alguma, tão oprimida como eu me achava, conseguisse, em tão curto espaço de tempo, recobrar o domínio de seus atos. Devido ao próprio horror daquela presença imediata, vendo e enfrentando o que eu via e enfrentava, compreendi que devia manter Miles alheio ao que se passava. A inspiração — pois que não posso empregar outro nome — fez-me sentir de que maneira voluntária, de que maneira transcendente, eu *podia fazê*-lo. Era como lutar com um demônio para salvar uma alma humana, e ao pensar nisso, vi como a alma humana — mantida junto a mim, no tremor de minhas mãos — possuía uma adorável fronte infantil banhada de suor. O rosto próximo do meu estava tão pálido como o rosto que se achava colado à vidraça e, um instante após, ouvi uma voz que não era baixa nem fraca, mas que parecia vir de muito longe, e que eu aspirei como deliciosa fragrância.

— Sim... eu a tomei.

Com um gemido de júbilo, estreitei-o mais fortemente de encontro ao peito e, enquanto o tinha assim junto de mim, podendo sentir, na súbita febre de seu corpo, o violento palpitar de seu coraçãozinho, mantive o olhar posto na coisa que se encontrava junto à janela, vendo-a mover-se e mudar de posição. Comparei a aparição a uma sentinela, mas a maneira lenta com que se moveu se assemelhava mais ao movimento de uma fera que se visse privada de sua presa. Naquele momento, porém, era tal a minha coragem que, para não trair-me, tive de atenuar, por assim dizer, a sua chama. Enquanto isso, o olhar sinistro brilhava ainda junto à janela: o miserável nos fixava como se estivesse à espera. Foi a convicção de que eu podia, agora, desafiá-lo, bem como a certeza de que, aquela vez, o menino nada percebera, que me fizeram prosseguir.

— Por que foi que você a tirou?

— Para ver o que a senhorita dizia de mim.

— Você abriu a carta?

— Abri.

Meus olhos estavam agora, ao afrouxar os braços, pousados no próprio rosto de Miles, onde a cessação da ironia mostrava até que ponto o atormentava a inquietude. Era prodigioso que, por fim, devido à minha vitória, seus sentidos se achassem selados e interrompida a comunicação: ele sabia que estava em presença de algo, mas não sabia de que, e sabia ainda menos que eu também estava diante da mesma presença, e que sabia de que se tratava. Mas que poderia

importar a sua inquietude quando os meus olhos, ao pousar de novo na janela, viram apenas o ar transparente e — graças ao meu triunfo pessoal — vencida a maligna influência? Nada havia na janela. Eu senti que havia triunfado, e que o meu triunfo seria completo.

— E você não encontrou nada! — exclamei, jubilosa.

Negou com a cabeça, com ar sumamente triste e pensativo:

— Nada.

— Nada, nada! — gritei de alegria.

— Nada, nada — repetiu, tristemente.

Beijei-lhe a testa; estava banhada de suor.

— Que foi, então, que você fez dela?

— Queimei-a.

— Queimou-a?

Tinha de ser agora ou nunca. Perguntei:

— Foi isso que você fez no colégio?

Oh, o que aquilo trouxe à tona!

— No colégio?

— Você apanhava as cartas. . . ou outras coisas?

— Outras coisas?

Parecia pensar em algo muito distante, que só chegava a ele devido à pressão de sua ansiedade:

— Pergunta se eu *roubava?*

Senti-me enrubescer até a raiz dos cabelos, pensando qual das duas coisas era mais estranha: fazer tal pergunta a um cavalheiro ou vê-lo acolher tal pergunta com uma indulgência que dava bem idéia da sua queda?

— Era por isso que você não podia voltar?

Manifestou apenas uma ligeira e triste surpresa:

— A senhorita sabia que eu não podia voltar?

— Sei tudo.

Diante disso, dirigiu-me longo e estranho olhar.

— Tudo?

— Tudo. Então você. . . — mas não pude repetir.

Miles pôde fazê-lo, com simplicidade:

— Não. Eu não roubava.

Meu rosto devia certamente revelar que eu acreditava em suas palavras; mas minhas mãos — movidas por puro carinho — o sacudiram, como se eu lhe perguntasse por que razão, se nada havia a ocultar, me havia ele condenado a meses de tortura.

— Que foi que você fez, então?

Olhou para o teto com vago sofrimento e respirou duas ou três vezes como se lhe fosse difícil responder. Dir-se-ia que se achava no fundo do mar e erguesse os olhos para uma fraca e verdadeira claridade.

— Bem... eu dizia certas coisas.

— Apenas isso?

— Eles acharam que era suficiente!

— Para expulsá-lo?

Nunca, em verdade, uma pessoa "expulsa" mostrou que tinha tão pouco a explicar como aquela criaturinha! Parecia pesar à minha pergunta, mas de um modo inteiramente desprendido e quase irremediável.

— Bem... Acho que eu não as deveria ter dito.

— Mas a quem você as disse?

Procurou, evidentemente, recordar — mas desistiu. Não se lembrava.

— Não sei!

Quase sorriu para mim na desolação de sua derrota, que, na verdade, a essa altura, já era tão completa que eu deveria ter abandonado o assunto. Mas eu estava apaixonada pelo caso, cega pela minha vitória, embora, mesmo então, a minha vitória tivesse como resultado, ao invés de aproximá-lo de mim, acentuar a nossa separação.

— Você as disse a todos? — perguntei.

— Não. Somente a...

Moveu ligeiramente a cabeça, com ar de fastio:

— Não me lembro de seus nomes.

— Eram tantos assim?

— Não... apenas alguns. Aqueles de quem eu gostava.

Aqueles de quem gostava? Eu tinha a impressão de que flutuava não em direção da luz, mas de uma escuridão ainda mais completa e, decorrido um minuto, ocorreu-me, vindo do fundo do meu espantoso alarme, a idéia de que ele talvez fosse inocente. No momento, aquilo me pareceu uma coisa atordoadora, insondável, pois, se ele era inocente, que era eu, então? Paralisada, naquele instante, pelo próprio impacto da questão, soltei um pouco as rédeas, de modo que, com um profundo suspiro, ele me voltou de novo as costas — e eu permiti que olhasse para a janela vazia, sabendo que agora nada lá havia que devesse ser evitado.

— E eles repetiram o que você disse? — perguntei, após um momento.

Decorrido um instante, estava um pouco afastado de mim, ainda respirando com dificuldade e dando-me a impressão, embora não revelasse nenhuma irritação por isso, de que se encontrava tolhido contra a sua vontade. Ainda uma vez, como havia feito antes, olhou a claridade opaca do dia como se daquilo que havia sido até então o seu sustentáculo não restasse senão uma inenarrável ansiedade.

— Oh, sim!... Devem ter repetido. Aqueles de quem gostavam.

De qualquer modo, era menos do que eu esperava escutar. Mas refleti um pouco.

— E essas coisas chegaram aos ouvidos?...

— ...dos professores? Oh, sim! — respondeu simplesmente. — Mas eu não sabia que haviam dito.

— Os professores? Jamais o disseram. Por isso é que lhe pergunto.

Voltou de novo para mim o seu belo rosto febril.

— Sim. Foi uma coisa muito má.

— Muito má?

— Aquilo que eu suponho que, às vezes, dizia. Para que escrevessem para casa.

Não posso descrever a acentuada e patética contradição que havia entre essas palavras e quem as proferia; só sei que, após um instante, me ouvi exclamar com familiar violência:

— Tolices!

Mas, logo depois de ter agido com tal severidade, perguntei:

— Que coisas eram?

Minha severidade se dirigia inteiramente ao seu juiz, ao seu verdugo; no entanto, fez com que ele de novo se afastasse de mim, o que me levou a pôr-me de pé de um salto e tomá-lo em meus braços, lançando um grito irreprimível. Porque outra vez, encostado à vidraça, como para fazer malograr a sua confissão e reter a sua resposta, estava o odioso autor de nosso infortúnio — o rosto lívido e maldito. O desmoronar de minha vitória e o recomeçar da batalha causaram-me ligeira vertigem, de modo que aquele meu violento impulso serviu apenas para trair-me. Mas, enquanto assim agia, compreendi que Miles apenas adivinhava o que estava acontecendo e que, para ele, não havia ninguém junto à janela. Deixei, então, que o meu vivo arrebatamento convertesse o auge de sua decepção na própria prova da sua libertação. "Nunca mais, nunca mais, nunca mais!", gritei para o visitante, enquanto procurava manter Miles em meus braços.

— Ela está *aqui*? — perguntou, arquejante, seguindo com os olhos, agora vendados, a direção de minhas palavras. Depois, como o seu estranho "ela" me transtornara a ponto de fazer-me repetir a palavra como um eco, ele, com súbita fúria, exclamou:

— A senhorita Jessel, a senhorita Jessel!

Compreendi, estupefata, a sua suposição de que eu estivesse repetindo o mesmo que fizera com Flora, mas isso me fez apenas desejar mostrar-lhe que minha vitória era ainda mais completa.

— Não é a senhorita Jessel! Mas está na janela. . . diante de nós. Lá está, o monstro covarde, pela última vez!

Decorrido um segundo, em que moveu a cabeça como um cão que perdeu a pista, e que a lançou para trás, num gesto brusco, como em busca de ar e de luz, voltou-se para mim pálido de cólera, perplexo, olhando inutilmente para todos os lados e não encontrando nada, embora eu sentisse o aposento envenenado pela dominante e opressora presença.

— É *ele?*

Eu estava tão decidida a obter todas as provas que, para desafiá-lo, simulei glacial tranquilidade:

— A quem você se refere?

— Peter Quint! Ah, *seu* demônio!

Seu rosto dirigiu novamente, em torno do aposento, uma convulsa súplica:

— *Onde?*

Tenho ainda em meus ouvidos o som daquele nome, proferido como uma rendição suprema, como um tributo à minha dedicação.

— Que importância tem ele agora, meu querido? Que importância poderá ter doravante? *Eu* tenho você — exclamei, dirigindo-me à fera — e ele o perdeu para sempre!

E ajuntei, para demonstrar que cumprira a minha obra:

— Ali, *ali*! — exclamei, apontando a janela.

Mas Miles já havia escapado de meus braços e, voltando-se para o outro lado, ficou a fitar, perscrutadoramente, a janela, não vendo senão o dia tranquilo. Ante o golpe dessa perda, de que eu tanto me orgulhava, lançou um grito de criatura lançada sobre um abismo, e o gesto com que o segurei bem poderá ter sido o de agarrá-lo em sua queda. Agarrei-o, sim, apertei-o de encontro

ao peito. . . e bem pode imaginar-se com que paixão! Mas, ao cabo de um minuto, comecei a sentir o que realmente estreitava em meus braços. Estávamos a sós no dia tranquilo, e o seu pequeno coração, despossuído, deixara de pulsar.

HENRY JAMES

— o mais sutil prosador norte-americano
e também o maior estilista
dessa rica literatura —
conta em

Outra Volta do Parafuso

uma história estranha, misteriosa e
diabólica em que, entre outras
personagens, avultam uma preceptora
torturante, duas inocentes crianças
mal despertas para a vida e
dois aterradores fantasmas.

Narrativa densa e tensa,
cuja leitura nos envolve
da primeira à última página.

Outra Volta do Parafuso

é uma obra-prima das
letras universais.

MAIS UM LANÇAMENTO DE CATEGORIA DA
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

OUTRA VOLTA DO PARAFUSO

HENRY JAMES

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Table of Contents

OUTRA VOLTA DO PARAFUSO
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
24